

**UNIVERSIDADE DO PORTO**  
**FACULDADE DE ECONOMIA DO PORTO**

**LICENCIATURA DE ECONOMIA**

**Introdução à Economia**

**Lição Síntese**

(De acordo com as disposições legais relacionadas  
com a obtenção do grau de agregado em Economia  
constantes do decreto-lei nº 301/72, de 14 de Agosto)

**Carlos Pimenta**

**Julho de 1995**

# Índice

Introdução	5
Mercado: Considerações Científicas e Pedagógicas	8
Parte I: Prolegómenos à apresentação de um conceito	9
Objectivos da sessão	9
Sequência temática. Prévio conhecimento da racionalidade	11
Preocupações pedagógicas	16
Notas	34
Parte II: Elementos constitutivos do mercado	35
Noção de mercado	35
Tipos de mercado	57
Algumas considerações pedagógicas finais	69
Notas	71
Parte III: A Procura	73
Considerações prévias	73
Primeiras observações sobre a procura	79
Segundas observações sobre a procura	90
Terceiras observações sobre a procura	93
Quartas observações sobre a procura	96
Retomando a discussão	103
Quintas observações sobre a procura	124
Notas	135
Parte IV: Um novo conjunto de interrogações	138
Notas	142
Esquematização das aulas	143
Observações prévias	144
Slides em tópicos de texto	148
Slides em imagens	164

## ÍNDICE

Slides em imagens: referência à cor	255
Slides com imagem e texto complementar	258
Bibliografia	260
Capítulo do livro sobre distribuição	269
Observação final	294

# **Introdução**

**P**ara a aula escolhemos como tema genérico o mercado e como tema específico a procura.

Fizemo-lo porque consideramos que se trata de uma matéria essencial, ou não estivéssemos numa economia capitalista que muitos teimam em designar, para a distinguir das restantes, por economia de mercado. Arquitectámo-lo porque exige uma particular atenção pedagógica, condição de uma profícua aprendizagem de outras matérias. Seleccionámo-lo porque consideramos que o tratamento que lhe é dado em textos introdutórios, e não só, é manifestamente insuficiente e sobretudo, parte de uma falsa dicotomia entre microeconomia e macroeconomia.

Se estas eram razões suficientes para abordar um tal tema também contou o facto de ele ser propício a repensar muitas das metodologias frequentemente utilizadas e de servir de pretexto para o aparecimento de novos paradigmas. Mais que desbravá-los, o que não estaria no âmbito deste trabalho, procuramos mostrar que alguns problemas difíceis susceptíveis de futuras investigações económicas podem, e devem, ser apresentados aos estudantes que começam a dar os primeiros passos sólidos no caminho da Ciência Económicos. São esses tipos de preocupações que surgem na sequência das matérias a serem estudadas e o estudo inicial da racionalidade, as questões da espacialidade e temporalidade, a importância dos modelos complexos e do conceito de determinismo caótico.

É uma temática propícia para mostrar como a diversidade de leituras da mesma realidade pode ser apresentada com coerência, como diversos autores aparentemente dispares podem «ser postos a dialogar», como leituras divergentes se compatibilizam com a modificação de algumas hipóteses introdutórias, como as aparentes concordâncias e as fáceis evidências podem encobrir fugas aos problemas.

**O**bviamente que o conteúdo da aula está estreitamente associado à concepção que temos do que deve ser o ensino da Economia. Por isso há uma grande concordância, pelo menos assim o admitimos, entre as lucubrações sobre a disciplina e o que agora apresentamos.

Então mostramos que a disciplina de Introdução à Economia é um ponto de convergência de uma diversidade de preocupações e concepções do que é uma Faculdade de Economia. Talvez todas as disciplinas o sejam, mas esta tem razões para amplificar o problema devido ao impacto que pode ter sobre o empenho futuro dos alunos, pela dependência em que se encontra do ensino secundário, pela garantia que tem de dar à continuidade do estudo noutras matérias.

A disciplina que admitimos poder funcionar é o resultado de um conjunto de compromissos, nem sempre totalmente concordantes entre si. Logo a aula sobre o mercado e a procura também o é. É susceptível de diversas apresentações, tantas quantos os modelos de ensino e de Economia, quanto as interrogações científica, pedagógicas e sociais não se diluam num todo homogéneo.

A aula deve ser coerente e não transparecer para os alunos esta multiplicidade de conflitos, as certezas, dúvidas e angústias do professor. Pensamos cumprir com essa linha de orientação quando apresentamos os transparentes, os slides, que orientam a condução de um conjunto de aulas que deverão ter um tempo efectivo de dez horas.

É uma coerência «soada» nas angústias do conflito entre o pedagogo e o cientista, o comodismo do saber feito e os desafios das alternativas teóricas, a exigência do pormenor e a impossibilidade de o esmiuçar no tempo disponível, entre a defesa de certas leituras do económico e a adopção de uma forma de abordar os problemas que não conduza ao afastamento instintivo de muitos que preferem o sectarismo ao diálogo. Estas lutas expressam-se no confronto de posições constante no diálogo e no esquema de um texto que pretende abordar problemáticas novas usando um figurino tradicional.

Para terminar não posso deixar de expressar um grande conjunto de agradecimentos. Em primeiro lugar a alguns professores, investigadores e amigos que me transmitiram espontânea ou expressamente certas preocupações. Exigem uma referência especial os professores Pereira de Moura e Armando de Castro. Em segundo lugar a todos os meus alunos de Introdução à Economia em diferentes espaços geográficos, e de outras disciplinas de licenciatura e mestrado, e em especial para todos os que me colocaram perguntas incómodas, me alertaram para a hipótese de novas leituras da realidade, me mostraram a diversidade humana. Em terceiro lugar para os meus colegas que de alguma forma colaboraram na docência de algumas disciplinas e que em determinada altura sonharam que era possível elaborar um livro de introdução à ciência económica diferente. De entre eles, se tal me é permitido, e com desculpa a todos os restantes, não posso deixar de referir os professores Fátima Brandão e Daniel Bessa.

Talvez também tenha a agradecer a todos aqueles que por mesquinhez, jogos do poder, vaidades efémeras e sectarismo me ajudaram a mostrar por onde nunca gostaria de caminhar.

É um lugar comum terminar dizendo que os erros são da minha inteira responsabilidade. Sem dúvida. E certamente serão muitos hoje e amanhã. São eles que nos dão a alegria de uma permanente aprendizagem e renovação.

**Mercado:**  
Considerações Científicas e Pedagógicas



## PARTE I

### PROLEGÓMENOS A APRESENTAÇÃO DE UM CONCEITO

#### OBJECTIVOS DA SESSÃO

**C:** O tema da nossa conversa pretende responder à pergunta «Como apresentar o conceito de mercado a alunos que iniciam o seu estudo de Economia?». O facto de reunirmos à volta desta mesa professores, alunos e investigadores permitir-nos-á analisar o problema de diferentes pontos de vista e considerarmos simultaneamente as vertentes científica e pedagógica.<sup>1</sup>

**J1:** Esperemos que haja uma linguagem comum a tantas preocupações diferentes! Por vezes a divulgação dos saberes científicos são demasiado traiçoeiros e mais do que divulgar os conhecimentos adquiridos contribui para a sua deturpação.

**M1:** As preocupações pedagógicas, que inevitavelmente nos deverá ocupar, se pretendermos que os alunos tenham um desenvolvimento cognitivo adequado para um determinado saber disciplinar, não é a divulgação dos saberes adquiridos mas uma forma diferente de repensá-los.

**M2:** Repensá-los numa nova perspectiva que tem de ter em conta a exactidão científica mas também a explicitação de muitos aspectos que são assumidos espontaneamente pelos investigadores, que quase nunca constam dos seus escritos e que, no entanto, são partes indissociavelmente constitutivas da sua análise.

**J1:** Não entendam nas minhas palavras qualquer desconfiança em relação ao exercício que estamos aqui a fazer. Apenas pretendi alertar para um problema. O ângulo de abordagem de um problema exige uma determinada linguagem que nem sempre é compatível com a de outro.

**C:** Seria iludirmos o problema desconhecemos as dificuldades que o nosso esforço envolve. Sobretudo se pretendermos conjugar um reflexão crítica, um respeito pela diversidade de leituras da mesma realidade objectiva com uma coerência de conceitos, de sequência de matérias, de rigor científico.

**J2:** Diversidade de leituras? É bom não exagerarmos esta vertente. Não podemos negar que existam divergências entre os economistas mas elas são muito pouco significativas em comparação com os pontos de concordância. As teses sobre a existência de uma conflitualidade interna da Ciência Económica apenas pretendem enfraquecer a força dos economistas junto da sociedade.

**C:** Não podemos iludir que hoje coexistem, com capacidades de afirmação e de divulgação, diferentes interpretações do funcionamento económico da sociedade. Falar em neoclassismo, keynesianismo, síntese neoclássica e marxismo, numa classificação muito primária, continua a ter validade. Associadas a cada uma destas correntes estão diferentes interpretações do que é a Ciência Económica, dissemelhantes metodologias de construção, diversas concepções de cientificidade, variados impactos sobre a sociedade.

**J2:** Hoje tudo gira à volta da síntese neoclássica.

**C:** Não gostaria aqui e agora de entrar nessa polémica. Certamente temos opiniões diversas. O que é importante deixar claro é que a conflitualidade interna, mais ou menos intensa conforme as ópticas de cada um, têm raízes objectivas, sociais, e subjectivas, resultado dos processos de construção científica. Sobre as primeiras pouco ou nada podemos fazer mas uma reflexão colectiva, frontal, crítica, racional poderá permitir reduzir as segundas. Todos teremos a ganhar se conseguirmos encontrar pontes entre as diversas leituras da realidade económica, entre as diversas escolas.

**J2:** Se admitirmos que não preciso definir o que é um elefante para as pessoas saberem o que ele é e se transpusermos esta lógica para a superfluidade de grande parte das definições em Economia, o que certamente não deixará de ser louvado pelo pragmatismo, talvez a unanimidade seja maior, sem ser total, sem precisarmos de definir, de analisar, de pormenorizar o que parece evidente. Mas o que é incontestável para nós, professores, não é patente para os alunos ou é-lhes com um sentido radicalmente diferente do que nós lhe atribuímos. A relação pedagógica exige uma grande precisão conceptual. Ao caminharmos nesse sentido chocamos constantemente com as ambiguidades, com a falta de rigor, com as divergências entre os diversos textos. Seria fácil dizer que uns estão certos e outros errados, mas creio que é muito mais racional, e louvável

para os economistas, admitir que existem diferentes leituras. As evidências são inimigos do progresso científico.

**F1:** A vossa discussão não está nada evidente para nós.

**C:** Tem razão. Este debate ultrapassa-vos mas tirem pelo menos um ensinamento importante: os economistas frequentemente não se entendem. Como afirma **Joan Robinson**, estudar Economia “não é adquirir um conjunto de respostas preparadas para questões económicas”, não é só isso, para sermos mais rigorosos, “mas sim aprender a maneira de não ser iludido por economistas”.

**F2:** Sobretudo se os economistas também são políticos.

## SEQUÊNCIA TEMÁTICA. PRÉVIO CONHECIMENTO DA RACIONALIDADE

**C:** Retomemos. Vamos tentar analisar o que é o mercado admitindo que os alunos já tomaram contacto com três outros conceitos: racionalidade, custo de oportunidade e preço.

**F1:** Quando pegamos num livro de iniciação à Economia o estudo dos mercados não são antecipados por esses três temas. Na quase totalidade deles a racionalidade nem sequer surge como assunto a estudar embora a par e passo se pressuponha, explícita ou implicitamente, uma determinada forma dos agentes económicos, dos cidadãos, encararem a sua acção e avaliarem a dos outros. Sendo assim, como poderemos supor a racionalidade como matéria anteriormente abordada?

**C:** Está a tratar uma questão que já foi abordada na última sessão de trabalho mas que deve ser aqui afluada. Pressupomos conhecimentos adquiridos porque na última sessão de trabalho levantamos a hipótese de darmos uma arrumação diferente às matérias introdutórias de estudo de forma a conseguirmos três objectivos diferentes: 1) encadear os conceitos de forma a

que a sua sequência de apresentação corresponda à sua importância relativa no saber disciplinar da Economia Política; 2) fornecer aos alunos uma sequência temática que lhes dê a capacidade de em cada momento reflectirem sobre a axiomática simplificadora da construção do modelo, axiomática inevitavelmente existente, possivelmente modificável, de profundas consequências sobre o significado do modelo a que dá origem; 3) começar pelos elementos comuns a todas as leituras teóricas da realidade científica para tentar encontrar as similitudes e as diferenças, para procurar ver como é possível conjugar contributos positivos de diferentes escolas do pensamento.

**A1:** E para tal parte-se da racionalidade e do custo de oportunidade.

**C:** Exactamente.

**A1:** Porquê? Por que razão esses dois conceitos deverão ser os pontos de partida?

**C:** Centremo-nos na vertente mais difícil, na racionalidade, já que é mais fácil entender a importância do custo de oportunidade.

**A1:** Mais fácil?

**C:** Se entendermos que a Economia é uma ciência das escolhas e que o custo de oportunidade é um útil instrumento para as medir.

**A1:** O que não nos dispensa de equacionar sobre o significado social e individual das escolhas, sobre as determinantes das opções, sobre o possível significado diferente do conceito de custo de oportunidade para as diferentes correntes do pensamento.

**C:** O que nos remete de imediato para a racionalidade, isto é, para a explicitação dos elementos justificativos dos comportamentos dos indivíduos, dos grupos e da sociedade, com particular destaque para os associados à adopção de opções expressáveis em rendimento ou riqueza.

**J1:** Se estudar essas questões é estudar a racionalidade então estamos fora da Ciência Económica. “A teoria econômica não se interessa pelo modo de funcionar da mente individual. Não quer saber como ela chega a avaliar, bastando-lhe a certeza de que avalia de algum modo”<sup>2</sup>. Centra-se nos impactos dos comportamentos individuais sobre um conjunto de variáveis e não sobre as determinantes desses comportamentos.

**C:** Estudar a racionalidade não é entrar nas áreas da Psicologia Individual, como sugere, da Psicologia Social, como outros defenderiam, ou da Sociologia. É, em primeiro lugar, compreender a relação dialéctica sociedade-indivíduo e a sua diversidade sincrónica e diacrónica ao mesmo tempo que se explicita no fenómeno social...

**J2:** Não gosto do termo mas vou deixar passar sem observação!

**C:** Ao mesmo tempo que se explicita no fenómeno social, dizia eu, quais são os aspectos que são especificamente considerados pela Economia Política. Por outras palavras, ao mesmo tempo que se precisa a relação entre objecto real, objecto social e objecto económico. É, em segundo lugar, tomar contacto com a realidade social contemporânea e constatar e interpretar as diferentes atitudes dos cidadãos sobre as mesmas situações. É, finalmente, explicitar o sentido da cientificidade económica.

**J1:** Como dizia **Godelier** “A racionalidade económica não se mostra, portanto, senão através da racionalidade epistemológica da ciência económica, isto é, através, da verdade das explicações teóricas construídas por essa ciência.”. E acrescentava “a racionalidade económica e a racionalidade da Ciência Económica são uma e a mesma questão”<sup>3</sup>.

**C:** Exactamente, o que faz com que a Ciência Económica preocupada com a descoberta de regularidades (de causalidade, simultaneidade ou operacionalidade) e não as conseguindo encontrar estas no livre-arbítrio individual tenha que postular determinadas racionalidades.

**J1:** Que podem ir do determinismo absoluto da sociedade à física dos sentimentos, da estratégia de sobrevivência à maximização dos proveitos.

Hipóteses de referência que dão lugar a modelos diferentes, à captação de regularidades diversas. São axiomas do modelo que condicionam a própria descoberta. Admitir que o indivíduo é determinado pela sociedade, que a sociedade é um somatório de indivíduos com uma total autonomia de compreensão ou intervenção ou que há uma relação dialéctica entre sociedade, grupos sociais e indivíduos é construir modelos diferentes, é explicitar cortes entre o conhecimento corrente e o conhecimento científico de formas diferentes. Por isso entrar com o determinismo caótico talvez seja um processo de conciliar leituras diversas, modelos que «apenas» diferem porque absolutizaram um dos elementos da relação.

**F1:** Desculpem de mais uma vez manifestar a minha ignorância mas há qualquer coisa que não joga. Dizem que a primeira coisa que poderíamos estudar quando começamos a tomar contacto com a Introdução à Economia seria a racionalidade. Mas desde que começaram a falar da «racionalidade» eu não tenho entendido nada do vosso discurso: relação dialéctica, racionalidade epistemológica, operacionalidade e causalidade, etc.

**M1:** Creio que a dificuldade é apenas aparente. Aqui estamos a discutir as razões da racionalidade ser o ponto de partida o que exige a própria interpretação do que é a Ciência Económica. É natural que nessa discussão os que ainda estão a dar os primeiros passos tenham uma grande dificuldade. Contudo estudar a racionalidade pode ser tão somente olhar para a realidade envolvente, compreender os homens e as sociedades, formular essas constatações com exactidão e explorar as consequências de um tal facto. Estudar a racionalidade pode ser partir do conhecimento corrente e das concepções ideológicas transmitidas pelo meio envolvente e começar a construir uma maneira de pensar o mundo.

**M2:** A dificuldade está em não termos materiais de referência para uma tal abordagem, de continuarmos com pouca capacidade para considerarmos a relação indissociável entre necessidade e liberdade, entre determinismo social e livre-arbítrio individual. Ensinar é transmitir conhecimentos que já foram produzidos e ao iniciarmos o estudo pela racionalidade estamos permanentemente a resvalar para os abismos do que ainda está por estudar.

**C:** Ocupemo-nos em mostrar os caminhos construídos, armemos os

estudantes para encontrar novos rumos, chamemos-lhes a atenção para os perigos do percurso que, uma vez superados, podem permitir maravilhosos horizontes.

**¶2:** A frase é bonita, talvez a aceite em parte, mas não fuja à gravidade pedagógica do problema. Só podemos ensinar o que já sabemos.

**¶:** Tem razão. É um problema, é um desafio, é uma abordagem que aconselha um conhecimento da pluralidade de escolas do pensamento económico. Fiquemos a meio caminho entre o realismo pessimista e a utopia construível. Todos os economistas sabem muito sobre racionalidade económica ou nunca tinham elaborado nenhum modelo. O que falta é reunir esses materiais dispersos de forma a abordá-los de uma forma coerente e encontrar as hipóteses de leitura unificada. É preferível um estudante saber que tipo de simplificações está a fazer quando trabalha com um determinado modelo, saber que aquelas não são as únicas, do que assumir aquela leitura como a única possível.

**¶3:** Tenho estado a seguir atentamente a discussão e atrevo-me a admitir que o percurso proposto para a estruturação da disciplina de Introdução à Economia seria interessante se não tivéssemos constrangimentos de diversos tipos. Esquecendo-os, por momentos, diria que começar o estudo pela racionalidade seria uma forma de encontrar a razão de ser da própria existência de uma disciplina de Introdução: ensinar a raciocinar sobre Economia, ajudar os alunos a descobrirem a ciência na encruzilhada da observação (da realidade social envolvente), da dedução (pela explicitação da axiomática) e da imaginação (para descobrir o que o saber feito encobre). Quando se transforma a Introdução à Economia numa primeira abordagem da micro e da macroeconomia, que é o mais habitual, está-se a castrar a racionalidade do saber científico.

**¶4:** Não gostaria de insistir nestas questões que já foram discutidas na última sessão de trabalho mas continuo a considerar que nos conceitos introdutórios falta um, considerado muito importante por diversos autores: o equilíbrio.

**¶:** Não pretende lançar a polémica mas aborda um dos problemas mais complexos. Permita-me que responda de uma forma pragmática. O nosso

esforço é encontrar um encaminhamento lógico que possa ser aceite por diversas correntes do pensamento económico. O conceito de equilíbrio terminaria com essa possibilidade. É um conceito tipicamente neoclássico, de significado muito diversificado e ambíguo, frequente elemento de ligação entre um *ex-ante* e um *ex-post* que podem ser bastante questionáveis, expressão da nossa incapacidade de elaborar modelos complexos, dinâmicos. Falar em equilíbrio é considerar que o modelo tem um único atractor estável.

**J2:** O que diz pressupõe já uma atitude crítica em relação à síntese neoclássica, o que não pareceria ser os seus propósitos. Sem o conceito de equilíbrio muitos modelos perdem significado.

**C:** Então que apresentemos o equilíbrio quando for necessário, sempre que um modelo o exija, mostrando o que ele significa. Não abordemos essa questão como elemento indispensável a todas as leituras.

## PREOCUPAÇÕES PEDAGÓGICAS

**C:** Antes de exemplificarmos a abordagem do mercado para alunos que se iniciam no estudo da Economia gostaria de discutir convosco o percurso pedagógico-científico de abordagem desses novos problemas.

**M1:** Percurso para a abordagem da questão do mercado ou para todas as matérias de Introdução à Economia?

**C:** Caberá a vós responder a essa pergunta. Diria que o caminho foi pensado tendo em consideração preocupações e metodologias gerais mas desfrutando subjacentemente a questão do mercado. Atrever-me-ia a sugerir que há uma hierarquia conceptual dos pontos de vista científicos e pedagógico e que para os temas mais importantes deve haver a preocupação de percorrer pormenorizadamente o caminho, talvez demasiado exigente em tempo, que vou sugerir.

**J2:** Hierarquização conceptual? Que permite estabelecer essa



hierarquização? Não poderão aspectos hoje considerados secundários, mesmo desprezíveis, transformarem-se em centros de novas descobertas? Gostaria que esclarecesse essa questão!

**U:** Distingamos as vertentes pedagógica e científica do problema, embora elas estejam interligadas. Assumamos como hipótese simplificadora que vou ensinar um determinado conjunto de teorias sobre o funcionamento do económico, teorias previamente desenvolvidas e que apresentam uma determinada coerência interna. Em muitas situações é possível ter em consideração que não é possível ensinar uma determinada lei ou conceito sem que previamente lhe tenha transmitido outros. Utilizando por recorrência esta lógica poderemos construir uma árvore de relações lógicas entre conceitos, que poderá ter «alguns galhos partidos» ou algumas configurações alternativas mas que nos permite distinguir o geral e o particular. Por outras palavras, se utilizasse o «método de exposição» para apresentar aos alunos uma determinada matéria teria que partir dos conceitos gerais para os particulares com recurso ao método dedutivo e essa hierarquização seria imediata. A dificuldade está em conciliar essa mesma sequência lógica utilizando o «método de investigação» na apresentação dos problemas, o que mais facilmente permite os estudantes partirem à descoberta conjuntamente conosco. Falar em hierarquização é ter em conta as preocupações pedagógicas e as relações internas dos conceitos de uma determinada matéria. Claro que se me coloco numa postura de investigação, se elimino a hipótese simplificadora de um saber construído esta hierarquização pode ser perniciosa e estou inteiramente de acordo com a observação que foi colocada. Será desnecessário relembrar as imensas descobertas que resultaram de pegar exactamente no que até então era secundário.

**J2:** Concordando em parte com o que disse não posso deixar de manter certas reservas. Consideremos o caso do mercado. Preciso do conceito do mercado para compreender os de procura e oferta ou preciso destes para compreender aquele? Responder de uma forma ou outra pressupõe uma certa leitura da Economia Política que não é neutra.

**U:** Sem dúvida, mas se me permite avançaria para já na apresentação do percurso que pode ser apresentado esquematicamente como está neste acetato:

- 
1. Formulação da questão problemática
  2. Inventariação de «possíveis» respostas

3. Organização e simplificação das hipóteses de resposta
    - Seleccionando a informação
    - Introduzindo hipóteses simplificadoras
    - Construindo o modelo
      - escolha de variáveis
      - classificação
      - explicitação das relações
      - construindo as hipóteses simplificadoras
  4. Formalização matemática e/ou representação gráfica
  5. Confronto com a realidade
    - Análise da possibilidade
    - Escolha dos indicadores
    - Recolha da informação e seu tratamento
  6. Reformulação/consolidação do modelo
  7. Trabalhos práticos
    - precisão dos conceitos
    - interpretação de textos
    - redacção
    - utilização de dados
- 

o que exige comentários adicionais.

**F1:** Antes de mais gostaria que nos precisasse o que entende por questão problemática.

**C:** Iria exactamente começar por aí. Toda a investigação económica, todo o estudo de novos problemas e de reformulação dos existentes é a resposta a um desconhecimento, a um mal-estar intelectual, a uma solicitação social ou política, aos desafios do desconhecido. A investigação é a tentativa de encontrar a resposta a uma pergunta. Em muitos casos o investigador formula explicitamente a(s) pergunta(s) a que pretende responder mas em muitos outros parte para o trabalho sem o fazer. Raramente questiona a questão.

**F1:** Se o investigador pretende fazer um trabalho inovador deve ter um

particular cuidado na formulação da pergunta. Uma inquirição mal formulada pode pôr em causa anos de trabalho. Não formular nenhuma pergunta é realizar navegação sem bússola.

**C:** Sem dúvida, mas apesar da sua importância a questão inicial a que se pretende responder nem sempre está presente. Muitas vezes investiga-se com o objectivo de encontrar a justificação que se pretende, para atingir um determinado objectivo. Muitas vezes investiga-se por encomenda, visando a explicitação de um conjunto de relações mensuráveis sem se pretender ler além disso.

**J1:** E em muitos casos existe uma pergunta mas ela não foi explicitada.

**C:** E mesmo que o tenha sido raramente se pensou sobre o seu conteúdo. Parece que estamos todos de acordo que uma forma profícua de ensinar é fazer o estudante percorrer, parcial e artificialmente, o percurso seguido pelo investigador. Assim sendo devemos colocar, logo de início, a preocupação que faz com que se percorra um determinado caminho. Deve-se firmar a pergunta ou perguntas que envolvem um problema a resolver. É a esse conjunto de perguntas que designamos por questões problemáticas.

**J1:** Que devem ser expressas muito cuidadosamente: englobando a totalidade das situações a estudar, deixando em aberto diferentes percursos de trabalho, usando uma terminologia simultaneamente rigorosa e compreensível para o destinatário. Temos que confessar que é uma tarefa difícil!

**J2:** Diria impossível. Para englobar a totalidade das situações, totalidade real e não totalidade teórica, exigiria sair do mundo em que me situo, dos conhecimentos anteriormente adquiridos, exigiria o eu passar a ser outro, talvez um outro em tempos e espaços radicalmente distintos que nem a minha imaginação consegue antever.

**C:** A crítica é pertinente, o que apenas chama a atenção para o carácter limitado da investigação e do ensino. No entanto continuo a reafirmar que nesta nossa análise é necessário tomar como simplificação o facto de nos colocarmos no quadro dos conhecimentos adquiridos, dos conhecimentos existentes.

**I1:** O que pode ser mais ou menos conseguido conforme o grau de abertura ao confronto de ideias!

**I2:** Desculpe de voltar um pouco atrás mas gostaria que nos explicasse o que pretende dizer quando afirmou que é preciso «fazer o estudante percorrer, parcial e artificialmente, o percurso seguido pelo investigador». Julgo que entendo o que pretende dizer com o «parcial». Bastaria termos em atenção a diferença entre ensinar/aprender e investigar e, se quisermos, o tempo disponível, para perceber que faz sentido essa afirmação. Mas que quer dizer com o «artificialmente»?

**C:** Considere os seguintes textos:

**TEXTO 1**

*Espírito reflexivo e polifacetado, o seu ensino escrito abarca uma gama tão larga de matérias que o julgaríamos extravagante pelos padrões universitários de hoje, mas que atesta os superlativos dotes intelectuais do Dr. Smith. Os Ensaios on Philosophical Subjects, aparentemente escritos ao longo da sua primeira década de ensino em Glasgow, versam, lado a lado, a metafísica e a lógica, a física antiga e a astronomia, a poesia inglesa e a italiana, a percepção sensorial e as artes imitativas, a música e a dança. E uma outra obra do fim desse período - - The Theory of Moral Sentiments -- dá-lhe imediato renome nacional e projecta-o para a primeira linha dos filósofos ingleses.*

*As Lectures on Jurisprudence, nascida dos seus cursos de 1762/3, já documentam o interesse crescente de Smith pelas questões económicas.*

*Muitos dos temas nucleares que virá a desenvolver e sistematizar na Riqueza das Nações aparecem em posição destacada nas Lectures configurando, à distância, um primeiro esboço do tratado de economia que o seu amigo Hume lhe terá sugerido.<sup>4</sup>*

**TEXTO 2**

*En la época en que vivió Adam Smith, el capitalismo se había adueñado en Inglaterra, una tras otra, de todas las ramas de la industria, de la agricultura y el comercio, a pesar de lo cual las reminiscencias del régimen feudal eran todavía considerables.*

*En la industria seguían existiendo los gremios de artesanos, aunque adquirió gran volumen el sistema de la gran industria capitalista de carácter doméstico, y habían surgido ya las grandes empresas centralizadas: las manufacturas capitalistas.*

*(...)*

Adam Smith vivió en la época de predominio de la producción manufacturera, en vísperas de la revolución industrial. Por eso, a pesar de ser el economista que culminó el período manufacturero, pudo ya intuir las sacudidas de la revolución industrial en ciernes.<sup>5</sup>

TEXTO 3

O maior acréscimo dos poderes produtivos do trabalho e grande parte da perícia, destreza e bom senso com que ele é em qualquer parte dirigido, ou aplicado, parecem ter sido os efeitos da divisão do trabalho. Poderão compreender-se melhor os efeitos da divisão do trabalho sobre a actividade geral da sociedade, considerando a forma como ela actua em algumas indústrias específicas. (...) Tomemos, portanto, um exemplo de uma manufactura insignificante, mas na qual a divisão do trabalho tem sido frequentemente notado, o fabrico de alfinetes (...).<sup>6</sup>

TEXTO 4

Há um tipo de trabalho que eleva o valor do objecto a que é aplicado; há outro que não produz tal efeito. Ao primeiro, porque origina um valor, pode chamar-se produtivo; ao segundo, improdutivo. Assim, o trabalho de um operário acrescenta geralmente, ao valor das matérias-primas a que se aplica, o valor da sua própria manutenção e o do lucro do patrão. O trabalho de um criado, pelo contrário, nada acrescenta a qualquer valor. Embora o patrão adiante ao operário os seus salários, ele, na realidade, não implica qualquer dispêndio para o patrão, uma vez que o valor desses salários lhe é, em regra, restituído, com um lucro, por meio do valor acrescido do objecto sobre o qual o operário trabalhou. Mas a manutenção de um criado nunca é recuperada. Um homem enriquece empregando grande número de

operários e empobrece se mantiver uma multidão de criados.<sup>7</sup>

TEXTO 5

Com efeito, para os economistas não-marxistas, desde Adam Smith, a sociedade era como que um nome -- o nome dado a um certo colectivo de indivíduos. Realidade, somente os indivíduos a tinham. «O esforço uniforme, constante e ininterrupto de cada homem para melhorar a sua condição -- eis o princípio de onde deriva originariamente toda a riqueza nacional e pública, como toda a riqueza privada», escreveu Smith. É importante entender bem o significado desta frase: a prosperidade das nações -- digamos: o seu desenvolvimento económico -- não depende de qualquer factor propriamente social, mas tão-só do esforço de cada um dos indivíduos para melhorar a sua condição individual. Uma tal concepção é tanto mais surpreendente, ou melhor, é tanto mais reveladora de um «a priori» epistemológico, de um postulado não sujeito a crítica teórica (o postulado ou pré-conceito do individualismo, quer dizer: a sociedade concebida como um mero somatório de indivíduos --, quanto é certo que a obra económica de Adam Smith e mais especialmente o seu livro «Investigações sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações» (1776), se apoia numa análise das vantagens da divisão do trabalho, que abertamente a contradiz. «A descoberta {por Adam Smith} das vantagens da divisão do trabalho -- notou certamente Jean-Claude Antoine -- implica que a produtividade de um grupo social organizado não é igual, mas superior, à soma das produtividades individuais dos seus membros; admitindo-as afastamo-nos portanto implicitamente do individualismo e da concepção nominalista da sociedade». E, todavia, nem Adam Smith, nem a generalidade

dos economistas que depois dele e durante mais de um século e meio (tirando Ricardo e sobretudo Marx e os marxistas) fizeram a Ciência Económica, se afastou de facto «do individualismo e da concepção nominalista da sociedade». Esta circunstância, se por um lado os levou a cair por vezes em contradições

como aquela que assinalámos, por outro impediu-os, ou de integrar na sua problemática teórica, ou de tratar em termos teóricos adequados, os temas de investigação a respeito dos quais só ao nível macro-económico a conceptualização e a teorização são possíveis e fecundas.<sup>8</sup>

**U:** Se pretendêssemos reproduzir o caminho percorrido por **Adam Smith** teríamos que reviver (oh impossibilidade!) a época de então e adquirir uma grande diversidade de saberes antes de começarmos a analisar o económico. Se atendermos à importância da escola fisiocrata, à época histórica vivida pelo autor, à importância dada aos temas da divisão do trabalho e da diferença entre trabalho produtivo e improdutivo e ao título da sua obra principal é pedagogicamente admissível formular da seguinte forma a questão inicial: «A indústria transformadora modifica a forma da matéria mas não cria nova matéria, como acontece com as actividades directamente associadas à natureza. Entretanto são as actividades industriais que fazem enriquecer as nações e os homens. Como se conciliam estes dois factos aparentemente contraditórios?». É uma outra forma, talvez mais restritiva mas elucidativa de colocar a questão efectivamente formulada por Adam Smith: «Qual a origem da riqueza das nações»? Na resposta a esta pergunta Adam Smith desmaterializa o conceito de produção, assume que a origem da riqueza está na relação entre os homens. O «valor» é o conceito de convergência de todas essas preocupações.

**J2:** Talvez o Adam Smith nunca pensasse dessa forma. Admito, pelo menos por razões pedagógicas, essa forma de apresentação, desde que se aceite que História da Ciência Económica é diferente de História das Descobertas da Ciência Económica e de Antropologia do Pensamento Económico.

**U:** Consideremos um outro exemplo.

**TEXTO 1**

*De antemano advierto, pues, al lector que este folleto no es el que Marx redactó en 1849, sino, sobre poco más o menos, el que habría escrito en*

*1891. Además, el texto original circula por ahí en tan numerosos ejemplares, que por ahora basta con esto, entre tanto, que yo pueda reproducirlo sin*

alteración más adelante, en una edición de las obras completas. Mis modificaciones giran todas en torno a un punto. Según el texto original, el obrero vende al capitalista, a cambio del salario, su trabajo, según el texto actual, vende su fuerza de trabajo. Y acerca de esta modificación, tengo que dar las necesarias explicaciones. Tengo que darlas a los obreros, para que vean que no se trata de ninguna sutileza de palabras, ni mucho menos, sino de uno de los puntos más importantes de toda la Economía política.<sup>9</sup>

#### TEXTO 2

J'examine le système de l'économie bourgeoise dans l'ordre suivant: Capital, propriété foncière, travail salarié; Etat, commerce extérieur, marché mondial. Sous les trois premières rubriques, j'étudie les conditions d'existence économique des trois grandes classes en lesquelles se divise la société bourgeoise moderne; la liaison des trois autres rubriques saute aux yeux. La première section du livre premier, qui traite du capital, se compose des chapitres suivants: 1<sup>o</sup> la marchandise; 2<sup>o</sup> la monnaie ou la circulation simple; 3<sup>o</sup> le capital en général. (...) J'ai sous les yeux l'ensemble de la documentation sous forme de monographies jetées sur le papier à de longs intervalles pour mon propre éclaircissement, non pour l'élaboration systématique, selon le plan indiqué, dépendra des circonstances.<sup>10</sup>

#### TEXTO 3

Sintetizando alguns dos aspectos abordados anteriormente podemos dizer que existem duas ordens de razões. de níveis diferentes, que exigem que se estabeleça uma distinção entre força de trabalho e trabalho:

A) A observação cuidadosa dos próprios fenômenos sociais actuais, tal como se manifestam na sociedade capitalista, impõem uma revisão da terminologia usualmente utilizada e dos conceitos divulgados" (...)

B) A lei do valor<sup>11</sup>

#### TEXTO 4

Il n'y a pas de dialectique abstraite spéculative qui sacrifierait à quelque dieu Chronos (pas plus de matérialisme abstrait, avec, en histoire, un dieu humanité ou un dieu travail). Et, dans les sciences sociales, la dialectique inséparable du matérialisme, c'est le matérialisme historique. Le seul critère pour la science sociale marxiste, c'est l'histoire réelle vérifié dans la pratique. Le mouvement interne du Capital n'est pas l'auto-développement d'un concept, c'est un reflet conséquent du mouvement réel. Ainsi les abstractions matérialistes sont des coupes et des conséquences et non de simples hypothèses formelles: le raisonnement dialectique, le plus audacieusement autonome, n'est pas une chaîne de déductions formelles, il s'attache à refléter la logique interne du réel vérifié par l'existence historique.<sup>12</sup>

---

**II:** Antes de continuar o seu discurso gostaria de reproduzir aqui duas afirmações de **Joan Robinson** que hoje, numa época é que parece que Marx não existiu, são particularmente oportunas: “É insensato recusarmos a aprender com as ideias de um economista cuja ideologia não concordamos. É igualmente insensato confiar nas teorias de alguém cuja ideologia aprovamos”; “Se Marx

tivesse sido estudado como um economista sério, em vez de ser tratado por um lado como um oráculo infalível e por outro como um alvo de sarcasmo barato, ter-nos-ia poupado muito tempo”<sup>13</sup>

**C:** Obrigado. Retomando o que estava a dizer. **Marx** confundiu durante muito tempo os conceitos de trabalho e força de trabalho, o que não deixou de ter reflexos em algumas abordagens realizadas no *Capital* (por exemplo, valores criados pelos trabalhos simples e complexo). Por outro lado a *praxis* social associada à Economia Política marxista exige que nós hoje formulemos os problemas de uma maneira diferente. É neste sentido que aplicava a palavra «artificialmente». Esclarecido?

**F2:** Creio que sim.

**C:** Permitam-me que retome o acetato anteriormente apresentado sobre o percurso. A inventariação das possíveis respostas e a análise crítica sobre elas, acompanhada da respectiva classificação e organização, é um momento particularmente importante do diálogo entre o professor e o aluno, de contribuição deste para a resolução do problema. O papel do mestre é diferente em cada uma destas duas fases. Na primeira a sua função é «destabilizadora», promotora da imaginação e do absurdo, de libertação dos alunos contra o «perigo» do erro. Na segunda a sua preocupação deve ser analisar cuidadosamente cada uma das hipóteses apresentadas, relacionar hipóteses, hierarquizá-las, classificá-las, organizá-las de forma a que se possa caminhar para um modelo simplificado.

**A1:** Nessa segunda função deve ter o cuidado de compreender a razão de ser de cada uma das hipóteses apresentadas, salientar os aspectos positivos e negativos e não anular a função libertadora que deve ter tido junto de cada estudante na fase prévia.

**F2:** Não podemos escapar à formalização matemática e à representação gráfica?

**C:** Em muitas situações tal é possível. Quando explicitamos essa 4ª fase do percurso pretendemos dizer que tal deve ser feito se for necessário e possível.



Mas não se assustem, a formalização matemática pode ser bastante simples, pode não passar da utilização de um conjunto de símbolos e algumas operações aritméticas.

**A2:** Certamente seria interessante aprofundarmos este problema dos pontos de vista científico e pedagógico, mas como já temos uma sessão de debate com essa problemática não merecerá a pena abordarmos.

**C:** O ponto seguinte do nosso percurso, «possibilidade de confronto da realidade», visa que os estudantes analisem se o modelo está de acordo ou não com a realidade. O que se pretende é desencadear o exercício de descodificação dos conceitos teóricos, de encontrar variáveis e indicadores para expressar aqueles. Em muitos casos será uma forma de levar os estudantes a confrontarem-se com o erro.

**A1:** E se a validade do modelo não for o confronto com a realidade actual mas a capacidade de previsão ou a coerência lógica?

**A2:** O que pretende significar com o «confrontar-se com o erro»?

**C:** Se a validação do modelo se fizer de acordo com uma concepção epistemológica diferente da por nós postulada -- confronto com a realidade -- teremos de adoptar diferentes critérios de verificação. Ao defendermos esta postura não estamos a negar outras funcionalidades do modelo (previsibilidade, simplicidade, por exemplo) ou a subestimar a relevância de outros factores (aceitação pela comunidade científica, por exemplo) mas tão somente a admitir que a ciência é uma construção racional coerente internamente que também visa compreender as realidades em que os Homens se movimentam e que «facilitam» a praxis. É admitir que a ciência é uma das formas de conhecimento dessa realidade distinguindo-se, em fronteiras difusas e em constante mutação, das restantes pelo método, pelo que é importante a «ruptura» com o conhecimento corrente. Não pretendo fugir ao problema colocado que é real e assume particular acuidade nas ciências sociais e na Economia. Mas levanta problemas que não podem ser discutidos aqui. No entanto parece importante afirmar que para a grande maioria dos estudante a sua ideia espontânea de ciência identifica-se com a explicação da realidade e é pedagogicamente positivo explorar essa vertente.

*Assim o que se chama hoje de razão, na sociedade centrada no mercado, bem como nas ciências sociais em geral, é uma corruptela do termo tal*

*como ele mesmo e seus equivalentes sempre foram universalmente entendidos até o limiar dos tempos modernos<sup>14</sup>*

**U:** Com a expressão «confrontar com o erro» pretendo significar uma multiplicidade de situações que mostrem ao estudante (e porque não ao professor!) que alguma peça não se ajusta no *puzzle*. Ou porque a realidade mostra algo diferente do que estava postulado, ou porque um conjunto de conceitos não se mostram coerentes com os restantes, ou porque a axiomática é excessiva ou insuficiente, ou por qualquer outra situação. É necessário, contudo, ter dois cuidados. Primeiro. Poderá haver uma tendência espontânea para assumir que a teoria está errada quando ela leva a conclusões contrárias às «evidências». Estas são muito fortes, mas não revelam qualquer característica da realidade ou atributo lógico mas tão somente uma atitude psicológica eventualmente forjada numa metodologia diferente de compreensão do real. Construir ciência é lutar contra «evidências».

**U1:** A não ser que se assuma uma posição filosófica similar à fenomenologia, apesar de neste caso se ter de reanalisar o que é essa evidência.

**U:** Sem dúvida. Segundo cuidado: há que clarificar se o confronto da realidade se faz para acentuar a verificabilidade e a verificação ou a falsabilidade e a falsificação. Se admitirmos que toda a leitura da realidade é uma leitura teórica e se aceitarmos uma lógica matemática bivalente com a tabela de verdade que se apresenta no acetato e se considerarmos que a passagem da teoria para a confrontação com a realidade (implicação) está correcta, isto é, é verdadeira

Teoria	==>	Realidade
V	V	V
V	F	F
F	V	V
F	V	F

---

somos obrigados a reconhecer a maior validade da falsabilidade.

**M1:** Esta introdução ao problema já vai longa, talvez tivéssemos derivado excessivamente, talvez tivéssemos deixado no ar excessivas perguntas sem resposta, mas ainda diria alguma coisa sobre os trabalhos práticos, dada a sua importância no processo de ensino-aprendizagem. Todos nós propomos aos alunos exercícios que os obriguem a precisar os conceitos que foram apresentados. Desde sempre se sugeriu aos estudantes que procurassem explicar por palavras próprias determinadas situações ou que passassem a relatório o resultado de seus trabalhos de descoberta. Os livros estão recheados de transcrições de autores célebres sugerindo-se a sua leitura e interpretação apesar das suas tradicionais dificuldades com a língua portuguesa. Também apresentamos com alguma frequência conjuntos de dados para os alunos trabalharem e interpretarem. As dúvidas que podem surgir é quanto ao doseamento destes diversos ingredientes, quanto à melhor forma de o fazer.

**M2:** Sobre as doses não existem receitas. Depende das matérias, dos alunos, da sociedade em que se vive.

**C:** Sem pretender sugerir referenciais parece-me oportuno ainda referir alguma coisa sobre estes problemas, para além da recomendação genérica de que os trabalhos propostos aos alunos devem ser bastante acompanhados e libertadores das suas capacidades. Em primeiro lugar gostaria de chamar-vos a atenção para a importância que os resumos de textos podem assumir na aprendizagem. Fazer resumos obriga a ler textos, interpretá-los, hierarquizar conceitos, utilizar palavras próprias. Obriga a uma pequena investigação por parte do aluno que não surge, à partida, com o aspecto aterrador de uma temática que não sabem como abordar. O segundo aspecto tem a ver com os textos que devem ser apresentados para interpretação. Ninguém deverá ter dúvidas sobre a importância de fornecer aos estudantes textos de Economia actuais assim como textos dos «monstros sagrados» da história do pensamento económico. A dúvida poderá existir sobre a utilização de citações que aparentemente nada têm a ver com a Economia. É muito difícil a partir de um pequeno extracto de um determinado livro se retirar muitos ensinamentos, mas tomemos como exemplos, os seguintes:

TEXTO 1

Os nervos da senhora Gertrudes começaram também a excitar-se, não por encontrar falta de razão nas palavras de Januária, mas porque a irritava a forma como a outra se dirigia ao seu filho. Além disso, ela já assentara que, para os seus interesses, o melhor era, efectivamente, adiar o casamento. A senhora Gertrudes conteve-se, porém, durante o pequeno silêncio que Januária fez. Tão-pouco os outros falaram. O tio Joaquim continuava, como na véspera, debruçado sobre a sola de uma sapatorro, como se não ouvisse coisa alguma; e o pai de Idalina não passara de uma expressão carregada, para mostrar que apoiava a cólera da mulher.

Encontrando o campo livre, a senhora Januária voltou:

-- Isso da casa estaria muito bem, se a pudesses fazer já. Mas podes?

Horácio hesitou. A sua própria mãe tornava a contemplá-lo, ansiosamente, como há pouco.

-- Já, já, não posso -- disse, por fim. -- Tem de decorrer algum tempo, até ver se arranjo outro modo de vida.

-- É o que eu pensava! -- exclamou Januária. -- É o que eu pensava! Quem sabe lá quando será isso! Pode ser daqui a muitos anos, pode não ser nunca. E a rapariga que fique aí à espera, como se fosse um traste usado.

Antes mesmo de Horácio responder, a senhora Gertrudes gritou, nervosa:

-- Não posso ouvir uma coisa dessas, tia Januária! Se você e a sua filha estão assim com tanta pressa, ela que case com outro. Lá favores desses nós não queremos, nem precisamos...

Horácio acenou à mãe pedindo-lhe que se calasse. Januária recuou:

-- Agora não se cuida disso. Isto é falar por falar. -- E voltando-se para

Horácio: -- Vocês podiam casar agora e, depois, com tempo, tratar lá da tua ideia...

-- Eu já expliquei tudo à Idalina -- defendeu-se ele. Ela não lhe disse?

A tia Januária fez um gesto que nem afirmava nem negava. Horácio continuou:

-- Vossemecê não tem mais gosto de vê-la casada do que eu de casar com ela. Acredite nisto que lhe digo! Mas mesmo sem pensar na casa, eu não poderia fazer agora a boda... --  
Perante o olhar da mãe acrescentou: -  
- Ganho muito pouco...<sup>15</sup>

TEXTO 2

Os padres engasgavam-se de riso. Já duas canecas de vinho estavam vazias; o e padre Brito desabotoava a batina, deixando ver a sua grossa camisola de lã da Covilhã, onde a marca da fábrica, feita de linha azul, era uma cruz sobre um coração.

Um pobre então viera à porta rosnar lamentosamente Padre-Nossos; e enquanto Gertrudes lhe metia no alforge metade de uma broa, os padres falavam dos bandos de mendigos que agora percorriam as freguesias.

-- Muita pobreza por aqui, muita pobreza! -- dizia o bom abade. -- Ó Dias, mais este bocadinho de asa!

-- Muita pobreza, mas muita preguiça -  
- considerou duramente o padre Natário. -- Em muitas fazendas sabia ele que havia falta de jornaleiros. e viam-se marmanjos, rijos como pinheiros, a choramingar Padre-Nossos pelas portas. -- Súcia de mariolas! -- resumiu.

-- Deixe lá, padre Natário, deixe lá! -- disse o abade. -- Olhe que há pobreza deveras. Por aqui há famílias, homem, mulher e cinco filhos, que dormem no chão como porcos e não comem senão ervas.

-- Então que diabo querias tu que eles comessem? -- exclamou o cónego Dias lambendo os dedos depois de ter esburgado a asa do capão. -- Querias que comessem peru? Cada um como quem é!

O bom abade puxou, repoltreando-se, o guardanapo para o estômago, e disse com afecto:

-- A pobreza agrada a Deus Nosso Senhor.

-- Ai, filhos! -- acudiu o Libaninho num tom choroso -- se houvesse só pobrezinhos isto era o reininho dos Céus!

O padre Amaro considerou com gravidade:

-- É bom que haja quem tenha cabedais para legados pios, edificações de capelas...

-- A propriedade devia estar na mão da igreja -- interrompeu Natário com autoridade.<sup>16</sup>

### TEXTO 3

Eusébio pertencia também ao Centro progressista, aspirava a influência eleitoral no círculo de Resende, e ali às noites no Ramalhete faziam conciliábulos. Nesse momento, porém, falavam dos Maias: Vilaça não duvidava confiar ao Silveirinha, homem de propriedade, vizinho de Santa Olária, quase criado com Carlos, certas coisas que lhe desagradavam na casa, onde a autoridade da sua palavra parecia diminuir; assim, por exemplo, não podia aprovar o ter Carlos tomado uma frisa de assinatura. -- Para quê -- exclamava o digno procurador -- para quê, caro senhor? Para lá não pôr os pés, para passar aqui as noites... Hoje diz que há entusiasmo, e ele aí esteve. Tinha ido lá, eu sei? Duas ou três vezes... E para isto dá cá uns poucos de centos de mil réis. Podia fazer o mesmo com meia dúzia de libras! Não, não é governo. No fim a frisa é para o Ega, para o Taveira, para o Cruges...

Olhe, eu não me utilizo dela; nem o amigo. É verdade que o amigo está de luto.

Eusébio pensou, com despeito, que se podia meter para o fundo da frisa -- se tivesse sido convidado. E murmurou, sem conter um sorriso mole:

-- Indo assim, até se podem encalacrar...

Uma tal palavra, tão humilhante, aplicada aos Maias, à casa que ele administrava, escandalizou Vilaça. Encalacrar! Ora essa!

-- O amigo não me compreendeu... Há despesas inúteis, sim, mas, louvado Deus, a casa pode bem com elas! É verdade que o rendimento gasta-se todo, até o último ceitil; os cheques voam, voam, como folhas secas; e aqui o costume da casa foi pôr de lado, fazer bolo, fazer reserva. Agora o dinheiro derrete-se...

Eusébio rosnou algumas palavras sobre os trens de Carlos, os nove cavalos, o cocheiro inglês, os grooms... O procurador acudiu:

-- Isso, amigo, é de razão. Uma gente destas deve ter a sua representação, as suas coisas bem montadas. Há deveres na sociedade... É como o Sr. Afonso... Gasta muito, sim, come dinheiro. Não é com ele, que lhe conheço aquele casaco há vinte anos... Mas são esmolos, são pensões, são empréstimos que nunca mais vê...

-- Desperdícios...

-- Não lho censuro... é o costume da casa; nunca da porta dos Maias, já meu pai dizia, saiu ninguém descontente... Mas uma frisa, de que ninguém usa, só para o Cruges, só para o Taveira!...

(...)

Ega rugiu. Para que estavam eles fazendo essa pose heróica? Então ignoravam que esta raça, depois de cinquenta anos de constitucionalismo, criada por esses saguões da Baixa,

*educada na piolhice dos liceus, roída de sífilis, apodrecia no bolor das secretárias, arejada apenas ao domingo pela poeira do Passeio, perdera o músculo como perdera o carácter, e era a mais fraca, a mais cobarde raça da Europa?...*

*-- Isso são os lisboetas -- disse Craft  
--- Lisboa é Portugal -- gritou o outro.  
Fora de Lisboa não há nada.  
O país está todo entre a Arcada e S. Bento!...*

(...)

*Dâmaso era interminável, torrencial, inundante a falar das «suas conquistas», naquela sólida satisfação em que vivia de que todas as mulheres, desgraçadas delas, sofriam a fascinação da sua pessoa e da sua toilette. E em Lisboa, realmente, era exacto. Rico, estimado na sociedade, com coupé e parrelha, todas as meninas tinham por ele um olhar doce. E no demi-monde, como ele dizia, «tinha prestígio a valer». Desde moço fora célebre, na capital, por pôr casas a espanholas; a uma mesmo dera carruagem ao mês; e este fausto excepcional tornara-o bem depressa o D. João V dos prostíbulos. Conhecia-se também a sua ligação com a viscondessa da Gafanha, uma carcaça esgalgada, criada, rebocada, gasta por todos os homens válidos do país: ia aos cinquenta anos, quando chegou a vez do Dâmaso -- e não era decerto uma delícia ter nos braços aquele esqueleto rangente e lúbrico; mas dizia-se que em nova dormira num leito real, e que augustos bigodes a tinham lambuzado; tanta honra fascinou Dâmaso, e colou-se-lhe às saias com uma fidelidade tão sabuja,*

*que a decrépita criatura, farta, enojada já, teve de o enxotar à força e com desfeitas. Depois gozou uma tragédia: uma actriz do Príncipe Real, uma montanha de carne, apaixonada por ele, numa noite de ciúme e de genebra, engoliu uma caixa de fósforos; naturalmente daí a a horas estava boa, tendo vomitado abominavelmente sobre o colete de Dâmaso, que chorava ao lado -- mas desde então este homem de amor julgou-se fatal! Como ele dizia a Carlos, depois de tanto drama da sua vida, quase tremia, tremia verdadeiramente de fitar uma mulher...<sup>17</sup>*

#### TEXTO 4

*Encontras-te-me um dia no caminho  
Em busca de quê, nem eu sei.  
-- Bom dia, companheiro -- te saudei.  
Que a jornada é maior indo sozinho.*

*É longe, é muito longe, há muito espinho!  
Paraste a repousar, eu descansei...  
Na venda em que poisaste, onde poisei,  
Bebemos cada um do mesmo vinho.*

*É no monte escabroso, solitário.  
Corta os pés como a rocha de um calvário,  
E queima como a areia!... Foi no entanto*

*Que chorámos a dor de cada um...  
E o vinho em que choraste era comum:  
Tivemos que beber do mesmo pranto.<sup>18</sup>*

O primeiro texto, retirado de um romance que pretende descrever realisticamente a forma de viver dos trabalhadores da zona da Serra da Estrela tem uma leitura económica bastante simples: repartição do rendimento, relação

salarial, mobilidade da força de trabalho, economia regional. Até alguns, felizmente poucos, princípios da lógica de **Becker** sobre a formação do agregado familiar do ponto de vista económico, se pode encontrar. **Alves Redol**, por exemplo, seria outro escritor donde se poderiam retirar textos similares. O segundo documento levanta mais uma vez o problema da distribuição do rendimento mas também o do desemprego, da propriedade, da relação entre esta e a vida dos cidadãos e, ainda, o das necessidades, o dos bens, o da divisão do trabalho, o da especialização regional.

**F1:** O problema da desigualdade na distribuição do rendimento é um dos mais referidos, implícita ou explicitamente pelos escritores.

**C:** Talvez. Relações entre os poderes político e económico, trabalho produtivo e improdutivo, norma social de consumo, moeda, divisas, propriedade da terra e renda, subdesenvolvimento, periferia, desigualdades regionais, economia subterrânea são outros temas que trespassam das prosas seguintes.

**A2:** A vantagem de extrair os problemas económicos de textos literários, normalmente preocupados com questões diferentes, é mostrar de uma forma inequívoca que os problemas económicos (objecto científico) resultam da vivência dos homens (objecto real), que aqueles mais não são que uma certa focagem destes, uma determinada forma de leitura. Dos mesmos textos seria possível tirar problemas sociológicos, psicológicos, antropológicos, etc.

**A1:** Donde ressalta a interdisciplinaridade como forma de aproximação do objecto científico ao objecto real.

**C:** Colocamos de propósito a poesia porque nada parece tão distante da frieza do tratamento económico do que uma poema. Quase certamente que o autor estava muito distante das problemáticas económicas, mas não existirão muitas situações económicas a que aquele belo soneto possa ser aplicado? Creio que sim.

**F1:** E somos obrigados a tomar contacto com importantes obras da literatura.

**C:** Apesar da exposição já estar excessivamente longa para uma introdução, permitam-me que vos apresente ainda o acetato seguinte:

**Questão** **problemática**

Hipóteses	Variáveis	Modelo	Conceitos

**C:** Cada questão problemática dá lugar a um modelo (ou conjunto de modelos). Este foi possível devido a um conjunto de hipóteses simplificadoras. Esse modelo contém variáveis (quantitativas ou qualitativas). Estes diversos aspectos devem constar de uma ficha de síntese. Os conceitos resultam apenas da preocupação pedagógica de explicitar o que deve ser estudado com particular atenção.

**M1:** Dedicar muita atenção à axiomática!

**J1:** Todo o nosso trabalho de investigação científica assenta numa axiomática, explicitada ou não

**C:** E fazer o esforço de explicitá-la completamente (o que é muito difícil porque algumas das hipóteses são assumidas tão espontaneamente que é quase impossível trazê-las para o consciente) é a forma de libertar os estudantes da tirania das escolas económicas, é uma via de mostrar-lhes a grande diversidade de caminhos à sua escolha, é fornecer-lhes o instrumental para uma reflexão crítica.





~NOTAS~

- <sup>1</sup> Intervenientes: C: = Conferencista; Px: = Professor x; Ix = Investigador x; Ex = Estudante x
- <sup>2</sup> Eleutério F.S. PRADO, *Economia como Ciência*, São Paulo, Instituto de Pesquisas Economicas 1,1991, pág. 102
- <sup>3</sup> Maurice GODELIER, Tradutor Maura R Sardinha,, *Racionalidade e Irracionalidade na Economia*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, pág. 36
- <sup>4</sup> Hermes dos SANTOS, “Prefácio à Edição Portuguesa”, in Adam SMITH, *Inquérito sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. I, pág. II
- <sup>5</sup> KARATAEV & Outros, *Historia de las Doctrinas Economicas*, 1964, México, Editorial Grijalbo, pág. 148/50
- <sup>6</sup> Adam SMITH, ob cit., Vol. 1, pág. 77
- <sup>7</sup> Adam SMITH, ob. cit, Vol. 1, pág. 581
- <sup>8</sup> A. Sedas NUNES, *Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais*, 8ª Ed., 1984, pág. 63/4
- <sup>9</sup> F. ENGELS, “Introducción”, in Karl MARX. *Trabajo Asalariado y Capital*, 1968, Madrid, Ricardo Aguilera, pág. 9
- <sup>10</sup> Karl MARX, *Contribution à la Critique de l'Économie Politique*, 1957, Paris, Editions Sociales, pág. 3.
- <sup>11</sup> Carlos PIMENTA, “Força de Trabalho e Trabalho”, *Revista Técnica do Trabalho*, nº 2, Dez 1979, pág. 127/32
- <sup>12</sup> Paul BOCCARA, *Sur la Mise en Mouvement du «Capital»*, 1978, Paris, Editions Sociales, pág. 41/42
- <sup>13</sup> Joan ROBINSON, Cap. 7 de *Contributions to Modern Economics*, editado em português pela revista *Praxis* com o título “Marx, Marshall, Keynes - Três concepções do Capitalismo”, pág. 13
- <sup>14</sup> A. Guerreiro RAMOS, *A Nova Ciência das Organizações: uma Reconceituação da Riqueza das Nações*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1981, XV
- <sup>15</sup> Ferreira de CASTRO, *A Lã e a Neve*, 8ª Ed, Lisboa, Guimarães & Cº., pág. 59/61
- <sup>16</sup> Eça de QUEIROZ, *O Crime do Padre Amaro*, sd, Porto, Lello & Irmão, pág. 131/2
- <sup>17</sup> Eça de QUEIROZ, *Os Maias*, sd, Lisboa, Círculo de Leitores, pág. 116/7, 159/60, 180/1
- <sup>18</sup> Camilo PESSANHA, *Clepsidra e Outros Poemas*, 6ª. Ed, 1976, Lisboa, Ática, pág. 32

## PARTE II

### ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO MERCADO

#### NOÇÃO DE MERCADO

**U**: Um membro da família desceu à rua para comprar pão para o pequeno almoço. O Francisco tem uma tenda de cachorros junto ao estádio de futebol, mas o Manuel vende no numbanengue. O Ricardo, estivador de profissão, foi até ao porto de mar tentar ser contratado. O Narciso, pescando na sua piroga, apanhou um peixe que colocou no aquário de vime a pensar no barco que subirá o rio daí a doze dias. O Abecassis, situado em Lisboa, viu no seu computador as previsões de taxas de câmbio e deu uma ordem de venda das suas acções da Companhia XY Lda. O Carlos sentia-se adoentado e foi ao médico. O Roberto dirigiu-se para o seu consultório de advogados onde tem uma reunião com um seu constituinte. O Edgar viu o anuncio dos últimos barcos de recreio e pediu para França um catálogo. O gerente duma empresa têxtil foi a uma feira na Alemanha para escolher o modelo dos novos teares a adquirir. A empresa farmacêutica Saúde SARL tem 50 delegados de propaganda médica. A empresa alimentar SumosVida adquiriu a produção futura de laranjas a um consórcio de agricultores na Grécia. Filipe encomendou a uma multinacional americana um programa de computador para ajudá-lo a estudar matemática. A família Silva, de férias no estrangeiro, foi ao banco trocar moeda. Esse mesmo Banco aproveitou para aconselhar-lhe um seguro de vida em viagem. Os contentores foram transportados pela empresa panamiana Navegação SARL com um seguro de uma companhia inglesa. A Catarina, doceira como sua mãe, retirou do forno as trouxas de ovos encomendadas pela tia Narcisa. O Alberto consultou pelo telefone os resultados do último Totoloto. A empresa açucareira despediu 200 trabalhadores, mas a de calçado contratou dois novos especialistas em moda. Os pescadores, receando a baixa do preço da sardinha, deitaram ao mar cinco toneladas de pescado. As importações mais baratas provenientes do país vizinho fizeram com que cento e vinte toneladas de laranjas apodrecessem e fossem enterradas. António, toxicodependente, foi ao cadongueiro da Rua Escura comprar a dose para uma pedrada. Muitos dos agricultores de alguns países continuam a preferir plantar canabbis do que outras plantas menos perigosas para a saúde pública. No quiosque da esquina o dólar do mercado paralelo é mais favorável que no oficial. A cortiça não encontrou compradores porque era de má qualidade. Os tonéis continuam cheios de vinho. Em todo o mundo milhões de crianças não têm alimentação suficiente. Foi queimada uma grande percentagem do trigo nos EUA. O empréstimo conseguido para a remodelação do equipamento da empresa foi negociado com uma taxa de juro de 12%. Pode haver uma ruptura

no abastecimento da matéria-prima porque a produção do último ano foi muito baixa. Quem procura comodidade opta pelos carros franceses mas os que privilegiam a robustez do motor optam pelos japoneses.

**M1:** Todas essas e muitas outras situações referem-se ao mercado. Todas elas se processam no mercado. Todos esses agentes económicos, conscientes ou inconscientes do papel que desempenham, foram ao mercado, actuaram ou pretenderam actuar no mercado.

**C:** Exactamente. Do ponto de vista individual, regional, nacional e mundial, mesmo do ponto de vista temporal, é grande a diversidade de situações. Contudo, do ponto de vista económico todas estas situações configuram-se pela existência e funcionamento do mercado, dum determinado mercado.

**M1:** Existência e funcionamento dum mercado, simples ou complexo, funcionamento dos mercados, existência de uma economia de mercado.

**F1:** Um mercado. Os mercados. De mercado. Três designações que reflectem, em diferentes graus de abstracção e generalização, a mesma realidade.

**C:** O que nos permite colocar a seguinte questão problemática: «**o que há de comum entre as diversas situações que permite que o mesmo termo -- mercado -- seja aplicado a todas elas?**».

**J2:** Como ponto de partida para a apresentação do problema aceito que essa seja a questão problemática e que iniciemos a análise mas não podemos esquecer, mais que não seja pela aplicação da dúvida metódica cartesiana, que podemos estar a ser induzidos em erro.

**M2:** Como assim?

**J2:** Poderemos correr o risco de estar a designar por mercado realidades

qualitativamente muito diferentes. Poderemos estar a assumir a identidade de situações atendendo às semelhanças formais e subestimando as diferenças de conteúdo. E este erro pode manifestar-se diacrónica e sincronicamente.

**P1:** Parece-me uma observação pertinente que deveremos tomar em consideração. Uma coisa que sempre me chocou em algumas leituras foi tentar estabelecer um fio condutor ao longo da história, desde os primórdios da humanidade até aos dias presentes, atribuindo a uma grande variedade de situações o mesmo nome e esquecendo que se tratam de realidades muito diferentes. Diferentes pelos contextos sociais em que se integram (desde as relações interindividuais à estrutura política e ideológica), pelos seus elementos constitutivos. É bom que a nossa capacidade de abstracção seja suficientemente grande para encontrar o comum na diversidade, mas é fundamental que a nosso sentido do concreto mantenha a consciência das diferenças.

**J1:** Estas questões metodológicas levam-nos sempre muito longe e arriscamo-nos a perder o fio condutor. Sobretudo introduz enviesamentos no processo pedagógico de transmissão e assimilação de conhecimentos.

**P2:** Pelo que se deve apenas concluir que são discussões que aqui, quando pretendemos reflectir sobre estas problemáticas com uma diversidade de intervenientes, devem ser levantadas mas que não podem ser objecto da apresentação na aula, nem ao nível da mais pequena insinuação. Creio que devemos continuar a analisar o problema.

**J1:** Não digo que não, apenas adverti que tudo está relacionado com tudo, que “as conversas são como as cerejas”. O problema que foi levantado tem a ver com a própria interpretação filosófica do que é o concreto e o abstracto, com o processo cognitivo, com o significado do clássico problema da filosofia da procura do ser.

**P1:** É verdade. Ao colocar o problema da forma que o fiz tinha em vista uma concepção dialéctica da relação entre o abstracto e o concreto. Como salienta **Rosental**, “o concreto é sinónimo de interconexão dialéctica, de integridade que se decompõe em partes; o abstracto não é um contrário do concreto, mas um ciclo no movimento do próprio concreto, é o concreto que se não se revela, não desdobra, não se desenvolve”<sup>1</sup>. Parafraseando **Seve**, o

conceito de mercado não nos diz concretamente como o mercado é em geral, mas como em geral é preciso estudar o que o mercado é concretamente<sup>2</sup>.

**C:** Falarmos em mercado no Egito de Ramsés, em Esparta do século V a.c., nos territórios árabes ou visigodos da Idade Média, no século XVIII em Lisboa ou hoje no Porto é referir situações que poderão, eventualmente, apresentar traços comuns (alguém ceder a outrém uma coisa como forma de receber outra coisa) mas em que as diferenças são muitas: influência da autoridade e da tradição, importância do preço na organização da troca, da produção e do consumo, objectivos prioritários do acto de produzir, importância social e individual do autoconsumo, coisas que são trocadas, âmbito geográfico, unidades de peso e medida utilizados, existência ou não da moeda e forma que esta assume, regulamentação social das práticas de troca, importância desta na vida de cada cidadão e das comunidades, etc.

**M:** Correndo o risco de antecipar-me a aspectos que ainda estão por investigar poderíamos dizer que a questão problemática conduz-nos para a pesquisa da essência, mas que esta manifesta-se de uma determinada forma em cada momento histórico, em cada mercado. Mais, se admitirmos que os conceitos económicos reflectem relações sociais (neste caso, grosso modo, a relação entre quem compra e quem vende, ambos pertencentes a uma sociedade constituída por uma determinada teia de relações interindividuais) e que estes se estabelecem através de “instrumentos materiais” (o que é trocado, equivalente ou moeda, etc.) poderemos dizer que a essência-relação manifesta-se em cada momento através de uma forma-relação (forma assumida pela relação numa determinada sociedade localizada no tempo e no espaço) e de uma forma-coisa.

**C:** Talvez assim seja. Apenas reforço a ideia que o nosso objectivo é analisar o que é comum a essa diversidade de situações. Utilizando a sua terminologia, averiguar qual a essência do mercado.

**M:** Referiram os cuidados que é necessário ter quando se faz uma análise diacrónica do mercado, o que me parece uma prevenção válida, mas continua por analisar em que medida é possível encontrar a referida essência numa análise sincrónica. Quando **Becker** defende que a estrutura da família depende da oferta e procura de homens e mulheres e da análise das vantagens comparativas entre ter ou não ter um filho, não se estará a atribuir ao conceito

de mercado valências radicalmente distintas. Não será o mesmo quando se procura estudar a corrupção à luz dos custos de oportunidade?

**J2:** Não são necessários esses casos extremos. Muitos autores interrogam-se se o que se designa por mercado monetário e por mercado cambial é efectivamente um mercado, pelo menos equiparável ao mercado de bens e serviços. Sobretudo é questionável se a taxa de juro e a taxa de câmbio são preços.

**C:** As vossas observações são importantes mas continuo a desejar que não nos afastemos do problema que nos ocupa: formular uma questão problemática e, sobretudo, tentar encontrar o que há de comum numa multiplicidade de situações que se designam por mercado. Sugiro-vos que continuemos nesse sentido embora saibamos que numa segunda reanálise do problema deveremos analisar diacrónica e sincronicamente cada mercado e ver o que há de semelhante e diferente. Atrever-me-ia a acrescentar que embora estando disposto a este exercício de diferenciação não será este o local apropriado para o fazermos.

**J1:** Concordo inteiramente. O alerta ficou.

**F2:** Nós estaremos atento aos perigos da generalização. Sempre que nos queiram apresentar um raciocínio genérico tomando como base uma situação específica (provavelmente um mercado de bens materiais) poremos a imaginação a funcionar para tentarmos encontrar um contra-exemplo e lançar a dúvida metódica.

**C:** Retomemos os exemplos iniciais. Eles podem servir-nos de referência para tentarmos responder à pergunta. O que há de comum entre todas essas situações? Quais são os elementos comuns em todos esses «mercados»?

**F1:** Há uma compra e uma venda.

**F2:** Há moeda.

**F3:** Há uma negociação entre os diversos intervenientes.

**F1:** Há algo (bem material, serviço, moeda, acção, etc.) que é comprável e vendível.

**F3:** Há uma diversidade, chamemos-lhe divergência, de interesses entre os intervenientes na operação.

**F1:** Há uma localização no espaço e no tempo, isto é realiza-se numa determinada data entre agentes que se encontram em determinado local.

**F2:** Há uma produção que pode ser vendida.

**F1:** E rendimentos que permitem adquirir o que se compra.

**F3:** Há um pagamento.

**F1:** Cada vez fica mais difícil encontrar elementos comuns!

**C:** Fiquemos, para já, por aí. Analisemos cada um dos aspectos referidos. Numa fase seguinte tentemos ver se existem lacunas para, finalmente, classificarmos e hierarquizarmos os diversos elementos referidos. Disseste que há uma compra e uma venda. Podes precisar o que pretendes dizer com isso?

**F1:** Parece-me óbvio. Quando algo é transaccionado há um dos intervenientes que o entrega ao outro que, por sua vez o recebe. É o que acontece, por exemplo, quando a minha mãe vai ao supermercado comprar carne ou quando eu vou a uma livraria comprar um livro ou ainda quando vou ao dentista. Claro que neste caso é um serviço e o entregar e receber tem um significado material ligeiramente diferente mas não deixa de ser entregar e receber (um tratamento). A entrega é a venda e o recebimento é a compra. Não há venda sem compra nem compra sem venda.



**C:** Foste claro na explicação do que tinhas dito. Contudo ficam-me duas dúvidas. Começemos por uma delas. Peguemos no exemplo da tua ida à livraria. Eras conhecido, costumavas adquirir lá muito material escolar e porque não levavas dinheiro pediste para trazer o livro que pretendias sem o pagares naquele momento. Comprometeste-te a passar por lá para pagar uma semana mais tarde, depois de receberes a semanada. Quando se dá a compra? No momento em que trouxeste o livro ou no momento em que foste pagar?

**F1:** Parece-me irrelevante essa questão porque nessa hipotética situação eu iria impreterivelmente pagar.

**C:** Ninguém está a pôr em causa a honestidade do processo, mas do ponto de vista económico essa questão não é irrelevante, por duas questões. Há um desfazimento temporal entre as duas situações o que significa que as duas hipóteses de valores são diferentes ou quando referenciadas aos dois momentos (caso haja uma taxa de juro, por exemplo) ou quando explicitadas para o mesmo momento (quando não há lugar a qualquer compensação). Na economia existem muitas dívidas que não são pagas, particularmente nos momentos de crise (de sobreprodução ou financeira, por exemplo).

**F1:** Será um problema de convenção considerar um ou outro momento. Eu depois de ter o livro na minha posse poderia lê-lo, sublinhá-lo, mandar para a fogueira e se eu não pagasse poderia sofrer um conjunto de consequências mas poderia nunca devolver o bem. Se fosse um serviço de um médico, por exemplo, não seria o facto de não pagar que retiraria o tratamento que ele me tinha feito. Consideremos, pois, que comprar significa transferir o usufruto (com ou sem propriedade) da coisa que é transaccionada.

**C:** Assim seja. Então mercado não implica a existência de moeda, como foi dito. Seja porque houve e há trocas directas seja porque pode haver compra sem pagamento. Não esqueçamos este aspecto, que não nos ocupará aqui, mas que pode ser particularmente relevante para outras temáticas.

**F2:** Como para o estudo da inflação. É particularmente importante distinguir a validação social da compra (pagamento contra moeda nacional), a validação privada da compra (pagamento temporário contra uma letra comercial, por exemplo) e a anteválidação social da compra (desconto da

referida letra comercial usufruindo da automática convertibilidade da moeda bancária em moeda nacional). Esta antevalidação social ou se converte numa validação social se a compra é paga ou numa pseudovalidação social se não o é. A destruição do valor da mercadoria típica de uma situação de não compra transfere-se para a moeda nacional pela via do crédito e da convertibilidade automática entre moeda bancária e nacional.

**C:** Esclarecemos a minha primeira dúvida sobre o significado do que é comprar e da sua importância na caracterização do mercado. Vejamos a segunda. Tu tinhas em mente adquirir um livro sobre determinada matéria. Dirigiste-te à livraria para veres o que havia. O que encontraste ou não correspondia exactamente ao que procuravas ou era demasiado caro para as tuas posses. Saíste com as “mãos a abanar”. Entrevieste ou não no mercado?

**F1:** Penso que sim. Fui ao local onde existiam os livros, soube quais eram as obras que eram oferecidas e seus respectivos preços e tomei uma decisão.

**C:** Estou de acordo. Mas então não se pode dizer que a compra e venda sejam elementos indispensáveis para a existência de um mercado ou, por outras palavras, existem intervenções no mercado que não as pressupõem obrigatoriamente. Então é preferível falar como elemento constitutivo de todos os mercados a intenção de compra e venda, muitas vezes concretizada e outras não. Estamos de acordo?

**F1:** De acordo.

**C:** Coloquemos esse elemento no acetato.

---

Intenção de compra e intenção de venda

---

**C:** Associado a este aspecto convirá analisar um outro que foi aqui dito: há

uma diversidade, chamemos-lhe divergência, de interesses entre os intervenientes nas operações. Creio que todos estarão de acordo que esta vertente está presente em todos os mercados.

**M2:** É necessário fazer algumas precisões. Num mercado existe uma grande diversidade de interesses entre todos os intervenientes mas essa diversidade não se pode resumir à divergência. Há estratégias de dominação e de cooperação, de lucros, cotas de mercado e de sobrevivência, de alienação e de aquisição, de manifestações subjectivas de utilidade variegadas. O que foi dito tem como exclusiva referência as intenções de compra e venda. Mais, não se deve encarar no âmbito individual mas sim no institucional (o indivíduo, a empresa, o conjunto de, os Estados, as nações, etc.). Mesmo no plano aparentemente individual e subjectivo é necessário considerar o que alguns autores chamam o altruísmo (a consideração da utilidade conjunta para si e para outrem).

**M1:** Restringindo o afirmado ao âmbito agora referido ainda haveria algumas coisas a analisar. Muitas análises da teoria do valor utilidade encaram as compras e as vendas, ou as suas intenções, como uma escala de utilidades.

*É, pois, a seguinte a formulação mais geral dessa operação que aqui expomos como fundamento mais importante de todo o intercâmbio de bens entre os homens: um indivíduo A dispõe de determinadas quantidades de um bem e estas têm, para ele, valor menor que determinadas quantidades de outro bem, que se encontram na posse do indivíduo B. Por outro lado, no caso deste último (indivíduo B) verifica-se o inverso no tocante ao valor das mesmas quantidades de bens, ou seja tem a mesma quantidade do segundo bem, para ele valor menor que as quantidades do primeiro bem que se encontram na posse do indivíduo A. Se a essa situação se acrescentar ainda*

*a) a consciência dessa situação, por parte dos dois indivíduos, e*

*b) o poder de efetuar concretamente a transferência de bens de que acima falamos*

*teremos uma situação em que dependerá exclusivamente do acordo entre os dois indivíduos dar ou não às próprias necessidades um atendimento melhor e mais completo, ou não efetuar a mencionada operação.*

*(...)*

*A ocorrência dessa transferência recíproca de bens baseia-se, como já dissemos, em três pressupostos:*

*a) um dos indivíduos deve possuir quantidades de bens que, para ele, têm valor menor que outras quantidades de bens que estão na posse de outro indivíduo, enquanto no caso deste segundo ocorre o contrário com referência ao valor das quantidades de bens em questão;*

b) os dois indivíduos devem conhecer e reconhecer a existência dessa situação;

c) os dois indivíduos devem poder concretizar efectivamente a citada troca de bens.

Se faltar qualquer uma dessas três condições, faltarão a base para a troca económica, estando economicamente excluída, nesse caso, a permuta com referência aos dois indivíduos e aos bens em questão.

(...)

Imaginemos que A, o primeiro dos dois proprietários, possua efectivamente 6 cavalos, mas uma única vaca, ao passo que a situação de B seria inversa (6 vacas e um só cavalo); assim sendo, podemos representar graficamente a graduação da importância do atendimento das necessidades, assegurado pelas respectivas posses dos dois, mediante a tabela seguinte:

A		B	
Cavalos	Vacas	Cavalos	Vacas
50	50	50	50
40			40
30			30
20			20
10			10
0			0

Pelo que dissemos no item anterior, observa-se que existem aqui as bases necessárias para que haja operações de troca económica. A importância que, para A, tem um cavalo (o sexto) é igual a 0, e a importância que, para ele, tem uma segunda vaca é igual a 40, ao passo que para B acontece o inverso: uma vaca (a sexta) tem, para ele, a importância equivalente a 0 enquanto um segundo cavalo tem para ele, a importância equivalente a 40. Por conseguinte, tanto A como B, poderiam atender muito melhor às suas necessidades, se A desse a B um cavalo e B desse a A, em troca, uma vaca; não há dúvida de que os

dois efectuarão essa permuta, se pensarem em termos económicos.<sup>3</sup>

O ponto central de toda a teoria da troca e dos principais problemas da Economia reside nesta proposição: **a relação de troca de dois bens quaisquer será correspondente à relação dos graus finais de utilidade das quantidades dos bens disponíveis para consumo depois que a troca se completa.** Quando o leitor tiver reflectido um pouco sobre o significado dessa proposição, ele verá, creio eu, que ela é necessariamente verdadeira se os princípios da natureza humana tiverem sido representados correctamente nas páginas anteriores.

(...)

Para representar esse processo de raciocínio por meio de símbolos, seja  $\Delta x$  um pequeno acréscimo de trigo, e  $\Delta y$  um pequeno acréscimo de carne dado em troca dele. Agora entra em cena a nossa lei da indiferença. Sendo tanto o trigo como a carne bens homogêneos, nenhuma parte deles pode ser trocada por uma relação diferente das outras partes, no mesmo mercado: assim, se  $x$  for a quantidade total de trigo dada em troca de  $y$ , a quantidade total de carne recebida,  $y$ , deve estar para  $x$  na mesma relação que  $y$  está para  $x$ , e temos então

$$\frac{\Delta y}{\Delta x} = \frac{y}{x}, \text{ ou } \Delta y = \frac{y}{x} \Delta x.$$

Num estado de equilíbrio as utilidades desses acréscimos devem ser iguais para cada parte interessada, de forma que nem mais nem menos troca seria desejável.<sup>4</sup>

Assim: **a troca de duas mercadorias entre si, num mercado regido pela livre concorrência, é uma operação pela qual todos os portadores, quer de uma das duas mercadorias, quer da outra, quer de ambas, podem**

obter a maior satisfação de suas necessidades compatível com a condição de dar mercadoria que vendem e de receber mercadoria que compram numa proporção comum e idêntica.<sup>5</sup>

Estudemos agora, em seus detalhes, os fenômenos que acabamos de estudar em geral.

Suponhamos que os obstáculos consistam unicamente no fato de que a quantidade total de cada mercadoria é constante e que somente existe variação na repartição entre dois indivíduos. É o caso da troca.

Suponhamos que o primeiro indivíduo, cujas condições são representadas pela Fig. 16, possua uma quantidade de mercadoria A, enquanto o outro indivíduo tem certa quantidade de B, mas não de A. Os eixos coordenados do primeiro são  $oA$ ,  $oB$ ; os do segundo  $o'Q$ ,  $o'R$ , sendo a distância

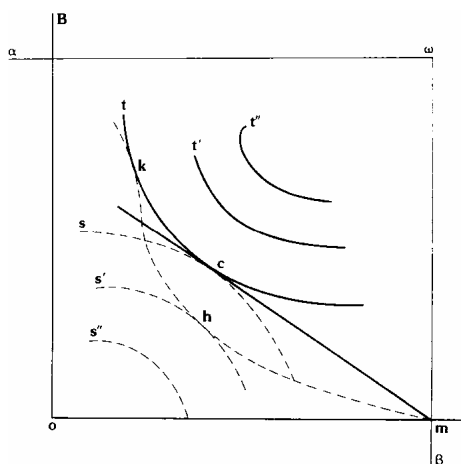


Figura 16

em igual à quantidade de B que o segundo indivíduo possui. As curvas de indiferença são  $t, t', t'' \dots$ , para o primeiro, e  $s, s', s'' \dots$ , para o segundo. Considerando a maneira como estão dispostas as figuras, uma única linha é suficiente para indicar o atalho percorrido pelos dois indivíduos. Os índices de felicidade vão aumentando de  $t$  em direção a  $t''$ , e de  $s$  para  $s''$ .

Estudemos os fenômenos do tipo (I).

Se um atalho  $mc$  é tangente em  $c$  a uma curva  $t$  e a uma curva  $s$ ,  $c$  é um ponto de equilíbrio. Portanto, se os obstáculos do segundo gênero impõem não um atalho, mas somente o tipo de atalho, os dois indivíduos experimentarão diferentes atalhos dessa espécie, até que encontrem um semelhante a  $mc$ .<sup>6</sup>

Nesse caso não se trata de uma divergência de interesses, de uma diferença qualitativa entre comprador e vendedor, mas antes de uma convergência, de uma diferença quantitativa.

**§3:** Postura que deixa de se apresentar da mesma forma nos mais directos continuadores do utilitarismo, como se verifica com **Marshall**. O vendedor deixa de estar interessado no bem e sim no dinheiro que pode propiciar.

Voltemo-nos então para as transacções usuais da vida moderna;

consideremos, por exemplo, um mercado de cereais numa cidade do

*interior e suponhamos, para maior simplicidade, que todo o trigo no mercado é da mesma qualidade. A quantidade que cada agricultor ou outro vendedor oferece à venda a*

*qualquer preço é determinada pela sua própria necessidade de dinheiro em mão, e pelo cálculo das condições presentes e futuras do mercado ao qual está ligado.*<sup>7</sup>

---

**I:** O que remete um pouco para a posição dos defensores da teoria do valor-trabalho, para os quais valor e valor de uso são elementos contraditórios e indissociáveis da mercadoria. A sua negação da negação é o valor de troca.

---

*O que sobretudo distingue o possuidor de mercadorias da sua mercadoria é o facto de, para esta, qualquer outra mercadoria ser apenas uma forma de manifestação do seu próprio valor. Igualitária e cínica por natureza, ela está sempre disposta a trocar a alma e mesmo o corpo por qualquer outra mercadoria, ainda que tão desprovida de atractivos como Maritornes. Esta sua falta de sentido para apreciar o lado concreto das suas irmãs é mais que compensada pelo possuidor de mercadorias com os seus cinco ou mais sentidos. Para ele, a sua mercadoria não tem qualquer valor-de-uso imediato; de outro modo não a levaria ao mercado. Para ele, o único*

*valor-de-uso que lhe encontra consiste em ela ser depositária de valor, valor-de-uso para outras pessoas e, portanto, um instrumento de troca. Ele deseja, pois, aliená-la em troca de outras mercadorias cujo valor-de-uso o satisfaça. Toda a mercadoria é não-valor-de-uso para quem a possui e valor-de-uso para quem a não possui. Por isso, todas têm de mudar de mãos. Mas essa mudança de mãos constitui a sua troca, e a troca relaciona-as umas com as outras como valores e realiza-as como valores. É necessário, pois, que as mercadorias se manifestem como valores, antes de poderem realizar-se como valores-de-uso.*<sup>8</sup>

---

**U:** Está fora do nosso propósito, neste momento, analisar as diversas teorias do valor e fazer uma sua apreciação crítica, mas as observações anteriores são importantes. Tentando conciliar todas as posições poderemos dizer que é preferível falar em diferença de interesses, colocando-a como aspecto particular das intenções de compra e venda. No entanto creio que merece a pena considerar esse elemento como constitutivo do mercado porque permite interligar a acção com a intenção, o social com o individual. Acrescentemo-lo ao nosso acetato:

---

Intenção de compra e intenção de venda  
Diferença de interesses

---

**C:** Analisemos agora outro aspecto referido, a existência de uma negociação. Uma negociação entre compradores, entre compradores e vendedores, entre vendedores. O que pretendias dizer com isso?

**R3:** Estava a dar ao termo «negociação» um sentido muito amplo. Em primeiro lugar pretendia significar que existe um relacionamento interindividual e interinstitucional entre os agentes intervenientes no mercado. Em segundo lugar que cada um dos intervenientes manifesta livremente as suas intenções e vontades.

**R1:** Liberdade individual dentro da necessidade social em que se insere, dentro dos condicionalismos naturais e sociais que num determinado momento e local manietam cada um de nós.

**R3:** Sem dúvida. Em terceiro lugar pretendia manifestar a ideia de que uns têm um conhecimento, maior ou menor conforme as circunstâncias, das intenções e acções dos restantes intervenientes e que não deixam de ter esse elemento em consideração quando reagem, quando reformulam as suas intenções.

**C:** Podendo todo esse complexo processo de ajustamento mútuo ...

**R1:** Ajustamento ou desajustamento!

**C:** Podendo todo esse complexo processo de ajustamento e desajustamento mútuo realizar-se sem um contacto pessoal, sem um relacionamento directo entre os diversos intervenientes.

**H3:** Sem dúvida.

**Q:** Acrescentemos esse elemento ao nosso acetato

---

Intenção de compra e intenção de venda  
 Diferença de interesses  
 Negociação

---

**Q:** Avancemos, Há algo (bem material, serviço, moeda, acção, etc.) que é comprável e vendível. Eis um elemento que foi acrescentado. Começamos por concordar que a terminologia é excessivamente imprecisa, embora me pareça útil analisar o problema a partir dela (“algo”). Se usássemos a consagrada poderíamos estar a incorrer implicitamente num vasto conjunto de equívocos. Se definirmos um bem como “tudo que permite satisfazer uma ou várias necessidades”<sup>9</sup>, poderemos dizer que o bem é um elemento constitutivo do mercado.

**H1:** Nemo todos os bens mas os que têm o epíteto de económicos.

**H2:** O que para uns está associado à escassez ou raridade e, para outros, à existência de um acto social de produção. Também há quem o associe à propriedade.

**Q:** São diferentes formas de dizer o mesmo. O problema dessa diversidade terminologica é o de trazer associado um conjunto de conceitos implícitos. Algo escasso é algo «acanhado», «apertado», «árido», «avarento», «avaro», «curto», «débil», «desprovido», «diminuto», «escasseado», «estreito», «falto», «famaco», «fanado», «fona», «fraco», «iliberal», «incompleto», «insuficiente», «magro», «mesquinho», «minguado», «mísero», «módico», «parco», «pouco», «poupado», «precário», «ralo», «raro», «somítico», «sovina», «tacanho», «tenaz», «tíbio»<sup>10</sup>. Um bem económico é um bem escasso ou raro mas do qual



pode haver mais procura que oferta, abundância. É preciso repensar esses conceitos. É escasso porque é necessário um esforço humano para que exista, porque é necessário produzir, porque é o resultado do trabalho humano, elemento sempre presente, directa ou indirectamente, na produção. É raro porque a acessibilidade de cada agente económico, cidadão, a esse bem é condicionada. É raro porque exige uma desutilidade para o obter, porque é propriedade de alguém.

**¶1:** Mas nem todos os bens económicos são elementos constitutivos do mercado porque tal exige a tal contradição entre o valor e o valor de uso, exige a presença de pelo menos dois agentes. Muitos bens económicos são utilizados por quem os produziu e é seu proprietário.

**¶:** **Nogaro**, numa nota de fim de página a propósito dos bens, diz que “empregam-se também, na teoria económica, para exprimir a mesma noção, os termos «produtos» e «mercadorias», cujo sentido é, no entanto, mais restrito: o primeiro, «produtos», aplica-se exclusivamente aos bens que implicam o trabalho do homem; e o segundo, «mercadorias», refere-se unicamente aos bens que se encontram no comércio”<sup>11</sup> Poderemos pois dizer que em todos os mercados existem bens económicos ou produtos, os quais passam a ser designados por mercadorias.

**¶2:** É importante não confundir bens com bens materiais. Aliás a classificação dos bens presta-se a muitas confusões.

**¶:** Não existe uma terminologia totalmente aceite e consagrada. Pode-se decompor os bens económicos em bens materiais e serviços; em materiais e imateriais; em bens de consumo, de produção ou financeiros; ou só em bens de consumo (final) e de produção; em bens de ordem inferior e superior; em bens duradouros, semi-duradouros ou não duradouros; em bens de consumo final e de equipamento; em bens presentes e futuros; em bens substituíveis ou complementares; em bens individuais ou colectivos; em bens privados ou públicos.<sup>12</sup> Tenhamos em atenção essa diversidade de classificações mas não nos ocupemos desse aspecto no presente momento e acrescentemos este elemento:

---

Intenção de compra e intenção de venda

Diferença de interesses  
Negociação  
Bens económicos, produtos (mercadorias)

---

**F2:** Se os produtos são um elemento constitutivo do mercado então também o é a existência de uma produção que pode ser vendida.

**C:** Teremos que responder manifestamente pela negativa. Basta comercializarem-se bens futuros, bens produzidos num momento posterior ao da transacção para o podermos fazer. Contudo essa questão não deixa de colocar muitas interrogações.

**M1:** Assim é. No mercado de capital-dinheiro, vulgarmente designado por mercado de dinheiro, onde está o produto, onde está o esforço humano inerente ao bem económico?

**M2:** O mesmo se poderia dizer em relação ao mercado cambial. Ou ao mercado de títulos.

**C:** Parece termos três hipóteses de resolver o aparente conflito entre os conceitos de bem económico e produto e o que se chamam mercados monetários. Primeira hipótese: repensar o conceito de escassez ou raridade e dissociá-los do esforço humano, da existência de trabalho. Segunda hipótese: dar um sentido amplo ao conceito de produto, isto é, entender que para existir um bem económico é necessário haver uma produção no processo gerador da sua existência.

**F2:** Não entendi, o que pretende dizer.

**C:** Afirmou-se que o bem económico resultava do trabalho humano. O que ficou por esclarecer foi o grau de mediação entre um e outro. Se o bem resulta directamente do trabalho humano a situação é clara, mas se não resulta

podemos interrogar-nos se a referência a aquele continua a ter sentido. As acções transaccionadas na bolsa são um título de capital social, não resultam directamente do trabalho humano mas pressupõe a existência de uma empresa, de capital, de trabalho humano. Se alguém pretendesse vender acções do ar que respiramos não se constituiria um mercado. A moeda é uma relação social de produção que se manifesta na esfera da troca. O equivalente geral é a “outra face” das mercadorias. Logo a moeda em geral, por maioria de razão o capital-dinheiro, é o resultado muito indirecto do trabalho humano.

**F1:** Então qual é o trabalho necessário para produzir a moeda?

**C:** O valor da moeda, problema extremamente complexo e que eu proponho que não discutamos agora, não resulta desse trabalho. É a outra face do valor das mercadorias.

**A3:** Tinha falado em três vias de resolver a aparente contradição. Citou apenas duas.

**C:** Obrigado por me ajudar a retomar o fio condutor. São tantos problemas que tendemos a desviar-nos com alguma facilidade. A terceira hipótese é retomar o que foi referido no início desta discussão por um de vocês, é admitir que o que se considera, nas suas diversas formulações, mercado monetário não é um mercado. Apenas para aguçar a curiosidade recordava uma frase de **Brunhoff**: “*O mercado da moeda, não é um mercado entre particulares, é um pseudo-mercado*”<sup>13</sup>

**A1:** Creio que não vamos discutir estas três possibilidades. A segunda parece satisfazer bastante bem os nossos propósitos, embora levante a discussão da natureza da moeda, hoje moeda-crédito. A observação que pretendo fazer é de natureza pedagógica. Estamos a discutir há algum tempo a resposta a uma pergunta que parecia extremamente simples: o que é o mercado? No meio do percurso constatamos que um dos problemas em que existe grande diversidade de posições é no entendimento do que são bens económicos e como classificá-los. Entretanto falamos aos alunos em mercado e pressupomos que eles espontaneamente sabem o que é. Em meia página apresentamos uma classificação dos bens e consideramos que é suficiente. Fico

preocupado com a diferença entre a complexidade do problema e a ligeireza com que o apresentamos.

**A2:** Também não poderíamos levar junto dos estudantes todo este tipo de discussão. Talvez nos bastasse uma mais forte exemplificação, um recurso a exemplos diferentes dos baseados nos bens materiais de consumo final ou intermediário para remediar um pouco o problema.

**C:** Talvez muitos economistas não fossem capazes de responder completa e claramente às questões que temos vindo a analisar. Não fiquemos demasiado alarmados se os estudantes que se iniciam nestes conceitos também o não forem. Contudo desta constatação não retiremos a possibilidade de tratarmos estas problemáticas com ligeireza. Existe todo um conjunto de conceitos que oscilam entre os terrenos do conhecimento corrente e do científico e quando eles são basilares podem-se gerar grossas confusões.

**A2:** E essa fronteira entre o corrente e o científico nunca poderá ser totalmente traçada porque a Economia Política dá lugar à Gestão e à Política Económicas que mergulham profundamente no conhecimento corrente e na ideologia.

**C:** Do que foi apresentado como possíveis elementos constitutivos do mercado fica apenas em aberto o da temporalidade e espacialidade, já que o da existência de um rendimento que permita adquirir os bens económicos tem exclusivamente a ver com a procura e será melhor analisado nesse momento. Que pretendias dizer com a referência ao tempo e ao espaço?

**F1:** Não saberei dizer mais do que já disse anteriormente. Quando falei em espaço estava mais a pensar em termos mais sociais do que geográficos. Não se trata de realizar num determinado lugar mais ou menos amplos mas em envolver um conjunto de indivíduos, empresas, instituições, Estados e instituições supranacionais que se situam algures, no tecido social.

**C:** Os conceitos de tempo e espaço em Economia estão muito pouco

clarificados. Assumimo-los quase sempre como categorias apriorísticas, como realidades pre-existentes às relações económicas e nas quais estas se desenvolvem. São imperativos categóricos kantianos.

**I:** A teoria da relatividade ainda não chegou, nem como preocupação, à Ciência Económica.<sup>14</sup>

**C:** Mas independentemente destas considerações temos de reconhecer que as intenções de compra e venda, os bens económicos (e os seus valores e valores de uso, entenda-se como se entenderem), a negociação tem os seus tempos, as suas dinâmicas próprias, os seus processos de realização, contradição e superação, tem os seus espaços sociais e geográficos de concretização. Mesmo que não se avance mais é melhor dizer isto, ter isto presente, do que se falar em mercado como realidade atemporal e espacial. Acrescentemos ao acetato:

---

Intenção de compra e intenção de venda  
Diferença de interesses  
Negociação  
Bens económicos, produtos (mercadorias)  
Temporalidade e Espacialidade

---

**I:** Normalmente o tempo é subestimado na análise dos mercados porque se considera que neles há reversibilidade. Parte-se de um equilíbrio para se chegar a outro equilíbrio qualitativamente igual. Não será que o equilíbrio é elemento constitutivo do mercado?

**C:** Este conceito persegue-nos, tanto quanto os paradigmas generalizadamente aceites apaziguam as nossas consciências. O «equilíbrio» é um elemento constitutivo da teoria dos mercados, como conhecemos hoje a Ciência Económica, mas não é constitutiva do mercado. As intenções que não se concretizam e a diversidade de preocupações dos intervenientes no mercado são elementos bastantes para afirmarmos que há muitas situações de mercado sem haver «equilíbrio». Logo este não é seu elemento constitutivo genérico.

Pena é que a actual teoria dominante não se consiga libertar desse elemento castrador da compreensão da realidade.

**F1:** Encontramos todos os elementos constitutivos ou ainda falta algum?

**C:** Creio que falta o mais óbvio. A própria razão de ser dos mercados: a existência de uma divisão social do trabalho, de uma especialização social de tarefas. É essa especialização entre produtores com um determinado grau de autonomia decisória, associado a um certo nível de produtividade do trabalho, que faz com que cada indivíduo, cada grupo de indivíduo, cada instituição tenha que comprar e vender.

**F1:** Se cada um produzisse integralmente o que necessita ou se especializando-se não conseguisse criar mais o que necessitava para si próprio (situação socialmente absurda) não haveria intenções de compra e venda, não haveria mercado.

**C:** Sem dúvida. Para muitos autores a divisão social do trabalho é um acto consciente por parte dos cidadãos na busca da felicidade. E o aumento da produtividade uma consequência dessa divisão de tarefas. Para outros, como **Durkheim**, “o acréscimo da divisão do trabalho é (...) devido ao facto de os segmentos sociais perderem a sua individualidade, dos septos que os separam se tornarem mais permeáveis”<sup>15</sup>. Para o economista é importante salientar a natureza «espontânea» do processo, o impacto impulsionador do desenvolvimento tecnológico e da preparação do homens, a grande diversidade e complexidade dessa especialização: entre produtores, em geral, entre trabalhadores e entre capitalistas, em capitalismo.

**F1:** Poder-se-á admitir que há um processo histórico de aumento da divisão social do trabalho, de crescente fragmentação das tarefas?

**C:** Creio que sim, numa análise macrotemporal. Contudo a resposta cabal a essa pergunta exigiria uma investigação histórica que não podemos agora fazer. Se permitem acrescentaria este elemento que acabamos de referir ao acetato, colocando-o em primeiro lugar:

---

Divisão social do trabalho  
Intenção de compra e intenção de venda  
Diferença de interesses  
Negociação  
Bens económicos, produtos (mercadorias)  
Temporalidade e Espacialidade

---

Podemos dar por terminada a caracterização do mercado através da referência dos elementos constitutivos de todas as situações. Terminemos com um apanhado muito incompleto do que alguns autores dizem ser o mercado:

---

*As coisas valiosas e permutáveis chamam-se também **mercadorias**. O **mercado** é o lugar onde se trocam as mercadorias. O fenómeno do valor de troca produz-se, pois, no mercado e é ao mercado que se deve ir para estudar o valor de troca.*<sup>16</sup>

*Quando se fala da procura e da oferta em suas relações recíprocas, é necessário naturalmente que os mercados respectivos sejam os mesmos. Como disse Cournot:*

*“os economistas entendem por **mercado** não um lugar determinado onde se consumam as compras e as vendas, mas toda uma região em que compradores e vendedores se mantêm em tal livre câmbio uns com os outros que os preços das mesmas mercadorias tendem a nivelar-se fácil e prontamente”*

*Ou ainda, segundo Jevons,*

*“originalmente um mercado era uma praça pública de uma cidade, na qual as provisões e outros objectos eram expostos para venda; mas a palavra foi generalizada, de forma a significar qualquer conjunto de*

*pessoas em estreitas relações de negócio e que efectuem largas transacções com uma mercadoria qualquer. Uma grande cidade pode conter tantos quantos os ramos de negócio, e esses mercados podem ser localizados ou não. O ponto central de um mercado é a Bolsa pública, empório ou sala de pregões, onde os comerciantes combinam em encontrar-se e fazer negócios. Em Londres a Bolsa de Valores, o Mercado de Trigo, o de Carvão, o de Açúcar e muitos outros têm uma localização própria; em Manchester o Mercado de Algodão, o de Restolhos de Algodão e outros. Mas a localização distinta não é indispensável. Os comerciantes podem estar espalhados em toda uma cidade, na região ou no país, e mesmo assim constituem um mercado se, por meio de feiras, reuniões, anúncios de preços, correio ou qualquer outra via, vivem em*

*comunicação estreita uns com os outros".  
Assim, tanto mais um mercado se aproxima da perfeição, mais forte a tendência a ser pago o mesmo preço pela mesma coisa, ao mesmo tempo em todas as partes do mercado; mas,*

*decerto, se o mercado é grande, devemos levar em conta as despesas de entrega das mercadorias a compradores diferentes, devendo-se supor que cada um deles pague, além do preço do mercado, uma parcela especial por conta da entrega<sup>17</sup>*

---

**A1:** Teria um particular interesse em conhecer a caracterização do mercado apresentada por **Marx!**

**C:** Mas que nos remeteria para muito longe, sobretudo porque exigir-nos-ia discutir o velho problema da metamorfose do valor em preço de produção ou, por outras palavras e na minha opinião, o da articulação do valor, valor de troca, preço de produção e preço de mercado. No entanto, podemos resumir a sua posição da seguinte forma: 1) toda a sua obra *O Capital* é um estudo do mercado através do conceito de valor, elemento indissociável da mercadoria. Este facto é tão evidente que o estudo das formas do valor<sup>18</sup> não é mais do que um estudo dos mercados ao longo da história. 2) O mercado é a expressão de uma determinada organização social gerada pela relação dialéctica das forças produtivas e das relações de produção. 3) Em capitalismo a dinâmica dos mercados é o resultado da lei da mais-valia.

**A1:** Parece importante salientar, no final desta conversa, que o mercado é, essencialmente, uma relação social, uma relação entre compradores e vendedores integrados, uns e outros, numa complexa teia de relações sociais de produção resultantes da divisão social do trabalho. É uma relação social com a sua própria espacialidade e temporalidade que se manifesta através dos bens económicos.

**A2:** O mercado é uma relação social e não um gráfico com duas curvas que se interceptam.



## TIPOS DE MERCADO

**C:** No início desta segunda parte do debate foi sugerido que posteriormente repensássemos se todas as situações consideradas de mercado tinham presentes todos os elementos anteriormente referenciados. Talvez uma forma indirecta de o fazermos, ao mesmo tempo que avançamos para um outro aspecto, seja através da consideração dos diversos tipos de mercado.

**M1:** Continuando em aberto a possibilidade de algum dos presentes aduzir um exemplo que ponha em causa a análise anterior...

**C:** O que seria uma excelente oportunidade para repensarmos o que estivemos a fazer, desde que o exemplo aplicado seja viável socialmente e esteja bem elaborado.

**F1:** O que pretende dizer ao falar em tipos de mercado?

**C:** Os elementos constitutivos do mercado que nós acabamos de seleccionar podem assumir diversas formas, fazendo com que um determinado mercado ou conjunto de mercados possa assumir determinadas características específicas, que o mercado tenha determinadas formas. São estas que nós vamos analisar.

**M1:** Parece um exercício simples. Basta pegar em cada um dos elementos, decompor, fazer os respectivos cruzamentos. A dificuldade pode estar nos critérios de decomposição utilizáveis.

**C:** Começemos pelo primeiro elemento considerado. Divisão social do trabalho. Existem diversos graus de divisão social do trabalho que dá lugar a diferentes estágios históricos da troca: desde a troca directa esporádica à troca directa generalizada, desde esta à troca contra moeda.

**M2:** Pelo que existiriam diversas formas de mercado conforme o grau de

evolução dessa divisão social de trabalho. É a essa divisão que **Marx** se refere quando considera as diversas formas de valor, como já referimos.

**C:** Essa divisão social do trabalho está estreitamente associada a um determinado tipo de articulação entre forças produtivas e relações de produção, pelo que podemos considerar diversas formas de mercado conforme os modos de produção.

**J2:** Preferiria falar em formações sociais, como formas «puras» de organização social.

**C:** Talvez. Deixemos a hipótese em aberto. Em cada um desses graus de divisão social de trabalho, em cada uma dessas formações sociais existem diversos tipos de agentes económicos, com determinadas relações económicas e políticas entre si, certas formas de hegemonia.

**F2:** Gostaria que explicasse um pouco melhor a sua ideia.

**C:** Consideremos, por exemplo, a relação que se estabelece entre um agricultor e um comerciante. Esta relação nos séculos XII e XX na Europa têm características bastantes diferentes pela importância económica e social que tem cada uma das duas actividades, pelas funções sociais desempenhadas por um e por outro, pela importância relativa da tradição, da autoridade e da racionalidade baseada no preço, pela estrutura do político e do ideológico e sua influencia sobre o agentes envolvidos, etc. Do ponto de vista formal poderíamos considerar que nas duas situações há um mercado formado pelo mesmo tipo de agentes mas a realidade sociopolítica que cada um deles representa é radicalmente diferente. Em cada momento histórico também um mercado concreto pode ser dissemelhante conforme os agentes que efectivamente intervêm, directa e/ou indirectamente, nele.

**J1:** As relações de trabalho, moldadoras das relações de produção, são um elemento fundamental nessa caracterização dos agentes económicos e das relações que estabelecem entre si.

**M1:** A nossa preocupação predominantemente económica, a nossa (de)formação profissional faz com que classifiquemos os indivíduos em agentes económicos, com uma tipologia transposta das teorias que conhecemos, e esqueçamos as relações interindividuais existentes numa determinada comunidade, num determinado espaço geográfico-social, que é, provavelmente, configurador da própria decomposição em agentes e da natureza destes. Esse elemento também deve ser considerado.

**M2:** Entre os modos de produção e as relações interindividuais, entre aqueles e os agentes seria necessário considerar os sistemas, os regimes e as estruturas, para utilizar a terminologia de **Lhomme**<sup>19</sup>

**M1:** Ou ainda os grupos socio-económicos nas suas dinâmicas temporais e espaciais.

---

*Para começar podemos definir provisoriamente um grupo socioeconómico como uma **unidade colectiva real**.*

*Esta unidade colectiva, este verdadeiro ser colectivo original, forma-se a partir de um conjunto de agentes e das suas inter-relações. Mas nasce graças a uma combinação e a um desenvolvimento específicos.*

*É dotado de uma existência, dum comportamento e de uma força próprios (...).*

*Para analisar um pouco mais a natureza específica dos grupos socio-económicos convém destacar as três características componentes.*

*— A componente fundamental do grupo socio-económico é o que nós balizamos de «realidade colectiva»<sup>20</sup>*

*Ela é a unidade de existência manifestada por uma situação original.*

*— Uma «razão colectiva» constitui a segunda componente essencial. Inteligência activa da situação, das motivações, dos meios e dos fins do grupo, manifesta-se por um comportamento específico.*

*— Uma «força colectiva» é a última componente do grupo socio-económico. Poder de acção próprio do grupo socio-económico, diferente da simples soma dos poderes isolados dos agentes que constituem o grupo e manifesta-se por uma actividade específica e sequências originais de actos.<sup>21</sup>*

---

**C:** Sem dúvida. A análise que aqui estamos a fazer é extremamente

simplificada, partindo de alguns aspectos vulgarmente considerados pelos economistas. Uma análise cuidada da divisão social do trabalho exigiria a consideração de muitos outros aspectos e não poderia ser feita sem o apoio da Sociologia, da Psicologia, da História e da Geografia. A decomposição a que procedemos é particularmente complexa para a «divisão social do trabalho» e a «negociação» seja pela vastidão dos seus significados, seja pela complexidade dos seus elementos constitutivos e inter-relações, seja ainda pelas estreitas fronteiras com outras ciências sociais.

**F3:** De facto quando falamos em negociação aceitámos dar-lhe um sentido muito amplo englobando o conhecimento que uns têm da actividade dos outros e da forma como reagem ao que admitem ser o comportamento deles, informação entre compradores e vendedores mas também entre vendedores e entre compradores. As relações entre os homens, sempre presente no mercado, e que faz parte desta vertente da negociação, desenrola-se sempre num quadro jurídico que é preciso ter em conta e que molda os comportamentos dos agentes no seu respeito ou desrespeito. Ampliando ainda mais o significado do termo podemos englobar aqui a possibilidade de entrada ou saída do próprio mercado.

**C:** O que correntemente se designa por barreiras de entrada e saída.

**M1:** Gostaria de manifestar o meu apreço por esta intervenção dum estudante sobre a negociação. Temos que encará-la com regozijo pela capacidade de compreensão que revelou, pelos elementos novos que nos trouxe.

**F1:** Não vejo razão para tanto espanto. É certo que estamos aqui para aprender e vocês sabem muito mais do que nós, mas seremos capazes de participar, modestamente, na reflexão desde que nos seja explicado a razão de ser das coisas.

**C:** Também podemos englobar na negociação a concorrência, concorrência entre compradores e concorrência entre vendedores, as quais apresentam características diferentes.

**M1:** O termo «concorrência» exige alguma atenção. Nem sempre é

utilizado no mesmo sentido. Como diz **Cotta**, “a noção de concorrência restringiu-se durante muito tempo à concorrência de preços”<sup>22</sup>, tomando como referência a «concorrência pura e perfeita». Creio que o sentido atribuído aqui à competitividade é mais amplo, explicita a existência de competição entre compradores, por um lado, e entre vendedores, por outro. Neste último caso pode ser uma competição pelos preços, pela qualidade, pela quota de mercado, pela liderança de um processo de fabrico, etc.

**C:** Foi exactamente neste último sentido, mais amplo, que apliquei o termo concorrência. Dada a sua importância no funcionamento dos mercados, muito essencialmente, dos mercados capitalistas, seria interessante, embora não o façamos aqui, decompor a concorrência em diversos subtipos. Um mercado assente, da parte dos vendedores, numa competição pela qualidade é certamente diferente de um outro que se baseia exclusivamente numa «luta» de preços.

**M2:** Sobre as intenções de compra e de venda pouco haverá a dizer. Estamos a falar de agentes que procuram (demandadores na terminologia brasileira) e de agentes que oferecem (ofertantes)

**M3:** Essa terminologia brasileira é sugestiva mas parte de chamar “demanda” à procura. Nós poderíamos falar de procurante e ofertante. Procurante, assim como procurador, é “quem procura”. São termos que existem na nossa língua, embora não sejam correntemente utilizados e os livros de economia nunca os utilizam. Como “procurador” já tem um significado muito próprio resta-nos o outro termo. Falar em procurante é melhor que utilizar o termo comprador, assim como ofertante reflecte mais o sentido de intenção que o termo produtor ou vendedor.

**C:** Nesta tipificação do mercado é conveniente distinguir entre procura e oferta e, dentro de cada um destes agregados podemos ter em conta o número de agentes intervenientes, vertente tradicionalmente considerada em quase todos os trabalhos de Economia, a racionalidade económico-social que os norteia...

**M1:** O que em grande medida tem a ver com aspectos já referidos a propósito da negociação

**C:** O estatuto jurídico de uns e outros...

**R1:** Desde que o estatuto jurídico intervenha no comportamento económico dos agentes, obviamente! Mais importante do que isso é o tipo de agente económico procurante e ofertante: empresa, família, Estado. É certo que este aspecto pode estar muito associado a uma questão que já analisámos, o bem económico, mas é preferível repetirmos aspectos que esquecermos alguns.

**C:** De facto existe alguma sobreposição. Se o bem é a força de trabalho o ofertante é uma família, se o bem é uma máquina apenas utilizável para a produção de determinados bens o procurante é uma empresa. Mas muitas outras situações não têm uma fronteira clara. Por exemplo, se o bem é uma informação, ou uma divisa, ou um bem material que pelas suas características tanto pode ser matéria-prima como para consumo final, não há uma correspondência directa, biunívoca entre o tipo de bem e o tipo de agente interveniente. Aproveitemos a deixa para passar à decomposição dos bens económicos.

**R1:** O que dissemos anteriormente sobre os bens económicos, parece-nos suficiente. Embora não tivéssemos aprofundado e fosse referida a diversidade de interpretações parece claro que aqueles podem ser decompostos em diversos tipos segundo vários critérios: natureza física dos bens (bens materiais, serviços, etc.), a finalidade com que são procurados (finais, intermediários, etc.), segundo a sua relação directa com a produção (o que permitiria considerar a moeda, assim como as influências e outros aspectos), segundo a aplicabilidade do princípio da exclusão (bens individuais, se se lhes aplica, bens colectivos, no caso alternativo), etc.

**C:** Tens razão. Falta apenas fazer referência a uma classificação dos bens muito comum na Economia: homogéneos, heterogéneos. É uma distinção frequentemente utilizada na tipificação dos mercados. A homogeneidade é uma das características do mercado referencial para a generalidade das exposições: o mercado de concorrência perfeita.

---

O modelo tradicional chamado «concorrência pura e perfeita» repousa sobre um número restrito de hipóteses que são:  
(...)

— **homogeneidade do produto:** os vendedores oferecem todos um produto idêntico de tal modo que os compradores não são levados a preferir o produto desta ou daquela firma em particular.<sup>123</sup>

---

É uma classificação sem dúvida útil mas que resulta da intercepção de um vasto conjunto de factores: utilidade subjectiva, informação, acessibilidade espacial aos bens, entre outros aspectos. Não tem a ver com as características físicas do bem.

**H1:** Um bem homogéneo é uma abstracção, não é uma realidade social enquanto capacidade de escolha dos procurantes.

**H2:** Não é bem assim. Existirá homogeneidade se existir um único produto oferecido por um único produtor, não havendo possibilidade de escolha. É o caso, por exemplo, da electricidade que utilizamos em nossas casas.

**H3:** Pressupõe-se a homogeneidade mas esta não é verificável empiricamente. Seria necessário considerar o comportamento de todos os procurantes em relação a todos os bens que se encontram no mercado e não seriam admissíveis amostras. Apesar da Economia pretender ser positiva existem estas situações.

**C:** As falhas à positividade que a Ciência Económica pretende rejeitar são muitas mais. Quando abordarmos a procura verificaremos quão desfasado é essa pretensão da Economia em relação à sua estrutura axiomática, ao conteúdo das suas teorias na formação neoclássica. Mas não vamos analisar esse aspecto aqui.

---

*A Economia Política hoje dominante pretende-se positivista. Raramente faz o seu autorretrato completo e nunca uma reflexão sobre o seu significado. Deixando de lado as manifestações de hiperempirismo, que são presa fácil*

*das críticas alheias, poderemos dizer que no essencial o positivismo da Economia Positiva se radica no positivismo lógico, isto é, numa postura filosófica que defende três princípios essenciais:*

1) A unicidade e universalidade do método das ciências naturais; conseqüentemente as ciências sociais, para o serem, terão que aplicar o mesmo método, embora se reconheça as limitações ou impossibilidades da experimentação.

2) A análise teórica tem de ser baseada na observação empírica. Restringe a investigação racional a uma descrição de fenômenos observáveis: a investigação começa com observações parciais, estas dão lugar a hipóteses primárias; partindo destas, e através da análise lógica, formulam-se teorias gerais; estas teorias são confrontadas apropriadamente com a observação e serão aceites se houver uma verificação ou, o que é diferente, se não houver a demonstração da sua falsidade. A causalidade é conceito irrelevante, metafísico, ou traduz-se pela sequência de manifestação fenomenológica.

3) Oposição ao irracionalismo e repúdio da metafísica, o que engloba o repúdio dos juízos de valor, considerados inverificáveis.

O positivismo e o positivismo lógico, o reconhecimento da importância do confronto com a realidade como principal avalizador de uma teoria foram, e são, importantes contributos para a ciência mas o seu reducionismo causa hoje graves entraves.

Não existe um mas vários métodos das ciências naturais -- englobando desde ciências experimentais até outras em que o não são -- não podendo nenhum ser encarado como critério de cientificidade. A Economia Política, durante muito tempo agarrada às leis deterministas habituais da Física antecipou-se a esta na concepção e utilização das leis probabilísticas, tendenciais.

Não existem observações directas passivas, seja porque toda a leitura da realidade é uma leitura teórica e

cultural -- hoje comprovável biologicamente --, seja porque o confronto com a realidade é sempre uma descodificação, adaptada, dos conceitos teóricos e um isolamento da realidade considerada necessária para o teste, de verificação ou previsão. Por outras palavras, se tivermos em conta que os meios de investigação geram os seus próprios fins, o percurso da observação conduz à confirmação dos fins que se pretendiam. A natureza axiomática dos modelos, o ceteris paribus, a aceitação à partida de afirmações parcial ou totalmente inverificáveis e as simplificações inerentes ao modelo permitem sempre admitir que a teoria está certa mesmo quando o tão ansiado confronto com o real parece demonstrar o contrário. Frequentemente o positivismo concilia-se com o apriorismo: "Se aparece uma contradição entre uma teoria e a experiência podemos sempre supor que não estiveram presentes alguns dos pressupostos da teoria ou que houve algum erro nas nossas observações. O desacordo entre a teoria e os factos da experiência frequentemente nos obriga a reconsiderar por completo os problemas da teoria. No entanto, desde que essa reanálise não encontre erros nos nossos raciocínios nada nos permite duvidar da sua verdade"<sup>24</sup>

As fronteiras entre os juízos positivos e os juízos de valor são mais complexas e diluídas do que pretende a Economia Positiva.

Contudo não é esta postura de aceitação ou repúdio parcial que nos parece particularmente relevante. Numa lógica de pluralismo teórico e de confronto crítico de posições a aceitação dos princípios daquelas correntes filosóficas por parte de diversos economistas pode revelar-se extremamente saudável. O essencial é que as temáticas e as metodologias



da *Economia Política* não se restringem às impostas pelo positivismo. Os “colégios invisíveis” não podem restringir a *Economia* a um tal tipo de abordagem. Algumas das problemáticas hoje vitais para relançar a *Economia Política* e reduzir a sua conflitualidade interna passam por investigações que não se enquadram nos cânones positivistas.

Mais, o repúdio simplista pela subjectividade e pelos juízos de valor pode conduzir directamente à tecnocracia, ao esquecimento do social, ao abandono do

reconhecimento de que por detrás de cada conceito de *Economia Política* existem homens com as suas alegrias e tristezas existenciais. A *Economia Positiva* tende a abandonar os princípios sociais que nortearam o labor intelectual dos grandes vultos da *Economia*, a repudiar, consciente ou inconscientemente, o humanismo.

São estes aspectos os particularmente graves, sobretudo se pensarmos na situação actual da *Economia* como matéria de ensino e de formação de gerações de economistas, de formadores de ideologia.<sup>25</sup>

**F3:** Finalmente vamos entrar no último elemento constitutivo do mercado, o qual não levanta problemas de maior. A temporalidade chama a atenção para a diversidade dos mercados conforme a época histórica e a espacialidade para o âmbito geográfico-social das relações estabelecidas entre ofertantes e/ou procurantes.

**Q:** Não é fácil superar o hábito das leituras estático-comparadas assente numa sucessividade de «equilíbrios» que se configuram qualitativamente bastante iguais. Façamos um esforço. Admitamos que num mercado é possível isolar um conjunto dos seus elementos constitutivos, os quais apresentam, em determinada fase de interacção entre si e de manifestação social...

**I1:** Para simplificar chamemos a essa fase de interacção e acção social, tempo (t).

**Q:** Consideremos, pois, um conjunto de elementos referenciados a um determinado tempo. O resultado dessa interacção e acção influencia os elementos constitutivos modificando a interacção e acção que se vai manifestar nos tempos seguintes. Esta situação é realista e facilmente compreensível se pensarmos em qualquer conjunto de elementos constitutivos do mercado, os quais estão em modificação sistemática. Sinteticamente

O tipo de mercado é caracterizado pelo vector de elementos constitutivos

$$B_t = \begin{bmatrix} \beta_{1t} \\ \beta_{2t} \\ \dots \\ \beta_{kt} \end{bmatrix}$$

com

$$\beta_{it} = \Psi(\beta_{i(t-1)}, \prod_i \beta_{i(t-1)})$$

ou

$$\beta_{it} = \Psi(\beta_{i(t-1)}, \beta_{i(t-\alpha_i)}, \prod_i \prod_{\alpha_i} \beta_{i(t-\alpha_i)})$$

Neste caso a temporalidade não é um elemento que se acrescenta ao mercado, não é decomponível em tipos de temporalidade. Ela é a transformação dos mercados, dos seus tipos. Temporalidade e espacialidade (social) surgem como elementos interligados.

**Iz:**

Uma tal interpretação da dinâmica dos mercados introduz dois aspectos que gostaria de salientar. Primeiro, a interconexão entre os diversos tipos de mercado e a explicação interna da eventual passagem de uns a outros. Segundo, a irreversibilidade das dinâmicas de mercado (estritamente associado à sensibilidade às condições de partida em cada tempo de transformação).

**U:**

Resumamos as decomposições feitas ao longo desta conversa, no acetato seguinte:

Divisão social do trabalho

- graus de divisão social do trabalho
- modos de produção (formações sociais)
- relações interindividuais

Agentes económicos

- existentes
- actantes sobre o funcionamento do económico
- actantes sobre um mercado concreto.

Intenções de compra e Intenções de venda

- procura
  - número de procurantes
  - tipo de agente
  - racionalidade económico-social
  - estatuto jurídico-administrativo
- oferta
  - número de ofertantes
  - tipo de agente
  - racionalidade económico-social
  - estatuto jurídico-administrativo

Negociação

- informação
- comportamento
- quadro jurídico-político
- concorrência entre compradores
- concorrência entre vendedores
- tipo de concorrência

Bens económicos

- tipos de bens  
(segundo critérios de natureza física, finalidade de utilização, exclusividade na satisfação das necessidades, etc.)
- homogeneidade

Temporalidade

- época histórica  
(possibilidade de uma outra interpretação pela consideração de um modelo dinâmico)

Espacialidade

- âmbito geográfico-social

---

O tipo de mercado obtem-se pelo cruzamento de todos estes aspectos.

**F1:** Donde se conclui que as classificações que habitualmente constam dos livros introdutórios são excessivamente simplistas.

**C:** Muito provavelmente, mas para tirarmos essa conclusão seria necessário uma operação teórica intermédia que não vamos realizar: hierarquizar os diversos aspectos referidos quanto à sua importância relativa para a tipificação dos mercados.

**J1:** Não posso deixar terminar esta dissecação do mercado sem alertar para o facto de apenas termos dado uma caracterização parcial e limitada do mercado, ou mais exactamente, dos seus elementos constitutivos. Parcial porque se estivessemos a estudar esta mesma realidade social do ponto de vista de outra ciência certamente que teríamos captado outros elementos constitutivos. Hoje o mercado é também um mito, um simbologia de referência para múltiplos discursos, uma ideologia. O mercado é objecto de conhecimento individual e colectivo. O mesmo mercado objectivo poderia ser interpretado pela Teoria das Ideologias, pela Semiótica, pela Linguística, pela Psicologia Genética, etc. assim como o fizemos para a Economia. Mesmo áreas afins à que explorámos, como é o caso do Marketing, não deixariam de ter em consideração outros referenciais. Limitada porque a complexidade dos elementos constitutivos do mercado mesmo para a Economia não se esgota nos considerados. Basta pensarmos na interligação entre todas as áreas da sociedade para encontramos sobredeterminações políticas, ideológicas, etc.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PEDAGÓGICAS FINAIS

**M1:** Admitamos que esta matéria, caracterização do mercado e especificação de alguns dos seus elementos constitutivos, tinha sido apresentada aos estudantes, sem as discussões que aqui tivemos, de uma forma coerente mas chamando a atenção para a complexidade do problema que estava

em causa e para o frequente desajustamento entre o que tínhamos dito e o que consta em alguns dos mais conhecidos livros introdutórios de Economia. Que elementos poderíamos fornecer-lhes e que trabalhos lhes sugeriríamos de forma a precisarem e completarem os conhecimentos adquiridos?

**U:** Não há uma resposta a essa pergunta pois as possibilidades são múltiplas. O que poderei dizer está sintetizado no acetato seguinte:

---

**1ª Fase:** Fornecimento de um conjunto de textos e imagens curtos dos mais diversos tipos que exemplificassem situações de mercado.

Com eles pretender-se-ia alertar o estudante para a multiplicidade de situações, dar-lhes um pouco a explicação de como funcionam os diversos mercados, permitir que deduzissem as semelhanças e as diferenças.

Os textos poderiam ser fornecidos já organizados ou numa sequência aleatória pedindo ao estudante que os organizasse explicitando os critérios utilizados.

**2ª Fase:** Fornecimento de um conjunto de textos e imagens curtos dos mais diversos tipos que explicassem os diferentes elementos constitutivos do mercado.

(as considerações apresentadas no ponto anterior são válidas, com a ressalva de que a abordagem de cada um dos elementos constitutivos deveria ser feito antes de se passar ao seguinte)

**3ª Fase:** Confrontar o estudante com alguns poucos textos ou imagens polémicos (embora não se apresentassem como tal) solicitando a sua apreciação crítica.<sup>26</sup>

**4ª Fase:** Apresentação de um conjunto de perguntas de resposta fechada (sobretudo de escolha múltipla e de resposta múltipla) que obrigassem o estudante (e o professor ao elaborá-las) a precisar a terminologia e os conceitos.

**5ª Fase:** Solicitar um trabalho sobre o mercado ficando ao cuidado do estudante precisar o seu conteúdo concreto e o suporte técnico da sua realização.

O professor deve dar um grande apoio orientador (sem nunca fazer o que compete ao estudante) na definição precisa da temática, na elaboração do plano, na pesquisa bibliográfica, na calendarização.

O suporte técnico é o que o estudante considerar melhor, desde que o domine minimamente: texto escrito (ensaio, conto, romance ou poesia), vídeo, hipertexto, etc.

---

**R:** Tudo isso admitindo que o estudante não tem mais nada que fazer, que não tem outras disciplinas para estudar.

**C:** Talvez.

~ NOTAS ~

<sup>1</sup> ROSENAL & Outros, *Dicionário Filosófico*, Entrada “O abstracto e o concreto”, 1972, Lisboa, Ed. Estampa, pág. 15/6.

<sup>2</sup> SEVE, Lucien; *Une Introduction a la Philosophie Marxiste*, 2ª. Ed., Paris, Editions Sociales, pp716. Na página 91 afirma: “*les concepts ne nous disent pas concrètement comment est la chose en général, mais comment en géberal il faut s’y prendre pour étudier ce que la chose est concrètement*”

<sup>3</sup> Carlo MENGER, *Princípios de Economia Política*, tradução de Luiz João Baraúna, 1988, São Paulo, Nova Cultural, pág. 113/6

<sup>4</sup> W. Stanley JEVONS, *A Teoria da Economia Política*, tradução de Cláudia Laversveiler de Moraes, 1988, São Paulo, Nova Cultural, pág. 74/5

<sup>5</sup> Léon WALRAS, *Compêndio dos Elementos de Econômia Política Pura*, tradução de João Guilherme Vargas Netto, 1988, São Paulo, Nova Cultural, pág. 66

<sup>6</sup> Vilfredo PARETO, *Manual de Economia Política*, tradução de João Guilherme Vargas Netto, São Paulo, Nova Cultural, pág. 103/4

<sup>7</sup> Alfred MARSHALL, *Princípios de Economia. Tratado Introdutório (Vol II)*. Tradução de Rômulo Almeida & Ottolmy Strauch, 1988, São Paulo, Nova Cultural, pág. 8

<sup>8</sup> Karl MARX, *O Capital*, Tradução de J. Teixeira Martins & Vital Moreira, 1974, Coimbra, Centelha, pág. 135/6

<sup>9</sup> Alain GÉLÉDAN & Janine BRÉMOND, *Dicionário Económico e Social*, tradução de Henrique de Barros, 1988, Livros Horizonte, pág. 32

<sup>10</sup> TERTÚLIA EDÍPICA, *Dicionário de Sinónimos da Língua Portuguesa*, 2ª. Ed., sd (seguindo o Acordo Luso-Brasileiro de 1945), Lisboa, João Francisco Lopes, entrada respectiva.

<sup>11</sup> Bertrand NOGARO, *Curso de Economia Política*, in *Panorama da Ciência Económica*, Vol. III, 1951, Lisboa, Ed. Cosmos, pág. 25

<sup>12</sup> Para se analisar a diversidade de decomposições pegue-se em alguns livros introdutórios. No nosso caso pegámos em três: no de NOGARO, ob. cit., no de GÉLEDAN & BRÉMOND, ob. cit. e em Alain COTTA, *Dicionário de Economia*, 3ª. Ed. tradutores vários, 1977, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

<sup>13</sup> Suzanne de BRUNHOFF, *L’heure du marché*, 1986, Paris, PUF, pág. 99

<sup>14</sup> Sobre a questão do tempo veja-se Bernard PIETTRE, *Philosophie et Science du Temps*, 1994, Paris, PUF.

<sup>15</sup> Emile DURKHEIM, *A Divisão do Trabalho Social II*, Tradução de Maria I. Mansinho & Eduardo Freitas, 1977, Lisboa, Editorial Presença, pág. 35

<sup>16</sup> Léon WALRAS, *ob. cit.*, pág. 35

<sup>17</sup> Alfred MARSHALL, *ob. cit.*, pág. 2

<sup>18</sup> Karl MARX, *Le Capital. Critique de l'Économie Politique*, Livro I, Tomo I, Paris, Editions Sociales, Pág. 62 a 83

<sup>19</sup> Jean LHOMME, “Sociologia dos Sistemas, Regimes e Estruturas Económicas”, *Tratado de Sociologia*, dirigido por Georges GURVITCH, 1964, Lisboa, Iniciativas Editoriais, Vol I, pág. 521/572. Esta análise está hoje, por razões teóricas e históricas, ultrapassada, mas as preocupações que o orientam continuam a ser válidas.

<sup>20</sup> Propomos este neologismo como contracção de «económico-colectivo» (a nota é do autor)

<sup>21</sup> Jean BACAL, *L'Économie des Sociologues*, 1974, Paris, PUF, pág. 116/9

<sup>22</sup> Alain COTTA, *ob. cit.*, pág. 90/1

<sup>23</sup> *Idem*, pág. 91

<sup>24</sup> Ludwig von Mises, citado por Homa KATOUZIAN, *Ideologia y Metodo en Economia*, Madrid, Editorial Gredos, 1982,272

<sup>25</sup> Carlos PIMENTA, “Ciência e Pedagogia. Racionalidade e Imaginação hoje.”, 1994, artigo no prelo

<sup>26</sup> Um exemplo. Uma série de desenhos animados sobre aspectos económicos apresentada na Televisão Portuguesa mostrava a divisão social do trabalho nas sociedades primitivas como um conjunto de actos conscientes realizado pelos intervenientes do processo sem entrar em consideração com as vertentes técnicas e sociais. Essa poderia ser a imagem apresentada.



### PARTE III

### A PROCURA

#### CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

**Q:** Após termos caracterizado o mercado estamos em condições de formular as questões problemáticas para o estudo completo do mercado, as quais podem ser divididas em dois blocos. Num primeiro pretende-se dissecar cada um dos elementos constitutivos do mercado resultantes da análise que acabamos de fazer. Elas podem ser formuladas da seguinte forma: *um dos elementos constitutivos do mercado é X. O que é X e o que o determina?* em que, obviamente o X será a divisão social do trabalho, os agentes económicos, etc. Num segundo bloco pretende-se esclarecer as interligações entre esses diversos elementos:

*Quais as relações existentes entre os diversos elementos constitutivos do mercado?*

*Que relações existem entre o conjunto dos mercados e cada um deles, entre estes?*

Finalmente poderemos colocar um última questão: *É possível formular leis sobre os mercados?*

**R1:** Esse conjunto de questões problemáticas permite-nos analisar cada um dos elementos do mercado e aplicar o método de análise, isto é, partir do complexo e chegar ao simples, partir do todo e chegar às partes, compreender estas. Desse ponto de vista o método parece exemplar. Depois de termos aplicado a análise aos diversos elementos procedemos à síntese, ao regresso ao todo, à interligação das partes, à passagem da unidade e multiplicidade ao todo, um todo concerto. Mas surge-me uma interrogação. Não será que ao procedermos assim estamos a admitir que as partes existem sem o todo, que as partes são compreensíveis em si, mesmo desinseridas das relações em que ganham existência?

**R2:** Apesar da nossa compreensão crescente destes debates continuamos a sentir-nos desorientados quando saltitam da Economia para a Filosofia. Não pode ser mais explícito?

**R1:** Peço desculpa por estas incursões mas repensar o económico e a Ciência Económica exige este sistemático processo de reflexão sobre o nosso

percurso. Todos nós utilizamos ao longo dos anos um determinado método de estudo e investigação, todos nós temos raciocínios automáticos a que não aplicamos a dúvida metódica. É o resultado de longos anos de aprendizagem e aplicação dentro de determinados paradigmas científicos, de certos hábitos aceites pela comunidade científica, comunidade racional mas profundamente egoísta socialmente e egocêntrica, e não podemos perder nenhuma oportunidade para repensar estas coisas.

**F2:**

Não estou a fazer-lhe nenhuma crítica. É para exercício que estamos aqui e ainda bem que aceitamos conversar com essa abertura de espírito. Apenas tenho, e creio que os meus colegas também, algumas dificuldades em compreender onde pretendem chegar com algumas observações.

**M1:**

Compreendi a sua crítica e já lhe ia dar razão na sua preocupação de concreto. Para tal apresento um exemplo do que pretendia dizer. Dissemos anteriormente que um dos elementos caracterizadores do mercado são as «intenções de compra e intenções de venda». Segundo a metodologia anteriormente referida iríamos, em momento oportuno, depois de procedermos de igual modo para os dois primeiros elementos, proceder à sua análise. Nessa altura estamos a estudar a «procura» e a «oferta» admitindo por questões metodológicas que eles são o todo da nossa observação. Vamos introduzir o bisturi da análise nesses conceitos e vamos separar «procurantes», «agentes», «racionalidades», etc. Certamente que também lá iremos encontrar, nessa pesquisa microscópica, a «função procura». Até poderemos encontrar uma roupagem matemática atraente para defini-la e a partir daí procedermos a conjunto de estudos. Admitamos até que formulamos um conjunto de leis sobre a elasticidade. Dir-me-ão, tudo perfeito. Isso é que é fazer ciência.

**C:**

Podemos admitir que esse seja um percurso de trabalho científico mas não admitamos que seja o único. Cada ciência e cada época tem a sua metodologia, a sua maneira de encarar o que é científico.

**M1:**

Não discuto isso. Continuemos. Admitamos que a procura não pode ser compreendida desinserida da divisão social do trabalho, que não é possível entender aquela senão como parte integrante, como relação, desta. Nesse contexto poderíamos chegar à conclusão que a procura não tem uma forma matemática definida, ou se o tem não obedece aos princípios da linearidade. Opinemos isto apenas como hipótese para o exercício de reflexão. Então poderemos admitir que uma parte do trabalho intelectual realizado em torno da «procura» ou «oferta» foi mero desperdício de energias e de tempo ou, o que

poderia ser pior, que no processo de síntese, de articulação entre os diversos elementos constitutivos do mercado, teríamos de conciliar o que é inconciliável, teríamos de partir da ideia de que todas as conclusões a que tínhamos chegado sobre cada um dos elementos continuariam a ser válidas. Ainda por outras palavras, pode ser diferente partir da análise para a síntese ou da síntese para análise. Como é possível conciliar a importância da análise, indispensável no progresso científico e a que a Ciência Económica deve tanto, com a indissolubilidade do todo?

**Q:** É fundamental compreender que a análise é um processo lógico de separação das determinações lógicas, é um processo gnoseológico e não ontológico. Para fugirmos aos perigos a que fez referência é importante não perder de vista a realidade concreta, no seu processo histórico. Para começar a fugir aos perigos que levantou iniciamos a nossa análise pelo mercado, isto é, pelo todo. O percurso que temos estado a seguir não é da compreensão das partes para o todo mas da compreensão do todo para a compreensão das partes e, num processo seguinte, o conhecimento das partes para a reconstrução do todo. É um movimento circular que nunca passa duas vezes pelo mesmo ponto que tem a forma de espiral.

**R1:** Estou de acordo consigo mas não deixo de considerar que existem alguns perigos. É no estudo de pormenor com esquecimento dos enquadramentos que se têm perdido muitas investigações promissoras. É talvez por isso que a leitura das páginas iniciais das grandes obras dos economistas é normalmente mais entusiasmante que os seus resultados finais. É a aplicação ao estudo da sociedade do que o senso comum afirma com o provérbio “de boas intenções está o inferno cheiro”.

**R1:** Agora estou mais esclarecido mas seria com agrado que passaria ao ponto seguinte, isto é, à resposta às diversas questões problemáticas anteriormente formuladas.

**Q:** A minha proposta é ligeiramente diferente. Respondermos a todas as questões problemáticas levar-nos-ia a prolongar esta reunião excessivamente, quer porque são muitas as perguntas que exigiriam uma resposta, todas elas decomponíveis em muitas outras, quer porque algumas das perguntas exigiriam uma investigação prévia que não se afigura possível de realizar no imediato. Assim sugeria que nos centrássemos apenas na resposta a uma das questões, uma das que exige a análise.

**F2:** Qual?

**C:** Sugeriria a questão problemática sobre a procura. Em primeiro lugar porque a procura e a oferta são algo que é vulgarmente estudado por quem se está a iniciar nos meandros da Economia. Teríamos oportunidade de aproveitar os estudos já realizados, manifestar as nossas dúvidas e interrogações, exemplificar como o nosso caminho pode ser diferente de alguns que são habitualmente utilizados. Em segundo lugar porque a procura se apresenta como exigindo menos conhecimentos prévio que outras matérias como seja o caso da oferta. Estudar esta exigiria um conhecimento das condições de existência das empresas enquanto a procura remete muito intensamente para o comportamento da generalidade dos cidadãos.

**A1:** Aceito as suas preocupações e estou de acordo com a proposta, mas não posso deixar de levantar algumas dificuldades. A procura é exercida por uma multiplicidade de intervenientes na actividade económica, entre os quais se encontram o Estado e as empresas entre outros. As motivações comportamentais e económicas destas instituições exigem um prévio conhecimento das suas naturezas, o que vem recolocar as dificuldades de conhecimento prévio. Mais uma vez a problemática que tinha levantado há pouco sobre o método.

**C:** Se for caso disso, e talvez não seja, podemos restringir a nossa investigação ao estudo dos bens económicos utilizados no consumo final. O importante é explicitá-lo se o fizermos. Tenhamos o cuidado de manifestar abertamente o facto de haver muitas matérias que ficam de fora. O que está mal, e não faltam exemplos dessa situação, é que restrinjamos o campo de observação dando a ilusão de que continuamos a estudar a totalidade das situações possíveis. Reparem nestes textos:

---

*Pág. 57/8*

*Diz-se que o consumidor é rei. Ou melhor, sendo cada pessoa um rei, todos se comportam como eleitores que utilizassem o seu dinheiro como boletins de voto a fim de que se realizasse aquilo que eles quiserem ver feito. Os seus boletins de voto entram em concorrência com os boletins de voto dos outros cidadãos: e quem tiver mais votos acaba por ter*

*mais influência sobre aquilo que é produzido e sobre o destino dos bens resultantes.*

*A nossa tarefa vai consistir agora precisamente em analisar o modo como se efectua esse gasto de votos económicos -- a que se dá o nome de sistema de «soberania do consumidor» -- num sistema económico de concorrência sujeito a permanentes movimentos oscilantes.*

(...)

O objectivo deste capítulo é mostrar o funcionamento da oferta e da procura de um determinado bem no mercado da concorrência. Vamos definir uma curva da procura e depois uma curva da oferta.

(...)

Começemos pela procura. Toda a gente sabe que a quantidade de um bem que as pessoas estão dispostas a comprar depende do seu preço; quanto maior for o preço de um bem, menor será a quantidade dele que as pessoas estão dispostas a comprar; e ceteris paribus, quanto mais baixo for o seu preço de mercado, mais unidades desse bem serão procuradas.

Pág. 548

Uma particularidade fundamental na procura dos factores resulta deste facto tecnológico: os factores, geralmente, não funcionam isoladamente. Uma pá não tem nenhum valor para mim se eu quiser que me abram uma cave; um trabalhador sem ferramentas também é inútil para o efeito. Juntos, o trabalhador e a pá podem abrir a cave. Por outras palavras, a quantidade que se produz de um determinado bem depende conjuntamente de todos os factores disponíveis.

(...)

Deste modo, a procura de cada factor dependerá dos preços de todos os factores e não somente do seu preço. As elasticidades cruzadas entre os diferentes factores são tão importantes como as «próprias» elasticidades simples<sup>1</sup>

**F1:** Linda democracia em que os votos estão mal distribuídos à partida!

**C:** Ultrapassemos as considerações sobre essas questões de linguagem tão do agrado do **Samuelson**. O que interessa aqui analisar é a coerência do discurso. O autor pretende limitar à partida o âmbito da sua análise sobre a procura. Limita aos bens. Depois acrescenta considerações sobre os factores produtivos. A análise da procura de uns e de outros não é exactamente a mesma. Será que os factores produtivos, nomeadamente a «pá», não são bens? Será que se esqueceu de acrescentar na primeira parte que eram apenas bens de consumo final? Será possível considerar separadamente a procura de um mesmo bem enquanto bem de consumo final e enquanto «factor produtivo»? Estes saltos são de evitar.

**F1:** Este texto do referido autor está estreitamente associado à resposta a uma pergunta: qual é o objectivo da actividade económica? A resposta implícita que dá é, aparentemente, imediata: produzir bens de consumo final. Se nós estudarmos as diversas sociedades verificamos que em nenhuma delas esse foi o único objectivo da actividade económica e frequentemente não foi o objectivo considerado pelos intervenientes. O poder do chefe, a supremacia militar, as práticas religiosas, a riqueza pessoal são objectivos fundamentais em diversas sociedades. Se esse fosse o objectivo principal da sociedade em que

vivemos como explicaríamos que continuasse a existir tanta fome, tanta falta de acessibilidade aos bens essenciais à vida numa época em que a ciência e a tecnologia permitiria produzir em quantidades suficientes para satisfazer todos? Se esse fosse o objectivo principal como poderíamos explicar que todos os dias se destruam bens alimentares quando eles bens poderiam ser aproveitados e transferidos para regiões, às vezes bem próximas de nós, em que seriam necessários? Em capitalismo o objectivo principal não é produzir bens de consumo mas ter lucro, quem o pode ter, as empresas. E essa é uma das contradições do sistema em que vivemos, que permite que tenhamos, parafraseando de cor **Keynes**, tanta miséria na opulência.

**A2:**

Estou parcialmente de acordo com o que disse mas dos pontos de vista pedagógico e científico o que me parece particularmente preocupante é a frase ingénua “Toda a gente sabe que”. Em primeiro lugar poderia aplicar essa mesma frase a muitas outras coisas: rendimento, programas da televisão, marketing, hábitos, etc. Em segundo lugar o que toda a gente sabe numa época pode não ser o que todos sabem noutra. A função da ciência é procurar de uma forma sistemática construir uma parte desse futuro. O conhecimento científico não anda a reboque do conhecimento corrente. pelo contrário, é este que tende em cada época a incorporar conquistas científicas do passado. O estudante ler tais frases conduz a uma forma de estar nas questões científicas que pode ser profundamente prejudicial. A Ciência Económica transforma-se na sistematização das banalidades. O hermetismo do discurso resulta mais da «tralha» gráfica e matemática do que dos conteúdos, das novas relações descobertas.

**C:**

Retomemos o fio da meada. Todas essas observações são pertinentes e oportunas. O livro do **Samuelson** não é mais um livro. É a «bíblia» de formação de muitas gerações de estudantes de Economia. É um referencial extremamente importante. E toda a sua obra está repleta destas «brilhantes» passagens. Contudo quando fiz a leitura não pretendia entrar por aqui, pretendia apenas chamar a atenção dos perigos de não delimitarmos claramente o nosso campo de análise.

**A1:**

E depois?

**C:**

Reforço a minha proposta de saltarmos as diversas questões problemáticas e restringirmo-nos à resposta à pergunta referente à procura.

**P1:** Avancemos.

**C:** Atraver-me-ia a colocar as seguintes subperguntas:

- 
1. O que é a procura?
  2. Como medir a procura?
  3. Procura de quê?
  4. De que depende a procura?
  5. Como elaborar o modelo da procura?
- 

**C:** Talvez a primeira pergunta pudesse estar associada a uma outra: *Qual a evolução histórica da procura?*. E a segunda poderia, segundo certas análises ser mais rigorosamente formulada assim: *Quais as relações entre os conceitos de racionalidade, valor e procura?*.

**P2:** Porque razão as perguntas devem ser formuladas por essa ordem e não por outra?

**C:** É possível justificar. Com efeito, ...

**F1:** Por favor, continuemos. Se nos interrogamos sobre tudo, mesmo o que é secundário, dificilmente chegaremos ao fim, e correremos o risco de cair no niilismo! Avancemos para a resposta às perguntas nessa mesma ordem, mesmo que possam ter defeitos.

**C:** Tem razão. Avancemos.

### **PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES SOBRE A PROCURA**

**C:** A primeira pergunta a que temos de responder, mais que não seja para uniformizar a nossa terminologia e estarmos todos a falar do mesmo, apesar de a todos parecer ser uma matéria adquirida, com os perigos que o conhecimento

corrente introduz nestas considerações, é: *o que é a procura?*. Na minha opinião existem quatro possibilidades de responder a esta pergunta, resultado da justaposição de dois critérios diferentes: realidade *ex ante*, *ex post*: realidade de mercado ou de comportamento “individual”. Assim temos as possibilidades que constam do acetato:

- 
- Ia) Aquisição de algo via transacção
  - Ib) Aquisição de algo
  - IIa) Intenções de aquisição de algo via transacção
  - IIb) Intenções de aquisição de algo
- 

**F1:**

Mais uma vez conviria apresentar alguns exemplos para tentarmos perceber melhor as bases dessa distinção.

**C:**

Vamos admitir que um indivíduo necessita de duas toneladas de batatas de semente para proceder às suas colheitas. Por qualquer razão que agora não vem ao caso ele ainda tem em armazém, em perfeitas condições de utilização, uma tonelada. Precisa de comprar uma outra se pretender fazer as culturas como deseja. A tonelada que tem em armazém é «procurada» mas não precisa, no momento presente, de adquirir. Segundo Ia) ou IIa) os bens que estão em armazém não fazem parte da procura, mas não será assim se assumirmos Ib) ou IIb). Esta é uma distinção simples.

**M1:**

Quanto a este aspecto parece-me mais interessante considerar a segunda possibilidade, considerando a Procura Bruta (PB) como a soma da Procura do que se tem (PP) com a Procura Líquida (PL):  $PB = PP + PL$ .

**C:**

Encontramos esta distinção é em **Patinkin**. É perfeitamente admissível se tivermos em atenção que quase sempre que os livros de iniciação falam em procura estão-se a referir à procura líquida sem o explicitar.

---

*Estas quantidades procuradas têm de ser comparadas com os excedentes de quantidades procuradas ou procuras líquidas, que são as diferenças respectivas entre as quantidades procuradas e as quantidades iniciais dos diferentes bens. Uma procura líquida positiva*

*significa que o indivíduo é um comprador no mercado, enquanto que se é negativa significa que é um vendedor<sup>2</sup>.*

*Consideremos uma economia com  $n$  bens, sendo o  $n$ -ésimo o papel moeda. Sejam  $p_1, \dots, p_n$ , os preços*



destes  $n$  bens em relação a uma unidade de conta abstracta. Então os correspondentes preços monetários destes bens serão  $p_1/p_n, \dots, p_{n-1}/p_n, 1$ . Finalmente os preços relativos das  $n-1$  mercadorias são  $p_1/p_k, \dots, p_{n-1}/p_k$ , em que  $p_k$  é o preço da  $k$ -ésima mercadoria.

Será conveniente para os nossos propósitos definir o nível médio dos preços das mercadorias como

$$p = \sum_{j=1}^{n-1} w_j p_j$$

em que  $w_j$  são umas ponderações conhecidas cuja soma é a unidade. Os preços relativos podem então ser escritos  $p_1/p, \dots, p_{n-1}/p$ . O índice de preços,  $p$ , também será usado ao falar-se de rendas monetárias e liquidez monetária.

Consideremos um indivíduo, que representaremos pelo subíndice  $a$ . Sejam

$$\bar{Z}_1, \dots, \bar{Z}_{n-1}$$

as quantidades respectivas que o dito indivíduo possui inicialmente das  $n-1$  mercadorias e seja

$$\bar{Z}_n^a$$

a quantidade inicial de dinheiro que o indivíduo possui. Então, e de acordo com as definições do texto, o seu rendimento real será representado por

$$\frac{\sum_{j=1}^{n-1} p_j \bar{Z}_j^a}{p}$$

e o valor real da sua liquidez monetária por

$$\frac{p_n \bar{Z}_n^a}{p}$$

Representando por  $Z_1^a, \dots, Z_{n-1}^a$  as respectivas quantidades da colecção óptima de bens. Então as funções de procura têm a forma seguinte

$$Z_j^a = F_j^a \left( \frac{p_1}{p}, \dots, \frac{p_{n-1}}{p}, \frac{\sum_{r=1}^{n-1} p_r \bar{Z}_r^a}{p}, \frac{p_n \bar{Z}_n^a}{p} \right)$$

com  $(j=1, \dots, n-1)$ .

Definamos agora a procura líquida de uma mercadoria:

$$X_j^a = Z_j^a - \bar{Z}_j^a \quad (j=1, \dots, n-1)$$

Então as funções de procura deste indivíduo pode escrever-se da forma seguinte:

$$Z_j^a = F_j^a \left( \frac{p_1}{p}, \dots, \frac{p_{n-1}}{p}, \frac{\sum_{r=1}^{n-1} p_r \bar{Z}_r^a}{p}, \frac{p_n \bar{Z}_n^a}{p} \right) - \bar{Z}_j^a$$

com  $(j=1, \dots, n-1)$ .<sup>3</sup>

## ¶2:

Acrescentaria que não se trata de uma mera operação de adição, como se poderia concluir das formulações matemáticas anteriores. A primeira frase é explícita. A procura e a oferta são emanações da mesma realidade: a optimização da utilidade dos indivíduos. Uma optimização solipsista, fria, calculista, olímpica. É interessante recordar o que ele diz quase a seguir à primeira transcrição: “Segundo este esquema, é admissível pensar que o indivíduo é uma *máquina calculadora de utilidades* que, dadas as quantidades iniciais e o seu mapa de curvas de indiferença, nos dá uma correspondência entre os preços que encontra no mercado e as posições que representam para ele uma distribuição óptima dos bens.”<sup>4</sup>

**F1:** E o outro exemplo?

**C:** Calma. Já ia tratar dele, até porque a outra distinção é a mais importante. Vamos supor duas situações, retomando ainda o exemplo anterior. O nosso agricultor foi a um armazenista (A1) para comprar a batata de semente mas ela estava, na sua opinião, demasiado cara e não a adquiriu. Dirigiu-se então a um outro fornecedor (A2) e verificando que o preço era o mesmo admitiu que as suas previsões estavam erradas e decidiu comprar a tonelada que necessitava. A sua actuação junto de A1 faz ou não parte da procura?

**F1:** Segundo a concepção I) não faz parte mas segundo II) faz. A actuação junto de A2 faz parte da procura em qualquer das circunstâncias.

**C:** Exactamente. No primeiro caso não existe nenhum acto económico, numa realidade objectiva, nenhuma declaração explícita de um comportamento económico. Pressupõe-se uma determinada lógica de emotividade e racionalidade do procurante. No segundo caso existe um acto económico, uma realidade objectiva, uma declaração explícita dum comportamento económico.

**F1:** O economistas gostam de adivinhar. Admitem que ele optou pelo segundo armazenista porque perdeu as expectativas de encontrar a batata de semente a um preço mais baixo ou porque achou que a segunda, apesar de ser ao mesmo preço, tinha uma maior qualidade. Mas não será que a escolha resultou da pressa que tinha em obter o produto, ou do facto do segundo armazenista ser mais atencioso ou pura e simplesmente porque pertencia ao mesmo clube de futebol que ele?

**F1:** Cuidado com as ratoeiras. Ao admitir as hipóteses de simpatia ou clubistas estás a dar exemplos para mostrar que poderiam existir razões extra económicas, a cuja análise os economistas puros fogem devido aos «perigos» da interdisciplinaridade, mas não o conseguem. Se o segundo fornecedor tem esses atributos poderemos considerar, usando a terminologia económica, que as batatas de semente de A2 é um produto diferente das batatas de A1 ou, ainda por outras palavras, as batatas de semente de A1 e A2 é um bem económico heterogéneo.

**F1:** O que demonstra, através de um exemplo simples, que a teoria

neoclássica é um todo coerente.

**C:**

O que parece interessante frisar é que a primeira concepção de procura está associada a uma racionalidade real e humana, isto é, a uma lógica de raciocínio que está ao alcance de todos os homens. Cada um terá, no quadro das suas idiossincrasias, uma determinada racionalidade. Sendo humana está associada a uma afectividade, a um quadro de valores, a uma sociedade, a uma ideologia. No segundo caso temos uma racionalidade olímpica para utilizar a terminologia de **Simon**<sup>5</sup>. Admite-se que o indivíduo admitiu diversas (de preferência todas) hipóteses de preço e estudou as quantidades que estaria disposto adquirir a cada um dos preços (embora aqui pudesse querer sempre uma tonelada). Para raciocinar bem, como compete a um agente económico racional, teve de ter em conta os bens sucedâneos e os complementares, as hipóteses de heterogeneidade, etc. O que é interessante referir é a impossibilidade de uma análise positiva da concepção da procura enquanto realidade *ex ante*. A procura é uma realidade *ceteris paribus*, instantânea, contínua.

**I1:**

O facto de ser admitida contínua, representada por uma curva, faz com que tenha infinitos pontos e não possa ser objecto de verificação plena, a não ser que se utilize a contestada indução. Recorde-se, a este propósito, o que **Thom** afirmava num debate sobre estas questões, embora mais virado para a Física.

---

*A partir do momento em que uma lei científica faz intervir uma função, o  $y=f(x)$  dependente de uma variável  $x$ , então uma verificação experimental completa da lei é inteiramente impossível<sup>6</sup>*

(...)

*Está fora de dúvida que o único método concebível em matéria experimental (...) deve passar necessariamente pela análise causal dos fenómenos estudados. Ora, em*

*ciência, só dispõe de dois tipos de análise causal: uma, baseada na análise em linguagem natural, é essencialmente de espírito aristotélico: trata-se de explicar o fenómeno por uma causa eficiente, em geral uma entidade ad hoc, um 'agente responsável'; a outra, matemática e fisicalista, baseia-se na redução a um sistema diferencial cuja solução é determinada pelas condições iniciais.<sup>7</sup>*

**I2:**

Também seria interessante analisar a referência às equações

diferenciais e a importância das condições iniciais e ver em que medida é que tal conflitua com a noção de equilíbrio.

**Q:** Sugiro que guardemos essa discussão para um momento seguinte, para quando tentarmos fazer algumas referências à aplicabilidade da teoria do caos.

**F1:** Como é possível nesta concepção de procura fazer a estimativa econométrica da procura?

**Q:** Ou negando o próprio conceito de procura enquanto realidade *ex ante*, eventualmente admitindo que esta é perfeitamente ajustável à realidade *ex post*, ou admitindo uma constância das condições ao longo do tempo (*time section*) ou dos espaços (*cross section*).

**F2:** Talvez fosse interessante apresentar-nos a posição de alguns autores que reflectem cada uma destas leituras.

**Q:** Tentemos, embora nem sempre a terminologia adoptada esteja inteiramente de acordo com a sua concepção.

*Menger:*

*Resumindo o que foi dito, nossa pesquisa revela o seguinte: o princípio que leva as pessoas à troca é simplesmente o que conduz em toda a actividade econômica, ou seja, o empenho em atender plenamente, se possível, as suas necessidades. O prazer que as pessoas sentem na troca econômica de bens é aquele sentimento geral de satisfação que costumam sentir quando percebem que, fazendo isso ou aquilo, conseguem atender melhor às suas necessidades que não fazendo. A ocorrência dessa transferência recíproca de bens baseia-se, como já dissemos, em três pressupostos:*

a) um dos indivíduos deve possuir quantidades de bens que, para ele, têm valor menor que outras quantidades de bens que estão na

posse de outro indivíduo, enquanto no caso deste segundo ocorre o contrário com referência ao valor das quantidades de bens em questão;

b) os dois indivíduos devem reconhecer a existência dessa situação;

c) os dois indivíduos devem poder concretizar efectivamente a citada troca de bens.<sup>8</sup>

Dessa forma, a preocupação dos homens pela satisfação de suas necessidades transforma-se em **previdência** no sentido de atender às necessidades de bens em tempos futuros; denominamos então demanda de uma pessoa, aquela quantidade de bens necessária para satisfazer às suas necessidades nos espaços de tempo em que se estende a previdência<sup>9</sup>

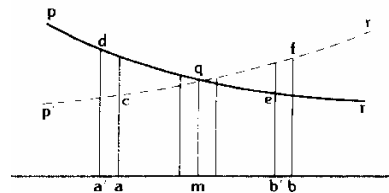
Conseqüentemente, a demanda humana de bens de ordem superior – tal como a demanda de bens de primeira ordem – constitui uma grandeza que se rege sob o aspecto quantitativo, por uma lei interrogável; por conseguinte, pode ser calculada com antecedência. Com base nas experiências em relação às suas necessidades e ao processo de produção dos bens, os homens têm condições de calcular antecipadamente, tanto as quantidades dos diversos bens de que precisarão para atender às suas necessidades, como os períodos de tempo nos quais ocorrerá sua demanda concreta de cada bem; esse cálculo pode ser feito com a exactidão exigida de conformidade com os fins práticos visados, exactidão que é susceptível de aumentar cada vez mais.<sup>10</sup>

Jevons:

O ponto central de toda a teoria da troca e dos principais problemas da Economia reside nesta proposição: **A relação de troca de dois bens quaisquer será correspondente à relação dos graus finais de utilidade das quantidades dos bens disponíveis para consumo depois que a troca se completa.** Quando o leitor tiver reflectido um pouco sobre o significado dessa proposição, ele verá, creio eu, que ela é necessariamente verdadeira se os princípios da natureza humana tiverem sido representados correctamente nas páginas anteriores. (...)

Difícilmente se poderá representar completamente essa teoria por meio de um diagrama, mas a figura seguinte talvez possa esclarecê-la. Suponhamos que a linha pqr é um pequeno segmento da curva de utilidade de um bem, enquanto a linha tracejada p'q'r' é da mesma forma a curva de utilidade de outro bem, que

foi invertida e superposta à outra. Devido a essa inversão, a quantidade do primeiro bem se mede ao longo da linha de base de a para b, enquanto a quantidade do segundo bem deve ser medida na direcção oposta. Sejam as unidades de ambos os bens representadas por segmentos de igual tamanho: então o pequeno segmento a'a indica um acréscimo do primeiro bem e um decréscimo do segundo



(...) sendo evidente que o ponto de intercepção, q, define o lugar em que teria a máxima vantagem em parar.<sup>11</sup>

Pareto:

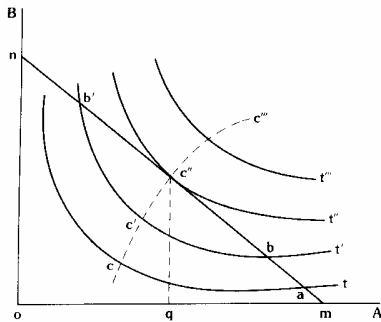
180. **Oferta e procura** – Tem o hábito, em Economia Política, de distinguir entre a quantidade de mercadoria que um indivíduo deu ao chegar a um ponto de equilíbrio e aquela que recebeu: a primeira chama-se sua OFERTA e a segunda sua PROCURA.

181. Esses dois termos foram como todos os termos da Economia não-matemática empregados de forma pouco rigorosa, equívoca, ambígua, e o número considerável de discussões inúteis, sem objecto, sem pé nem cabeça de que foram objecto, é verdadeiramente incrível. Ainda hoje não é difícil encontrar entre os economistas não-matemáticos autores que não sabem o que significam esses termos, dos quais se servem a cada instante.

182. Começemos por considerar duas mercadorias, e observamos a Fig. 12. Um indivíduo tem a quantidade om de A e não tem de B; seguindo certo atalho mn, chega a um ponto de equilíbrio c" trocando qm de A por qc"

de B. Diremos que, sobre esse atalho e estando no ponto de equilíbrio  $c''$  temos, para o indivíduo considerado, a oferta  $qm$  de A e a procura  $qc''$  de B.

Fig. 12



(...)

184. Voltemos ainda à Fig. 12: dado um preço qualquer de A em B, isto é, dada a inclinação de  $mn$  sobre  $om$ , o encontro dessa reta com a linha das trocas  $cc''$  nos faz conhecer a procura  $qc''$  de B e a oferta  $qm$  de A. A curva das trocas então pode também ser chamada CURVA DA OFERTA e CURVA DA PROCURA.<sup>12</sup>

**C:**

Em relação a Menger é bom recordar que a satisfação das necessidades faz-se na base do princípio da utilidade marginal decrescente. A troca realiza-se se há «equilíbrio» entre uma procura e uma oferta preexistentes. A capacidade de previsão, de racionalidade, é particularmente grande quando se trata da procura de bens de ordem superior: procura-se hoje com base num valor (concreto subjectivo) que só se concretizará num momento futuro, no momento de procura do bem de primeira ordem que resulta daquele. Quanto a Jevons recorde-se que uma opção racional, como se pressupõe, exige considerar todas as combinações possíveis de «curvas dos bens» e «necessidades», eventualmente realizável por um computador mas dificilmente concretizável por um indivíduo ou instituição em cada decisão económica. Finalmente, do texto de Pareto convirá recordar a estreita ligação das curvas da procura à axiomática das curvas de indiferença. É esta concepção de procura, conceito *ex ante*, que é aceite vulgarmente:

Assim, aquilo a que é usual chamar-se a «procura» é, na realidade, uma função procura, isto é, a relação existente entre as quantidades procuradas e os diferentes preços possíveis [ou seja  $q_d = f(p)$ ].<sup>13</sup>

A **procura** designa a quantidade de bens, serviços ou capitais que os compradores estão dispostos a adquirir por determinado preço tendo em conta os seus rendimentos e as suas preferências.<sup>14</sup>

**H2:**

Pelo que parece a maior parte das vezes, senão a totalidade, dão um

entendimento apriorístico da procura.

**U:** É, sem dúvida, a voz dominante, mas também é possível encontrar autores que têm uma concepção mais realista ou positivista, filosoficamente falando. O que por vezes acontece é que partindo de uma análise da experiência passada pretendem extrapolar para o futuro acabando por aproximar-se das posições que agora analisamos.

*Adam Smith:*

*O preço natural é, portanto, por assim dizer, o preço central, para o qual tendem continuamente os preços de todos os bens. Várias circunstâncias podem, por vezes, mantê-los suspensos bastante acima dele e, por vezes, força-los a manterem-se um tanto abaixo. Mas sejam quais forem os obstáculos que os impeçam de se fixarem nesse ponto de equilíbrio estável, eles tendem continuamente para ele.*

*A actividade total anualmente empregada com o fim de trazer qualquer mercadoria até ao mercado, ajusta-se naturalmente, deste modo, à procura efectiva. O seu objectivo natural consiste sempre em colocar no mercado exactamente aquela quantidade necessária para suprir, e não mais que suprir, essa procura.<sup>15</sup>*

*Ricardo:*

*Adam Smith observou que «a palavra valor tem dois significados diferentes; umas vezes exprime a utilidade de um objecto particular; outras vezes a faculdade de se adquirir outros bens com esse objecto. À primeira pode-se chamar **valor de uso**; à segunda, **valor de troca**». E, prossegue ele: «Aquilo que tem elevado valor de uso tem, frequentemente, pouco ou nenhum valor de troca e, pelo contrário, aquilo que tem elevado valor*

*de troca tem pouco ou nenhum valor de uso». (...) Portanto a utilidade não serve de medida de valor de troca, embora lhe seja absolutamente essencial. Se um bem fosse destituído de utilidade – por outras palavras, se não pudesse, de modo algum, contribuir para o nosso bem-estar – não possuiria valor de troca independentemente da sua escassez ou da quantidade de trabalho necessária para a produzir.*

*Os bens que possuem utilidade vão buscar o valor de troca a duas fontes: à sua escassez e à quantidade de trabalho necessária para a sua obtenção.<sup>16</sup>*

*(...)*

*É o custo de produção que, em última análise, determina o preço dos produtos e não, como se tem frequentemente dito, a proporção entre a oferta e a procura: a proporção entre oferta e procura pode, na realidade, afectar o valor de mercado dum produto até que o seu abastecimento seja mais ou menos abundante consoante a sua procura possa aumentar ou diminuir; mas este efeito será só de curta duração.<sup>17</sup>*

*Marx:*

*Por conseguinte, se são a oferta e a procura que regulam o preço de mercado ou, mais exactamente, os desvios dos preços de mercado em*

relação ao valor de mercado, também é o valor de mercado que regula a relação entre a oferta e a procura ou que constitui o centro em torno do qual as flutuações de oferta e da procura fazem variar os preços de mercado.

(...)

De passagem ressaltamos que «a necessidade social», o que regula o princípio da procura, é essencialmente condicionada pelas relações das diferentes classes entre si e pelas suas posições económicas respectivas, em primeiro lugar pela relação da mais-valia total em relação ao salário e em segundo lugar pela relação entre as diversas parcelas em que se decompõe a mais-valia (lucro, juro, renda da terra, impostos, etc.). Constatamos mais uma vez que nada pode ser explicado de uma forma absoluta pela relação entre a oferta e a procura, se não se tiver mostrado em que base esta relação entra em jogo.<sup>18</sup>

(...)

Determinação do preço pela oferta e pela procura e também determinação da oferta e da procura pelo preço: a esta confusão se acrescenta que a procura determina a oferta e, inversamente, a oferta a procura; a produção determina o mercado e o mercado a produção.<sup>19</sup>

Marshall

Para ter um conhecimento completo da procura de alguma coisa devemos averiguar que quantidade dela uma pessoa se dispõe a comprar a cada um dos preços pelos quais pode ser oferecida<sup>20</sup>

(...)

Existe, pois, uma lei geral da procura: quanto maior for a quantidade a ser vendida, menor deve ser o preço pelo

qual é oferecida, a fim de que possa achar compradores; ou, em outras palavras, a quantidade procurada aumenta com a baixa, e diminui com a alta do preço.<sup>21</sup>

(...)

Voltemos então para as transacções usuais da vida moderna; consideremos, por exemplo, um mercado de cereais numa cidade do interior e suponhamos, para maior simplicidade, que todo o artigo no mercado é da mesma qualidade. A quantidade que cada agricultor ou outro vendedor oferece à venda a qualquer preço é determinada pela sua própria necessidade de dinheiro em mão, e pelo cálculo das condições presentes e futuras do mercado ao qual está ligado. Há preços que nenhum vendedor aceitaria, e outros que nenhum recusaria. Há outros preços intermédios que seriam aceites para maiores ou menores quantidades<sup>22</sup>

(...)

Em tal mercado, há um preço de procura para cada quantidade de mercadoria, isto é, um preço ao qual determinada quantidade da mercadoria pode encontrar compradores num dia, numa semana ou num ano. As circunstâncias que regulam esse preço, relativamente a dada quantidade de mercadorias, variam de carácter, de um problema para outro: mas em todos os casos, quanto maior a quantidade de uma coisa oferecida à venda num mercado, mais baixo é o preço ao qual o artigo encontrará compradores<sup>23</sup>

(...)

Podemos assim concluir que, em regra geral, quanto mais curto o período que considerarmos, maior a cota de atenção que devemos dar à influência da procura sobre o valor; e quanto maior o período, mais importante será a influência do custo de produção sobre o valor.<sup>24</sup>



**Q:** A posição de **Marshall** pode ser considerada *ex post* porque a base do seu raciocínio é a observação da experiência passada. No entanto ao pretender passar dessa experiência para as análises futuras ou ao relacionar a procura à utilidade do procurante começa a tender para a posição *ex ante*. No entanto o caso mais flagrante de conciliação de ambas as concepções da procura encontra-se em **Keynes**.

*Keynes:*

Seja  $Z$  o preço de oferta global da procura resultante do emprego de  $N$  homens, e a relação entre  $Z$  e  $N$ , que chamaremos **Função da Oferta Global**, representada por  $Z=\phi(N)$ . Chamemos  $D$  ao produto que os homens de empresa esperam receber

do emprego de  $N$  homens, sendo a relação entre  $D$  e  $N$ , a que chamaremos **Função da Procura Global**, representada por  $D=f(N)$ .

(...)

Chamaremos **procura efectiva** ao valor de  $D$  no ponto de intercepção da função da procura global com a da oferta global.<sup>25</sup>

**P1:** Pelo que disse anteriormente entre estas duas posições há uma inclinação actual para a concepção da procura como realidade *ex ante*, sobretudo quando se procede a análises microeconómicas. Como se explica esta situação, mesmo da parte dos autores que defendem o positivismo?

**Q:** Não sou capaz de dar uma resposta totalmente satisfatória a essa pergunta. O mais que posso dar é algumas achegas. Em primeiro lugar é o resultado do domínio da teoria neoclássica na microeconomia e as rígidas fronteiras entre esta e a macroeconomia. Em segundo lugar, a importância que assumiu **Pareto** na teoria microeconómica, sobretudo do equilíbrio parcial. É um autor extremamente rigoroso na sua argumentação, com uma lógica elegante, trabalhando sobre uma axiomática fundamentadora de uma economia matemática que concebe conciliar os «juízos de facto» com a inverificabilidade das suas proposições, tão do agrado de uma construção teórica que se pretende proteger do confronto com a realidade. E, apesar deste resguardo, consegue resistir razoavelmente a esse confronto.

**P2:** O que pretende dizer com o «resistir razoavelmente»?

**Q:** Pretendo explicitar a ideia de que esta teoria é capaz de reflectir a realidade, mesmo admitindo a distância entre a complexidade desta e os

modelos estático-comparados então elaborados, mas é sempre capaz de encaixar os fenómenos da sociedade num qualquer conceito que permite salvar o sistema. Tem um tal «poder de encaixe» que molda a realidade à sua justa medida teórica.

**J2:**

**Pareto** inicia a sua importante obra, *Manual de Economia Política*, discutindo questões de cientificidade e de método e no entanto afirma categoricamente que “*as discussões sobre o «método» da Economia Política não tem nenhuma utilidade*”<sup>26</sup>. Defendendo que a Economia deve ter os mesmos métodos que as ciências físicas, na boa linha do positivismo, reconhece que “*no que diz respeito à verdade de uma ciência, não pode haver outro critério além de sua concordância com os factos*”<sup>27</sup> mas poderemos interrogar-nos onde estão os factos da «lei da utilidade marginal decrescente», da «teoria do valor-utilidade», da «ofelimidade» e das «curvas de indiferença».

**H1:**

A obra de **Pareto** merecia só por si um estudo crítico filosófico, epistemológico e económico. certamente que este não é o momento oportuno para o realizar. Por isso mesmo, talvez não seja conveniente desenvolvermos comentários que certamente são parciais.

## SEGUNDAS OBSERVAÇÕES SOBRE A PROCURA

**H1:**

A procura é uma categoria económica cuja quantificação é importante e habitual. Aceite uma sua concepção, como medir a procura?

**C:**

Poderemos admitir diversas hipóteses de quantificação da procura: quantidade de dinheiro correspondente ao que se comprou ou o que se desejaria comprar, quantidade total de utilidades a usufruir com os bens correspondentes à procura, quantidade do bem que se comprou ou se desejava comprar. Uma hipótese exigiria a introdução do factor tempo, outras dificultariam as comparações temporais ou espaciais, outras ainda levantariam a polémica em torno da viabilidade das utilidades cardinais. Por isso é unânime a aceitação de que a melhor forma de medir a procura, quer a entendamos como realidade *ex ante* ou como categoria *ex post* é através da quantidade procurada. Quantidade de um determinado bem que se pretende adquirir ou se adquire. Por isso as melhores formas de representar a função procura, aceitando a terminologia inglesa, é

$$q_D = \Psi(\dots)$$

ou

$$D = \Psi(\dots)$$

parecendo-me preferível a primeira representação, sobretudo por razões didáticas. Mostra de uma forma sistemática que a procura é uma quantidade procurada.

**M1:** O que não deixa de levantar o problema da comparabilidade entre mercados.

**C:** Inevitável, resolúvel através da adopção de uma unidade de medida comum. E aqui os preços (eles próprios de complexa comparabilidade) surgem frequentemente como a tábua salvadora. Também poderíamos utilizar como medida unificadora, talvez teoricamente preferível mas de cálculo mais difícil, a quantidade de trabalho homogéneo necessário para a sua produção.

**M2:** Está-se-me a colocar um problema que talvez seja partilhado por alguns dos meus colegas. Nos livros de iniciação à Economia insiste-se muito na diferença entre “variação da quantidade procurada” e “variação da procura”. Se a procura é sempre medida em quantidade procurada que significado tem essa distinção?

**F2:** Recordem-me em que situações se utiliza uma ou outra terminologia para que eu possa acompanhar melhor a vossa discussão.

**M2:** Quando um demandante pretende adquirir maior quantidade de um bem porque diminuiu o preço fala-se de “aumento da quantidade procurada”. Quando esse mesmo indivíduo pretende comprar mais de um produto porque o seu rendimento aumentou, por exemplo, fala-se de “aumento da procura”.

**F2:** Obrigada.

**C:** Esse tipo de terminologia utiliza-se numa situação diferente da que estamos a abordar agora. Para já admitimos que a procura depende de diversos factores

$$q_D = \Psi(A, B, C, D, E).$$

Seja qual for a variável explicativa eu tenho uma modificação quantitativa da variável explicada. Em qualquer dos casos eu tenho uma variação da procura, mensurável através de uma variação da quantidade procurada. Neste contexto é indiferente falar de um ou de outro modo.

Admitamos agora que por qualquer motivo teórico pretendemos concentrar a nossa atenção exclusivamente numa variável explicativa. Nesse caso teremos tantas funções procura parciais quanto os conjuntos de valores assumidos pelas restantes variáveis:

$$q_D = \Phi_1(A) \quad \text{para } B_1, C_1, D_1, E_1$$

$$q_D = \Phi_2(A) \quad \text{para } B_2, C_2, D_2, E_2$$

...

$$q_D = \Phi_i(A) \quad \text{para } B_i, C_i, D_i, E_i$$

Para nos fixarmos apenas numa delas e trabalharmos apenas a relação entre a variável explicativa seleccionada e a variável explicada temos que admitir como hipótese de trabalho que todas as restantes variáveis se mantêm constantes, temos que introduzir a cláusula *ceteris paribus*.

**H1:**

E admitir simultaneamente que as diversas variáveis explicativas são independentes entre si.

**C:**

Sem dúvida. Feita esta restrição posso dizer que quando varia  $A$  varia também a procura ou a quantidade procurada. Mas se entretanto varia  $C$ , variável relevante mas excluída do modelo, também varia a procura ou a quantidade procurada. Contudo há uma diferença importante nas duas situações. No primeiro caso houve uma variação da procura, da quantidade procurada, porque a variável explicativa se alterou, a função  $\Phi_i$  manteve-se. No segundo caso houve uma variação da procura, da quantidade procurada, para todos os valores da variável explicativa, a referida função alterou-se, passou de  $\Phi_i$  para  $\Phi_j$ . Assim convencionou-se, insisto convencionou-se, no primeiro caso falar de variação de quantidade procurada e no segundo caso de variação da procura. Sinteticamente falar em “variação da procura” significa “variação da quantidade procurada para todos os valores da variável explicativa considerada no modelo”.

**H1:**

Tratando-se de uma mera convenção parece-me exagerada a atenção que é dada a esta questão, nomeadamente em provas de avaliação.

**Q:** Toda a terminologia científica é uma convenção. Do ponto de vista pedagógico a insistência nessa diferença faz, na minha opinião, sentido. Obriga o aluno a compreender o que é um «modelo total» e um «modelo parcial», o que significa o *ceteris paribus*. Quando se concentra a atenção sobre a variável preço na explicação da procura de batatas é importante não esquecer que aquela procura também depende de outras variáveis. Adoptando a representação gráfica, quando o aluno distingue entre «deslocação na curva» («variação da quantidade procurada») e «deslocação da curva» («variação da procura», «variação da quantidade procurada para todos os valores do preço») está a dar um salto qualitativo no seu processo de aprendizagem, sobretudo se associar esse facto às causas.

**R3:** A quantificação da procura através da quantidade procurada, independentemente da unidade de medida que se tenha de adoptar, também se aplica aos bens económicos a que não se aplica o princípio da exclusão?

**Q:** Não vejo razões para não se aplicar.

### TERCEIRAS OBSERVAÇÕES SOBRE A PROCURA

**Q:** A terceira questão que sugeria para reflexão é a seguinte: *Procura de quê?*

**R1:** De bens, de bens económicos. Até já fizemos uma análise sobre a classificação desses bens e esclarecemos algumas das confusões que a imprecisão terminológica tem arrastado. Que mais analisar sobre isso?

**Q:** A resposta normalmente apresentada é exactamente essa. Mas conforme **Lencaster** demonstrou o procurante tanto pode procurar bens como determinadas características eventualmente atribuíveis a determinados bens. A resposta a pergunta parece-me ser “bens e características”.

**R1:** Procurar características não uma forma indirecta de procurar bens? Eu não posso dissociar as características dos próprios bens, ou mais precisamente da relação entre bem e procurante.

**M2:**

Ou dito ainda de outra forma: eu não posso dissociar as características da relação que se estabelece entre quem oferece e quem procura características, as quais se manifestam na relação entre o bem, potencial ou efectivo, e o procurante.

**F1:**

Parece que de vez em quando temos que ser nós a introduzir a ordem na discussão, talvez porque somos mais ignorantes, talvez porque ainda somos aprendizes de intelectuais e ainda não nos deixamos embalar pelas palavras. Como dizia **Agostinho da Silva**, “*o som das palavras move mais os homens do que o seu conteúdo*”<sup>28</sup>. Provavelmente diversos de nós não está a par da teoria da procura das características. Não joguemos com os nomes e procuremos precisar o que estamos a analisar. Por favor, não seria possível começar por fazer uma breve apresentação dessa teoria?

**M1:**

Parece-me muito sensato esse aviso. Seria uma boa metodologia. Concorda?

**C:**

Estou longe de ser um especialista nessa teoria. Talvez outro o pudesse fazer.

**J2:**

Aceito o desafio. As ideias básicas para o que passou a ser designada como *Nova Teoria do Consumidor* são muito simples e evidentes. Em primeiro lugar o mesmo bem pode ser analisado diferentemente por procurantes diferentes. Em segundo lugar cada bem possui um conjunto muito grande de características diferentes sendo estas mais ou menos relevantes para as opções do procurante conforme as circunstâncias. A partir daqui se conclui que a atenção deve ser deslocada do bem para as suas características. Se o preço é, também, o resultado da procura aquele está associado directamente às características procuradas.

---

*As afirmações fundamentais em que se baseia este livro são duas:*

*(1) Todos os bens possuem características objectivas relevantes para as escolhas que as pessoas fazem entre diferentes conjuntos de bens. A relação entre uma determinada quantidade de um bem*

*(ou uma colecção de bens) e as características que ele possui é essencialmente uma relação técnica, dependendo das propriedades objectivas dos bens e, por vezes, do contexto tecnológico de conhecimento do que os bens podem fazer e como.*

*(2) Os indivíduos diferem nas suas relações com diferentes características, melhor dizendo na sua valorização das características constitutivas de várias colecções de bens. Os consumidores estão interessados nas características. Possuem preferências por colecções de características e as preferências pelos bens é indirecta ou derivada na medida em que os bens são desejados apenas na medida em que produzem características.<sup>29</sup>*

Este tipo de análise parece interessante e não tem vindo a ser desmentida por trabalhos econométricos em torno da procura de diversos bens<sup>30</sup>. Se esta maneira de abordar o problema é susceptível de novos desenvolvimentos, **Lencaster** pouco os explorou a partir do momento que transfere a lógica das curvas de indiferença dos bens para as características e associa estas sempre a bens. Por outras palavras, continuamos inteiramente no campo dos referenciais teóricos legados por **Pareto** e não se admite a hipótese, mesmo como análise *ex ante*, do procurante pretender características que não existem associadas a nenhum bem.

**J2:**

Apesar de dizer que as bases da nova teoria são velhas não deixa de ser um facto que permite outro tipo de análises. Provavelmente não será por acaso que **Roland**, uma tese de doutoramento realizada há alguns anos, pretendia mostrar que uma releitura da teoria marxista e a nova teoria do consumidor poderiam fazer um casamento interessante<sup>31</sup>

**J1:**

Não conheço esse trabalho a que faz alusão. De qualquer forma não interprete mal as minhas palavras. O facto de dizer que os fundamentos teóricos são similares não nega que se trata de uma abordagem provavelmente mais realista e, sobretudo, instigadora de estudos que seguem uma metodologia diferente. Provavelmente para o estudo dos elementos da procura influenciadores de certos preços, sobretudo de bens duradouros (de consumo ou investimento) e complexos, a abordagem através das características é uma via francamente mais vantajosa do ponto de vista econométrico.

**C:**

Poderemos então concluir que tanto pode haver procura de bens (ou conjunto de bens) como de características (ou conjunto de características) mas que em algum momento da análise há o reencontro desses dois referenciais da procura.

## QUARTAS OBSERVAÇÕES SOBRE A PROCURA

**C:**

Podemos agora avançar e lançar mais uma pergunta, aparentemente simples: *de que depende a procura?*

**M1:**

Até agora temo-nos defrontado com muitas hipóteses de caracterização da procura e de âmbito da sua aplicação. Recordemo-nos que tanto podemos falar de procura antes do aparecimento da moeda e no quadro de uma troca



directa accidental como numa economia monetária, como acontece hoje. Se falarmos em procura total o autoconsumo também uma procura. Interrogámo-nos sobre se a procura de moeda, por exemplo, é uma verdadeira procura. Verificámos que na terminologia de alguns autores a fronteira entre oferta e procura é apenas uma questão de valor negativo ou positivo da procura líquida. Há pouco discutíamos as diferenças e semelhanças entre procura de bens e procura de características. Creio que se pretendermos responder a essa questão de uma forma genérica nos arriscamos a nada conseguir de comum ou então, o que não é melhor, a termos que reanalisar as listas de possibilidades para cada factor determinante que avançarmos. Não creio que tal esteja de acordo com as nossas preocupações iniciais do debate.

**A2:**

Tem razão. Essa é uma questão que tenho vindo a notar nas nossas últimas abordagens. De alguma forma temo-nos afastado da nossa preocupação principal, isto é, saber como é que se deve ensinar estas temáticas aos jovens que iniciam o seu caminho na aprendizagem científica do económico. Temos resvalado para uma preocupação excessiva pelo científico.

**C:**

Não lhe chamaria excessiva mas estou de acordo que temos descurado um pouco a reanálise das questões pedagógicas associadas a cada uma das temáticas que temos abordado. Que propõem para obviar a esta situação?

**A1:**

Que delimitemos claramente a que noção e tipo de procura pretendemos responder ao formular a pergunta anterior. Se queremos retomar as questões pedagógicas talvez seja conveniente delimitar aos bens económicos (excluindo desta noção a moeda, os favores, eventualmente a informação) procurados como consumo final (logo excluindo os factores de produção e, obviamente, a procura de força de trabalho) num mercado capitalista (isto é, em que se produz para o mercado e existe moeda). Identifiquemos, pelo menos no início da análise, procura como disponibilidade para comprar, isto é, como realidade *ex ante*.

**C:**

Aproveitava para lembrar que este é exactamente um exercício que os professores devem sempre fazer na abordagem de uma determinada pergunta: delimitar o campo de observação, situar a construção do modelo no espaço e no tempo. Aqui está uma preocupação pedagógica que corresponde a um cuidado que a construção científica deveria ter.

**A1:**

Essa preocupação está por vezes ausente porque se considera o sistema capitalista, sistema económico em que nasceu a Economia Política, como eterno e imutável na sua essência. Tão imutável como o é, segundo essas posições, a essência humana. Não é por acaso que encontramos nos autores que

construíram a teoria utilitarista exemplos «típicos» de épocas pré-capitalistas para suportarem a teorização do capitalismo.

**M1:** Mas em que é que ficamos quanto à proposta que fiz?

**C:** Nada dissemos sobre ela porque houve uma imediata aceitação. Limitemos o âmbito da pergunta ao que sugeriste.

**M1:** Ótimo.

**C:** Avancemos com a explicitação de variáveis, qualitativas ou quantitativas, que podem influenciar a procura ou, por outras palavras, a quantidade procurada. Para precisarmos a linguagem chamemos ao bem  $x$ . Chamemos ao procurante  $i$ . Tal como nas situações anteriores despertemos a imaginação e façamos uma lista de possíveis factores explicativos que sejam suficientemente genéricos.

**M1:** Vejamos o que influencia a procura realizada por um indivíduo para o bem, simples ou composto, homogéneo ou heterogéneo. Então teremos de fazer oportunamente uma outra reflexão: será possível passar das procuras individuais para as procuras globais? No caso negativo o que justifica que essa seja a prática habitual nas apresentações do problema. No caso afirmativo como se deve proceder e que cuidados são mais relevantes.

**C:** Deixemos esse aspecto para mais tarde. Para já, insisto, concentremo-nos nas variáveis de que depende a procura.

**F1:** Depende da riqueza de  $i$

**F2:** E dos rendimentos regulares de  $i$

**F3:** De alguma forma associado a esses aspectos também podemos considerar que a posição social também pode influenciar.

**F1:** Assim como dos usos e costumes, dos padrões culturais, dos modos de vida.

**H1:** Seria quase escusado dizer que também depende do preço do bem  $x$ .

**H1:** E do preço dos bens sucedâneos

**H2:** E dos preços dos bens complementares.

**H1:** E dos preços de todos os outros bens com os quais  $x$  é independente.

**C:** Admitamos que a procura também depende do comprimento do rabo dos gatos, das explosões solares, da posição relativa dos astros, das fases da lua e da pluviosidade.

**H2:** Desta vez parece que não somos nós que estamos a dizer disparates.

**H3:** Depende da facilidade de acesso ao crédito, seja do vendedor seja de terceiros.

**H1:** A procura é influenciada pelos gostos individuais

**H2:** E colectivos, na medida em que estes influencia a oferta e os próprios gostos individuais.

**C:** Provavelmente também depende dos programas de televisão

**H1:** Mais genericamente do marketing.

**C:** Dos programas de televisão, da última ida à discoteca, da conversa tida com os amigos sobre o produto, do grau de esquizofrenia que afecta o cidadão em estudo e a sociedade.

**H2:** Provavelmente o grau de desenvolvimento económico e tecnológico da sociedade em que o indivíduo vive também influencia a procura de cada um sobre cada bem.

**C:** Será de acrescentar alguma outra variável?

**F1:** Provavelmente muitas mais. Apenas alguns acréscimos. Depende das experiências passadas de compra, ou tentativa de compra. Depende das perspectivas futuras de compra. Depende da quantidade de dinheiro disponível

**F2:** Ou do rendimento monetário disponível.

**F1:** E que me dizem de se considerar que depende também da quantidade oferecida, da oferta?

**F3:** Creio que se estão a esquecer da influência que a política pode ter. Não só da política económica, de alguma forma já englobada em várias das variáveis anteriormente referidas, mas também do «ambiente político», do grau de estabilidade, etc.

**F1:** Obviamente que também depende do bem, das suas características, efectivas ou imaginadas.

**M2:** A estrutura do comércio retalhista para esse produto, entendendo por tal a quantidade de empresas, as suas localizações, o grau de especialização, as práticas de gestão, etc.

**F2:** Se o produto  $x$  tiver certas características a sua procura também depende da assistência pós-venda.

**J1:** Foi nesse sentido que há pouco falei em bem simples ou composto. Nesse caso designaria de bem composto.

**M2:** O que de uma forma genérica designamos por conjuntura económica também certamente que influi.

**C:** Logo de início falaram da influência da riqueza e do rendimento. Do passado, presente ou futuro?

**F1:** Penso que essencialmente do presente mas também do futuro esperado.

**C:** Creio que estamos em condições de fazer uma listagem. Deixemos qualquer preocupação de avaliação ou de hierarquização para uma fase seguinte. Escrevamos pela ordem em que foram aparecendo:

- 
- (A) Riqueza actual de i
  - (B) Riqueza futura prevista de i
  - (C) Rendimentos actuais de i
  - (D) Rendimentos futuros previstos de i
  - (E) Posição social de i
  - (F) Usos e costumes
  - (G) Padrões culturais
  - (H) Modos de vida
  - (I) Preço do bem x
  - (J) Preços dos bens sucedâneos de x
  - (K) Preços dos bens complementares de x
  - (L) Preço dos bens independentes de x
  - (M) Comprimento do rabo dos gatos
  - (N) Explosões solares
  - (O) Posição relativa dos astros
  - (P) Fases da lua
  - (Q) Pluviosidade
  - (R) Acesso ao crédito
  - (S) Gostos individuais
  - (T) Gostos colectivos
  - (U) Programas de televisão
  - (V) Marketing do bem x
  - (W) Marketing dos outros produtos
  - (X) Ambiente de aceitação/rejeição do marketing
  - (Y) Última ida à discoteca
  - (Z) Conversas dos amigos sobre x
  - (AA) Esquizofrenia
  - (AB) Desenvolvimento económico da sociedade de i
  - (AC) Desenvolvimento tecnológico da sociedade de i
  - (AD) Experiências passadas de compra
  - (AE) Experiências passadas de tentativa de compra.
  - (AF) Dinheiro disponível
  - (AG) Rendimento monetário disponível
  - (AH) Oferta
  - (AI) Política económica
  - (AJ) Situação política
  - (AK) Características de x

(AL) Estrutura do comércio retalhista  
(AM) Conjuntura económica

---

**R2:** É uma lista considerável.

**C:** Por isso mesmo convém introduzirmos uma determinada metodologia de análise. Nós temos um conjunto de variáveis susceptíveis de classificação de diversas formas. Uma são económicas, outras extra-económicas. Uma provavelmente não influenciam, outras influenciam pouco, outras influenciam bastante. Uma influenciam directamente e outras indirectamente.

**J1:** Seria muito perigoso desde já classificá-las por grau de influência. Tal dependerá de análises futuras quantificadas e provavelmente o grau de influência depende da época e do lugar. Admito que possamos excluir algumas por considerarmos, embora possamos errar, que não influenciam. Mas devemos ficar por aí.

**R2:** Também a distinção entre variáveis económicas e extra-económicas me parece extemporânea. Para já o que interessa é ver se influencia ou não. Se as chamadas extra-económicas influenciam, se verificarmos que influenciam muito, apenas poderemos pugnar pelos trabalhos interdisciplinares. Não podemos de alguma forma excluí-los.

**J2:** Já que todos estão a levantar problemas à metodologia proposta cabe-me a mim fazer a sua defesa. Temos que seguir uma metodologia de análise, um caminho. Tal é importante por razões científicas mas também por motivos pedagógicos. A vantagem destas listagens é permitir uma reflexão colectiva mas tal exige regras. Propunha que numa primeira análise se distinguisse entre variáveis que não influenciam, variáveis que influenciam directamente e variáveis que influenciam indirectamente. Proponho esta classificação porque me parece que estamos, em alguns casos, a dizer a mesma coisa por palavras diferentes.

**F1:** Sobre esse interesse da reflexão colectiva deixem-me mais uma vez citar **Agostinho da Silva** quando ele dá um conselho ao seu discípulo, ao seu amigo que pretende ser filósofo: “fique certo de que mais valem todos os erros se forem cometidos segundo o que pensou e decidiu do que todos os acertos, se eles foram meus, não seus”<sup>32</sup>. Nada pior do que nos apresentarem as coisas já totalmente pensadas, sem erros, sem dúvidas.

**C:** Quer apresentar-nos uma proposta de arrumação segundo esse esquema?

**J2:** Não me nego, desde que consideremos como uma base de discussão e me dêem algum tempo para pensar. Fazamos um intervalos para descansar e de imediato retomo esse esforço enquanto vocês cavaqueiam. Vou por-vos um disco para descansarem.

**M1:** Essa música agradável, mas não será Chopin excessivamente romântico para as nossas intenções? Esperemos que esses delicados métodos de persuasão não excluam Chostakovitch, Mahler ou Sochkausen.

**C:** Ou Bach e Bethoven.

**J2:** Certamente que não, se o pretendeis.

## RETOMANDO A DISCUSSÃO

**J2:** Estudar as relações que existem entre as diversas variáveis indicadas e a procura exigiria certamente um cuidado maior do que aquele que me foi possível exercer. A selecção de indicadores quantificáveis expressáveis das variáveis indicadas e aplicação de medições estatísticas a elas poderia ajudar a clarificar alguns aspectos e tal não foi possível.

**J1:** Esse tipo de refinamentos são importantes mas também têm uma aplicação limitada. Em primeiro lugar porque algumas das variáveis escolhidas não são expressáveis quantitativamente, seja porque são muito genéricas (ex. gostos colectivos) seja porque são do foro subjectivo (a própria procura) seja ainda porque são socialmente irrelevantes (comprimento do rabo dos gatos). Em segundo lugar porque uma qualquer correlação entre dois indicadores têm de ser validados pela teoria, o nosso ponto de referência. São sobejamente conhecidos os trabalhos econométricos que mostram existir «correlações estáveis» entre coisas que não estão minimamente relacionadas.

**J2:** Pelo menos pensamos que assim seja, mas porque não duvidar dos nossos saberes compartimentados. Quando **Lorenz** mostrou matematicamente, através da teoria do caos, que era possível relacionar o bater de asas de uma

borboleta nos EUA com uma tempestade no Japão não estava a romper com essas nossas ideias fáceis do relacionamento parcial?

**J1:**

Tem em parte razão. Temos de ser cuidadosos com o que aceitamos e o que rejeitamos mas temos de ver estas questões à luz dos conhecimentos que possuímos num determinado momento. Se esse exemplo faz-nos pensar também é inegável que não basta uma correlação existir para aceitarmos a existência de uma relação intrínseca, explicativa, entre duas variáveis. Em terceiro lugar, na lógica actualmente mais aceite, a verificação empírica de uma relação de simultaneidade entre duas variáveis, mesmo aceite teoricamente, apenas demonstra que ainda não há razão para rejeitar essa relação. Não a rejeitamos mas não aumenta a nossa confiança nela.

**J2:**

Comecemos pelo mais simples. Listagem das variáveis que não explicam a procura de bens de consumo final, em geral, numa economia capitalista:

---

**VARIÁVEIS QUE NÃO INFLUENCIAM A PROCURA**

- (M) Comprimento do rabo dos gatos
  - (N) Explosões solares
  - (O) Posição relativa dos astros
  - (P) Fases da lua
  - (Q) Pluviosidade
- 

Creio que é suficientemente evidente a inexistência de uma relação directa ou indirecta entre estas variáveis e a procura.

**Q:**

Não existem evidências. Toda a “evidência” é uma correspondência entre a leitura teórica que fazemos da realidade e o conjunto de saberes constituídos previamente, com forte interpenetração da ideologia. Essa “evidência” parte de alguns pressupostos, nomeadamente que os astros não influenciam directa ou indirectamente a maneira das pessoas se sentirem e se comportarem. Um defensor das teses astrológicas teria eventualmente uma posição diferente. E mesmo que admitíssemos que a sua influencia indirecta (via gostos, por exemplo) fosse pequena, com a exclusão da noção de equilíbrio, com uma leitura dinâmica dos fenómenos económicos, com a explicitação da sensibilidade às condições iniciais, poderíamos estar a cometer um erro significativo ao excluir estes factores. A variável (M) mereceria, provavelmente, unanimidade quanto à não influência genérica, assim como a pluviosidade.



**A2:**

Nem aí seria tão categórico. O comprimento do rabo dos gatos pode ser uma variável que influencia a procura de gatos. Se a procura de uns bens influencia a procura de bens complementares e sucedâneos temos aqui uma influencia indirecta dessa variável sobre a procura de um conjunto mais ou menos restrito de variáveis. Se analisarmos em cadeia ou admitirmos que o preço dos bens independentes também influencia, via, por exemplo, rendimento disponível para os outros gastos, estamos a chegar a uma influencia daquela variável sobre a procura global.

**J2:**

Começo a sentir saudades do velho *ceteris paribus*.

**A2:**

Porque a nossa maneira de raciocinar, nomeadamente sobre o económico, foi moldada nessa metodologia.

**J2:**

Seja. Admitamos que (M) influencia em  $0,1^{-12}\%$ . Terá interesse considerarmos?

**A2:**

Em quase todas as situações é totalmente irrelevante. Mas podem existir outras em que essa pequena alteração das condições iniciais modifique a situação. Admitamos que a procura é representada por  $z$ , o conjunto das variáveis que influenciam a procura por  $x$  e a nossa variável pouco relevante, seja ela qual for, por  $y$ . Admitamos que as podemos representar do seguinte modo:

Fig. 1

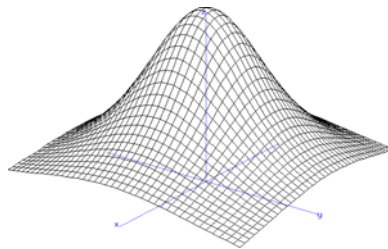


Fig. 2

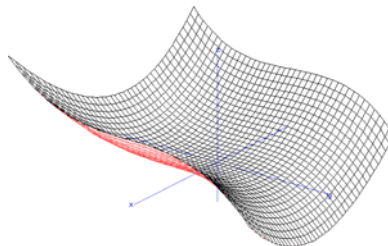


Fig. 3

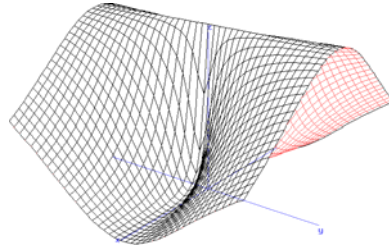


Fig. 4

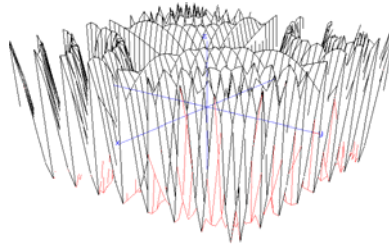


Fig. 5

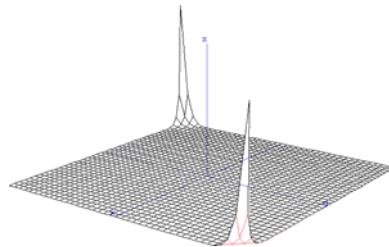


Fig. 6

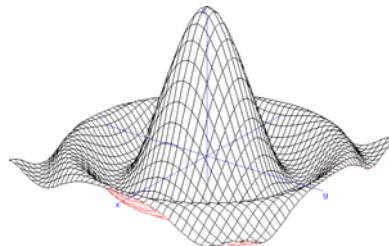


Fig. 7

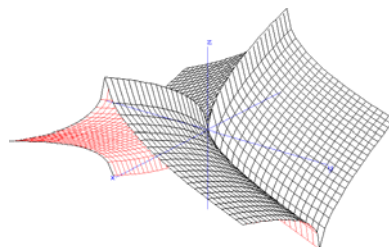
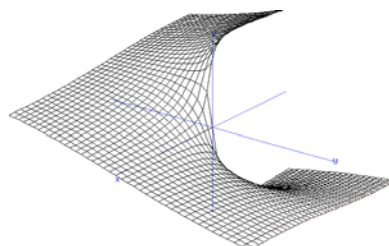


Fig. 8



As figuras 1 e 6 mostram que  $y$  pode ter uma relevância “conjuntural” mas não vai influenciar os destinos da procura. Sejam quais forem os valores assumidos por aquela variável a procura no seu conjunto não vai assumir valores que não pudessem ser alcançados exclusivamente pela influencia das outras variáveis. De certo modo poder-se-á dizer o mesmo em relação à dinâmica representada pela fig. 4 onde a sensibilidade “conjuntural” é manifestamente maior. No caso dos “comportamentos” representados pelas figuras 3 e 7 já a influencia da variável  $y$  é maior, pode fazer  $z$  atingir valores que de outra forma nunca alcançaria mas encontra-se num espaço de repetição sistemática de valores. O mesmo não se poderá dizer do representado nas figuras 2, 5 e 8, em que constatamos que em muitas situações uma variação de  $y$  é irrelevante (tem elasticidade nula ou quase nula) mas noutras pode ter impacto extremamente grande (elevada elasticidade) e, sobretudo, pode fazer a variável explicada evoluir para espaços em que a irreversibilidade é manifesta. Nesses casos a sensibilidade às condições iniciais pode ser manifesta.

**H1:**

A dificuldade estará em sabermos em que espaço nos situamos, em que posição daquele nos encontramos, qual é o tempo de influencia de cada uma das direcções, como é que o próprio espaço evolui. O que está a dizer já tinha sido, de alguma forma, e em alguns aspectos com um muito maior rigor, apresentado na teoria das catástrofes de **Thom**.

**U:**

Meus senhores, receio que entremos numa derivação que nos levaria bastante longe. Permitam-me ter a veleidade de tirar algumas conclusões destas últimas considerações. Em primeiro lugar concluiria da nossa dificuldade em raciocinar fora dos quadros teóricos a que fomos habituados: *ceteris paribus*, equilíbrio, análises parcelares. Esta dificuldade é a outra face das dificuldades em raciocinarmos em termos dinâmicos, de abandonar a linearidade, da muito insuficiente utilização da topologia pelos economistas. Em segundo lugar que deveremos ter muito cuidado na constatação da influência ou não de uma determinada variável sobre outra. A dúvida metódica tem aí uma importância particularmente relevante porque não existem métodos totalmente seguros para chegarmos a uma conclusão. O mais que poderemos dizer é que no contexto dos nossos conhecimentos actuais e admitindo um conjunto de pressupostos podemos concluir de determinado modo. Apesar destas interrogações não podemos tombar na impossibilidade de conhecimento (científico). Em terceiro lugar chama-nos a atenção para o interesse de reanalísarmos, com os instrumentos disponíveis na ciência moderna, as leis da dialéctica formuladas por **Hegel**, **Marx** e outros. Por último chama-nos a atenção para a importância de associarmos a variável *tempo* e *espaço* quando discutimos estas questões. Assim como nós no nosso quotidiano não necessitamos de ter em conta a teoria da relatividade para definirmos o nosso percurso de carro também a sensibilidade às condições iniciais poderão ser esquecidas em várias situações e o *ceteris paribus* é cientificamente inofensivo. Mas quando passamos da teoria

do equilíbrio parcial para a teoria do equilíbrio geral, quando passamos de um período “curto” para um período “longo” temos que reanalisar os nossos pressupostos e as nossas metodologias. Não é apenas uma mudança de sistema de equações e/ou de variáveis. É uma modificação qualitativa do modelo de referência.

**J2:**

Depois destas considerações espero que aceitem a proposta que fiz das variáveis que não influenciam a procura. Estamos no campo das probabilidades. A probabilidade de aquelas variáveis influenciarem, sejam quais forem os espaços e os tempos de referência, é nula.

**C:** Continuemos.

**J2:**

O quadro das variáveis que influenciam directamente a procura é o que apresento a seguir, dividido em três grupos. G1: conjunto das variáveis que sem dúvida, pelo menos para mim, influenciam directamente a procura; G2: conjunto das que podem influenciar a procura mas exigem uma reflexão um pouco mais cuidada; G3: as variáveis que exigem um sério debate sobre a influencia directa ou não pois podem conflitar com algumas das versões teóricas comumente aceites.

---

**VARIÁVEIS QUE INFLUENCIAM  
DIRECTAMENTE A PROCURA**

**GRUPO 1**

- (A) Riqueza actual de  $i$
- (B) Riqueza futura prevista de  $i$
- (C) Rendimentos actuais de  $i$
- (D) Rendimentos futuros previstos de  $i$
- (I) Preço do bem  $x$
- (J) Preços dos bens sucedâneos de  $x$
- (K) Preços dos bens complementares de  $x$
- (AD) Experiências passadas de compra
- (AE) Experiências passadas de tentativa de compra.
- (AK) Características de  $x$
- (AL) Estrutura do comércio retalhista

**GRUPO 2**

- (S) Gostos individuais
- (T) Gostos colectivos

**GRUPO 3**

- (AF) Dinheiro disponível

(AG) Rendimento monetário disponível  
(AH) Oferta

**C:** As variáveis I, J e K constam de qualquer manual, são facilmente adquiríveis e creio que não merece da nossa parte sérias reflexões.

**M1:** Apenas duas palavras sobre o conceito de bens sucedâneos e complementares. Todos sabemos quando se fala de complementaridade (quando uma variação da procura de um bem  $x$  gera uma variação no mesmo sentido da procura de  $Y$ ) e de sucedaneidade (quando uma variação da procura de um bem  $x$  gera uma variação de sentido contrário da procura de  $Y$ ). Pode haver uma certa tendência espontânea para se admitir que há simetria e transitividade nessas relações o que não está à partida provado. Reparem, por exemplo, como **Samuelson** coloca o problema: “*Diz-se, portanto, que o chá e o café são produtos rivais, ou concorrentes—ou sucedâneos. O chá e o limão, por outro lado, são bens complementares. Aos pares de bens<sup>33</sup> que se situam numa posição intermédia, tais como o chá e o sal, dá-se o nome de bens independentes. Classifique o leitor, os seguintes pares de bens: carne de vaca e carne de porco, Perú e molho «cramberry», automóveis e gasolina, transporte de camião e de comboio, petróleo e carvão, carvão e equipamento para eliminar os vapores sulfurosos das chaminés das centrais eléctricas que queimam carvão<sup>34</sup>”.* Fala-se em pares de bens e não em o bem  $x$  em relação ao bem  $y$ . Quase que pressupõe a simetria, embora num exemplo seguinte coloque a possibilidade de não existir. O que pretendo chamar a atenção é para o facto da apresentação desse problema tender a criar espontaneamente, subconscientemente, equívocos nos alunos.

**C:** Por essa razão me parece particularmente interessante um exercício que encontrei num livro para alunos iniciados nestas matérias:

Designe por  $S(x,y)$  que o bem  $y$  é sucedâneo do bem  $x$ . Designe por  $C(x,y)$  que o bem  $y$  é complementar do bem  $x$ . Designe ainda por  $I(x,y)$  que o bem  $y$  não é sucedâneo nem complementar do bem  $x$ . Então verifique a veracidade ou falsidade de cada uma das implicações seguintes:

- $S(x,y) \Rightarrow S(y,x)$
- $C(x,y) \Rightarrow C(y,x)$
- $I(x,y) \Rightarrow I(y,x)$
- $(S(x,y) \text{ e } S(y,x)) \Rightarrow S(x,y)$

- $(C(x,y) \text{ e } C(y,z)) \Rightarrow C(x,z)$
- $(I(x,y) \text{ e } I(y,z)) \Rightarrow I(x,z)$
- $(S(x,y) \text{ ou } S(y,x)) \Rightarrow S(x,y)$
- $(C(x,y) \text{ ou } C(y,z)) \Rightarrow C(x,z)$
- $(I(x,y) \text{ ou } I(y,z)) \Rightarrow I(x,z)$
- $(S(x,y) \text{ e } C(y,z)) \Rightarrow C(x,z)$
- $(C(x,y) \text{ e } S(y,z)) \Rightarrow C(x,z)$
- $(S(x,y) \text{ e } I(y,z)) \Rightarrow S(x,z)$ <sup>35</sup>



Poderemos encontrar exemplos que fundamentam uma determinada apreciação sobre o problema, poderemos entrar no campo das probabilidades mas o que interessa é ver se é possível uma resposta rigorosa.

**P1:**

Normalmente procura-se precisar a especificação das relações de complementaridade e sucedaneidade através do cálculo de elasticidades cruzadas. É um bom procedimento mas mais uma vez temos de ter consciência dos desajustamentos e limitações dos nossos modos de proceder. Desajustamento pelo facto das funções procura serem, como temos visto, realidades *ex ante* e as elasticidades serem, pelo menos se pretendem expressar a realidade, categorias *ex post*. Ao passarmos de uma para a outra passamos das *intenções de* para as *realizações de*. Passamos da instantaneidade ou invariabilidade dos outros elementos explicativos da procura para a mutabilidade, simultaneidade, interacção e efeitos *feedback* das diversas variáveis explicativas.

**P1:**

A utilização das derivadas parciais reduzem esses perigos. Ao calcular uma derivada parcial está, tal como o modelo pressupõe, a considerar as restantes variáveis como constantes.

**P1:**

Aplicamos derivadas parciais mas sobre uma função obtida estatisticamente que não contempla a complexidade das relações entre as variáveis. Não tenho, neste momento, uma proposta alternativa a fazer. Não seria difícil encontrar formulações matemáticas alternativas mas sem uma prévia constatação de eventuais valores dos parâmetros não teriam grande significado.

**P2:**

Formulações de que tipo?

**P1:**

Posso dizer o que estava a imaginar muito vagamente mas sem pretender mais do que fazer um exercício.

---

Consideremos, por exemplo que a procura de um bem  $x$  depende do preço do bem  $x$ , do rendimento dos procurantes, da riqueza dos procurantes, dos gostos, das características  $i_1, i_2, \dots$ , in desse bem  $x$ , do preço dos bens complementares  $y_1, y_2, y_k$ , dos preços dos bens sucedâneos  $z_1, z_2, z_m$ , das

experiências da procura anterior. É perfeitamente possível, de acordo com o que foi dito anteriormente explicitar estas variáveis.

Exercício 1: Admitamos agora que a variação no tempo da procura do bem  $x$  depende do preço desse mesmo bem e do próprio nível de procura. Admitamos que a evolução do preço de um bem complementar  $z$  depende do nível da procura de  $x$ , do nível do seu preço e da interacção entre a procura de  $x$  e os gostos dos consumidores em relação ao bem  $x$ . Admitamos, finalmente e apesar de não fazermos referência a muitas das variáveis, que a evolução dos gostos no tempo em relação ao bem  $x$  depende da situação dos gostos à partida e da interacção da procura desse bem com os preços.

Exercício 2: Admitamos que a procura de  $x$  num determinado momento depende da procura no momento anterior e da influência do preço do bem sucedâneo  $y$ , sendo essa influência no sentido de gerar uma oscilação em torno do nível da procura. Admitamos que o preço do bem sucedâneo num determinado momento depende desse mesmo preço no período anterior e da procura de  $x$  nesse mesmo momento.

Parece-me que qualquer dos dois exercícios, e de muitos outros que poderíamos fazer, são relativamente realistas, talvez mais realistas que outros que quotidianamente fazemos. Num dos casos estamos a aproximar-nos do sistema de Lorenz<sup>36</sup> e no outro do mapa de Chirikov<sup>37</sup>. Se alguns dos parâmetros assumirem determinados valores - eventualmente não admissíveis em situações correntes do quotidiano mas sem termos razões para excluir quando a interacção entre todas as variáveis aumenta, quando existem situações de «crise» ou intervém o acaso<sup>38</sup> - entramos em situações de imprevisibilidade dos valores assumidos, de caos. Será que então manteria validade continuarmos a raciocinar da mesma forma em relação às elasticidades cruzadas?

---

Eram estes os dois reparos que queria fazer sobre os conceitos de complementaridade e sucedaneidade. Desculpem. São comentários assaz marginais aos nossos propósitos.



**J2:**

Creio que podem ter sido úteis. Atrevo-me, no entanto, a considerar que não põem em causa a arrumação que fiz e o tipo de análise que nos propusemos fazer.

**M1:**

Tem razão.

**C:**

Existem trabalhos que acentuam a importância do rendimento, fluxo, outros a influência da riqueza, stock. Provavelmente no caso de alguns tipos de bens o rendimento tenha mais importância e noutros a relevância encontre-se na riqueza. Também é compreensível que uma variação esperada no rendimento ou na riqueza permita fazer variar a procura no mesmo sentido. Provavelmente esta antecipação poderá estar ligada a uma outra variável que referimos anteriormente e que ainda não foi explicitada: a facilidade de acesso ao crédito.

**J1:**

Reservo-lhe alguns comentários para mais tarde. O que nos devemos interrogar, porque sobre o assunto existe bastante polémica, é se a riqueza e o rendimento devem ser analisados em termos monetários ou em termos reais. Como é sabido diversos autores privilegiam a vertente monetária e outros a sua expressão «real». Para uns os fluxos são por natureza monetários, a moeda comporta informação mas esta é incompleta ou cheia de «ruídos», a moeda é factor de «desequilíbrio», há «ilusão monetária», esses fluxos influenciam os comportamentos humanos num quadro de múltiplas influências psicológicas (incluindo as de afectividade e irracionalidade) e sociais (desde as referências culturais aos jogos de prestígio). Tudo isto faria com que os modelos que pretendem descrever as acções dos homens devem ter como referencial as grandezas em termos monetários. Para outros os homens são perfeitamente racionais, possuem todas as informações de que necessitam para os seus cálculos económicos e têm capacidade de processar toda a informação. Assim sendo «deflacionam» todos os seus agregados e tomam as decisões em termos «reais».

**C:**

Sugiro que deixemos o problema em aberto. Em alguma medida já o discutimos quando se afirmou que o equívoco da economia neoclássica foi pretender constituir uma ciência normativa com a capa da positividade. Se aceitarmos esse princípio, que está muito longe da unanimidade, poderemos dizer, numa tentativa de conciliação das duas posições, que o rendimento ou riqueza reais são o limite das variáveis explicativas rendimento e riqueza quando os agentes económicos evoluem para a racionalidade plena. Cada

procurante encontrar-se-á mais ou menos longe desse limite conforme a sociedade em que vive, os referenciais culturais que possui, a formação e informação económicas, a penetração do capitalismo concorrencial, a influência ideológica dos economistas e do economicismo.

**A3:** Parece uma formulação interessante.

**E1:** Pretende dizer que todos os economistas são economicistas?

**C:** Não. Provavelmente muitos são mas muitos outros não o serão. As fronteiras dependem das situações económica e política, das correntes dominantes. Muitos economistas serão economicistas nas suas receitas mas comportar-se-ão de modo diferente no seu quotidiano.

**A1:** A importância das variáveis AF (dinheiro disponível), mais ligada à riqueza, e AG (rendimento monetário disponível) depende da resposta que dermos sobre a existência, ou não, da «ilusão monetária», utilizando a terminologia keynesiana?

**J2:** Não foi essa a razão porque a coloquei num grupo à parte. A economia capitalista é necessariamente monetária. Os mercados no consumidor final numa economia capitalista exigem a moeda. Uma moeda que não é neutra. Poderíamos analisar as razões da não-neutralidade desta mas passemos adiante. Em contrapartida na explicação dos mecanismos de mercado falamos do rendimento e da riqueza disponíveis e não do seu montante em forma monetária ou convertível em tal. Ora para comprar um bem não basta ter rendimento ou riqueza é necessário tê-lo sob a forma monetária. Este rendimento ou riqueza monetária pode ser avaliada pelo procurante de forma «monetária» ou «real» o que nos remete para o problema anteriormente levantado.

**C:** A explicação que deu aplica-se a AG (rendimento monetário disponível) mas não cobre integralmente a variável AF (dinheiro disponível). De facto pode-se ter “dinheiro disponível” sem ter correspondente rendimento ou riqueza. A partir do momento em que o crédito concedido pelas instituições bancárias e parabancárias se generaliza no quadro de uma hierarquização do sistema bancário que tem no topo a instituição emissora de moeda nacional todo o crédito gera moeda e quem obtém crédito passa a possuir moeda. O acesso ao crédito influencia directamente a procura existente num determinado

momento. Se esse crédito é uma antecipação de rendimentos futuros ou uma antecipação de liquidez de riqueza é muito provável que ele seja pago e se traduza numa diminuição da procura futura, quando se considera um procurante isolado. Se esse crédito surge desinserido dessa possibilidade de pagamento temos uma pseudo validação social do bem.

**J2:**

Tinha guardado a variável R (acesso ao crédito) para um debate seguinte mas creio que é indissociável do que temos estado a analisar. Muito provavelmente a quantidade de rendimento ou riqueza, de hoje ou esperada, que influencia directamente a procura depende da quantidade que assume, efectiva ou potencialmente, a forma monetária. A partir do momento que aceitemos estes aspectos surge de imediato a influência da taxa de juro sobre a procura de bens de consumo final, sobre o funcionamento dos mercados de bens.

**U:**

Ao acrescentarmos estas variáveis na determinação da procura de bens de consumo final numa economia capitalista, não nos esqueçamos que é nesse âmbito que estamos a incidir a nossa análise, estamos a aumentar o realismo da explicação do funcionamento do mercado. Mas não estamos a dizer nada de novo. Não existe política económica sobre esta área de acção dos cidadãos que não considere a maior ou menor facilidade de venda a prestações, os mecanismos de crédito, a taxa de juro e outras variáveis similares como influenciadora do consumo. O que acontece é que estas apreciações ditas macroeconómicas e de realidade *ex post* (consumo) não são transpostas frequentemente, o que não quer dizer que o não sejam em algumas análises mais completas, para os estudos microeconómicos *ex ante*.

**F1:**

Por outras palavras estamos a complexizar o modelo.

**U:**

Em parte é isso mas não gostaria de utilizar essa terminologia, que está associada a outro tipo de modelos. Em nome do realismo da análise mas também com a preocupação de numa fase posterior podermos meditar um pouco sobre a interacção das diversas variáveis explicativas entre si, os efeitos de *feedback*. Mas a introdução da moeda na procura microeconómica, por intermédio da forma monetária do rendimento e do crédito, o acesso ao crédito e a possibilidade de existir «ilusão monetária» introduz a moeda no cerne do mercado. Ela deixa de ser considerada uma variável ausente ou neutra. A moeda aparece no mercado não apenas como unidade de conta do «valor» dos bens, como um intermediário da troca entre bens mas porque a economia é necessariamente monetária. As grandezas reais são uma derivação

metodológica das grandezas monetárias. A moeda deixa de ser só unidade de conta e meio de circulação para também passar a ser meio de entesouramento e meio de pagamento. É geradora de informação mas também de desinformação, de «equilíbrios» mas também de «desequilíbrios». É habitual assumir-se que existe a quantidade moeda necessária para executar as trocas sugeridas ou concretizadas pelo mercado, mas a quantidade de moeda é variável explicativa da própria dinâmica da procura, logo do mercado.

**M1:**

Se se admite esta dupla acção da moeda na articulação e informação então também é necessário reflectir se os preços de referência são relativos, situação considerada pela teoria neoclássica, ou absolutos. Mas creio que neste caso muitas outras coisas teriam que ser revistas!

**C:**

De facto um aspecto é indissociável do outro.

**H1:**

Sugeria que no acetato final sobre as variáveis que influenciam directamente a procura se reflectisse as considerações que têm sido apresentadas e agora passássemos a ver a outras variáveis.

**C:**

Provavelmente esta introdução da moeda como variável explicativa da procura exigiria considerações mais detalhadas mas podemos guardar para outra ocasião.

**J2:**

Passemos então para as variáveis AD (experiências passadas de compra) e AE (experiências passadas de tentativa de compra). Elas são conceptualmente muito parecidas e poderemos avançar com as duas ao mesmo tempo. Quando um indivíduo pretende adquirir um meio de transporte próprio para a cidade vai ver que bicicletas, motos ou carros existem e quais os seus preços. Nem se lhe passa pela cabeça tentar encontrar à venda uma vassoura voadora, embora esta fosse, segundo as histórias que leu em pequeno, certamente mais barata, gastando menos combustível e de mais fácil arrumação no pouco espaço citadino. Quando um indivíduo vai comprar umas calças limita a sua escolha a determinados tipos de tecido e a determinados modelos, por muito excêntrico que seja o seu gosto. Quando alguém pede que lhe vá comprar fósforos entrega um pequeno montante de dinheiro para realizar o pagamento mas se for comprar um automóvel a pronto pagamento sabe que é preferível levar cheque e ter um bom saldo no banco.

**H1:**

O que todos esses exemplos demonstram é que o procurante tem em

consideração a oferta: o que é oferecido, existência de abundância ou escassez, os custos de produção. Se um extraterrestre aterrasse na nossa cidade não saberia de imediato o que comprar e por quanto comprar.

**Q1:**

A forma mais branda de analisar o problema é dizer que a procura depende da experiência passada de procura, englobando as duas variáveis referenciadas. A forma mais dura de analisar o problema é dizer que a procura depende da oferta. Em qualquer dos casos a oferta influencia, directa ou indirectamente a procura.

**Q2:**

Não é relativamente indiferente considerar de uma forma ou de outra?

**R1:**

Não completamente. Os modelos baseados no funcionamento do mercado visam explicar a fixação do preço pela «intercepção» da procura e da oferta, tendo como pressuposto que a produção é um dado e que a procura e a oferta são independentes. Ao relacionar, via factores influenciadores, a oferta e a procura estamos a romper com a independência referida.

**Q3:**

No entanto é frequente os modelos econométricos da procura englobarem a oferta. A título de exemplo estou a recordar um trabalho relativamente recente feito para Portugal sobre a procura de ópera<sup>39</sup>. Obviamente que se trata de uma análise *ex post*:

O modelo pode ser formulado do seguinte modo:

$$Ass = f ( Y, PI, S, PF )$$

com:

Ass = Assistência per capita aos espectáculos de ópera

Y = Rendimento real per capita

PI = Preço médio constante dos espectáculos de ópera

S = Número de espectáculos de ópera

PF = Preço médio constante de outros espectáculos

Admitindo um efeito multiplicativo optou-se pela logaritmização das variáveis.

$$\begin{array}{ccccccc}
 \log & - & \log & -0,85 & \log & + & \log & + & \log \\
 Ass = & 0,033 & PI & 2 & Y & 0,707 & PF & 0,4539 & S \\
 t & (-0,276 & & (-2,153 & & (+2,172 & & (+4,578) & \\
 & & & & & & & & )
 \end{array}$$

) )

$$R^2=0,90$$

$$DW=1,33$$

$$F(3,7)=21,17$$

Merece a pena chamar a atenção para

- o facto de Ass, procura, depender muito significativamente de número de espectáculos de ópera, isto é, da oferta
- existirem efeitos multiplicativos
- a ópera aparecer como um bem inferior pois

$$\frac{\partial Ass}{\partial Y} < 0$$

Essa questão remete-nos para uma posição de **Ricardo** que já anteriormente referimos: “É o custo de produção que, em última análise, determina o preço dos produtos e não, como se tem frequentemente dito, a proporção entre a oferta e a procura”.

**F3:**

Parece que estamos a chegar a algumas conclusões interessantes. Tanto trabalho que temos para estudar as curvas da procura e da oferta, passamos tanto tempo a discutir o preço de equilíbrio — parece que nada mais existe! — e, afinal, é melhor esquecer tudo isso. São menos umas páginas para estudar.

**C:**

Grande erro cometerias se procedesses dessa forma.

**F3:**

Porque os exames vão-se centrar nessas matérias?

**C:**

Também, mas não era nisso que estava a pensar. Em primeiro lugar apresentar um modelo alternativo exige conhecer bem o modelo anterior, mesmo que o novo seja a negação completa do velho. Em segundo lugar apenas estamos a explorar hipóteses e estamos muito longe, aliás não esse o nosso objectivo, da apresentação de um modelo alternativo.

**F3:**

Aliás poucos serão os professores que não deixam de apresentar críticas ao modelo da oferta e procura no simplismo com que ele é normalmente apresentado. O que por vezes nós próprios lamentamos é que essas críticas sejam tão pouco assimiladas.

**C:** Atrever-me-ia a dizer que essa ligeireza de assimilação seria inevitável. A crítica a um modelo pressupõe que se possua os instrumentos conceptuais que permitam a construção de um modelo alternativo e que ambos surjam em termos de igualdade num processo de comparação. Sem envolver uma crítica aos professores porque possivelmente não seria possível nenhuma solução diferente, o que acontece é que se apresenta um modelo e leva-se o aluno compreender e aceitar esse modelo. Aquele e mais nenhum. Depois despeja-se o saco das críticas. Críticas de diversos tipos e associada a diferentes correntes do pensamento. O aluno recebe-as, compreende-as eventualmente mas é incapaz de as integrar numa explicação lógica. Logo esquece-as. Na melhor das hipóteses serão guardadas no inconsciente e há que espera que alguma luz futura as despertem.

**F2:** É como quando amamos alguém. Pode ser muito feio, só ter defeitos e toda os amigos nos alertarem para isso. Para nós é bonito e as críticas não colhem.

**C:** Grosseiramente essa comparação serve. É melhor continuar a estudar o que está em todos os livros. O que aconselhamos é a praticar o exercício de não ficar preso ao que lhe é dito, de despertar a imaginação, de cultivar a irreverência, de ler autores com posições diferentes.

**A3:** Não se trata apenas dessa questão. Não nos podemos esquecer que a personalidade de cada estudante foi moldada pela sua anterior experiência de vida e que esta condiciona a sua consciência possível, isto é, entre outras coisas, o tipo de informações que vai aceitar ou rejeitar antes da elaboração dos seus próprios raciocínios. Se lhe apresentamos um modelo coerentemente estruturado que eventualmente não seria enquadrável nos limites da sua consciência social tal constitui uma nova experiência com força suficiente para acrescentar a sua consciência possível.

**C:** A consciência real moldada dentro da consciência possível e esta são realidades dinâmicas. Não podem ser encaradas como realidades imutáveis construídas antes do acesso à universidade ou antes da aprendizagem de uma determinada matéria.

**A3:** É exactamente isso que pretendo dizer. O processo de aprendizagem científica pode ser um alargamento dessa consciência mas para que tal aconteça

é necessário que a nova experiência seja suficientemente forte, e com uma lógica adequada a uma certa maneira de pensar adquirida anteriormente. Um modelo apresentado cuidadosamente pode ter esse efeito mas provavelmente não o pode ter um rol de críticas que se desajustem dessa consciência possível e não surjam de formas estruturada.

**H2:**

No actual momento os raciocínios que se baseiem na dialéctica e em modelos complexos são particularmente difíceis de serem aceites de forma duradoira. Se recordarmos **Nunes**, ao citar **Hofstatter** quando nos afirma que as classes inferiores têm uma consciência possível mais ampla<sup>40</sup> talvez possamos mais facilmente compreender que os resultados de diversos trabalhos indicam “que os estudantes de origem modesta aproveitam mais com professores que praticam uma pedagogia crítica enquanto que esta maneira de proceder está longe de ser tão favorável para os estudantes de origem social elevada”<sup>41</sup>

**J2:**

Continuemos o nosso percurso. A variável AK (características de  $x$ ) não me parece carecer de grandes explicações. A procura de um determinado bem encontra a sua primeira razão de ser no facto de admitirmos que aquele é capaz de satisfazer necessidades que sentimos. Mas admitimos isso porque esse bem possui determinadas características. remete para matéria que já analisamos.

**C:** Avance.

**J2:**

A variável AL (estrutura do comércio retalhista) pode conter muitas coisas. É o número, dimensão, especialização, organização e localização dos estabelecimentos comerciais; é a acção de marketing e de convencimento dos utilizadores; é a estrutura de preços praticados. Creio que tudo isso influencia a procura mas alguns desses aspectos influenciam directamente enquanto outros o fazem indirectamente. Assumi a influência directa porque relatei a estrutura do comércio retalhista, no sentido de comércio que serve o consumidor final, com a acessibilidade que garante. Para haver procura é necessário haver acessibilidade.

**H1:**

Sem deixar de ter em consideração que as formas dessa acessibilidade tem sofrido uma enorme modificação devido à alteração radical dos meios de comunicação.



**C:** Não compreendo o que o levou a colocar no grupo 2 os gostos individuais e os gostos colectivos.

**J2:** É quase um lugar comum dizer que os gostos individuais, variável S, influenciam a procura individual e o conjunto das procuras individuais dão lugar à procura colectiva. Também estamos habituados a falar do gosto individual como algo do foro individual que é claramente especificado por um conjunto de opções que cada um de nós toma. A primeira questão para que gostaria de chamar a atenção é para o «poço sem fundo» que se designa dessa forma. É onde colocamos a emotividade e a irracionalidade individual que depois excluimos pela porta da racionalidade económica. É onde colocamos a influência da religião, da ideologia, dos conhecimentos científicos e filosóficos. É onde colocamos os impactos do marketing, das práticas quotidianas, da educação, da acção cívica. É onde colocamos a expressão individual dos padrões culturais, do desenvolvimento civilizacional. Numa palavra onde colocamos tudo. É um conjunto suficientemente complexo para que exigisse a nossa atenção.

**C:** Tem razão, mas a análise desse aspecto remete-nos para áreas científicas diferentes. Nada tenho contra isso. Creio que nenhum de nós. Mas temos de estar prevenidos.

**J2:** Também não pretendo aqui dissecar esse aspecto. Tenhamos, contudo, consciência da riqueza psicológica e sociológica dessa variável. Tenhamos a consciência de que estamos a meter pela janela o que expulsámos pela porta. Tenhamos também a consciência de que uma variável tão complexa está em permanente mutação, mesmo que muitos dos seus elementos sejam resistentes à mudança. E como é uma variável nunca analisada, mesmo quando estamos a estudar períodos históricos em que há verdadeiras «revoluções do gosto» aplicamos-lhe calmamente o *ceteris paribus*.

**M1:** Creio que qualquer um de nós estará de acordos com as recomendações que faz. Creio, no entanto, que ao colocar lado a lado os gostos individuais e colectivos tinha outras preocupações em mente.

**J2:** Tem a ver com a segunda questão que ia colocar. Ao procedermos

dessa forma estamos a admitir que a procura colectiva é o resultado da soma das procuras individuais. Mas que nos impede admitir que a procura individual é uma fracção da procura colectiva?

**A1:** Não é jogarmos com as palavras?

**J2:** De forma nenhuma pretenderia tal. Se a procura colectiva é a soma de procuras individuais então o modelo fundamental, normalmente sob a forma de curvas de indiferença, visa explicar esta. Na lógica do que estamos habituados construímos um mapa de curvas de indiferença individuais, entramos com o rendimento e chegamos à curva de procura, limitada aos preços como variável explicativa. Depois é juntar e obtemos a procura colectiva.

**A1:** Construiu-se uma curva da procura individual partindo de um conjunto de pressupostos, nomeadamente o da transitividade, e chega-se a uma curva colectiva que pode deixar de respeitar alguns desses princípios. As diferenças interindividuais minam silenciosamente as coerências anteriores sem que nunca surjam explicitamente.

**E1:** O que é isso da transitividade?

**A1:** Peço desculpa pelo hermetismo. Um dos pressupostos das curvas de indiferença é que “o consumidor é coerente na escolha entre combinações de bens”<sup>42</sup>. Isto significa que se esse procurante prefere o bem A ao bem B e o bem B ao bem C então prefere o bem A ao bem C. Admitindo que é totalmente livre na sua escolha vai optar por A.

**J2:** Se a procura individual é uma parte da procura colectiva, continuado a admitir o mesmo modelo de referência e não entrando com o altruísmo de **Becker**, será possível construir um mapa de curvas de indiferença para o conjunto dos indivíduos, considerar o constrangimento do rendimento, soma dos rendimentos individuais, e obtemos directamente a curva da procura colectiva.

**A1:** Provavelmente é indiferente considerar um ou outro caminho.

**J2:** Mas não será que nesse caso os resultados são diferentes porque as

diferenças individuais e as relações interindividuais anulam o importante principio da transitividade?

**P1:** É uma pergunta para respondermos?

**J2:** De forma nenhuma. Estas são algumas dúvidas que me atormentam e gostaria de partilhar convosco. Receio que possam parecer ridículas mas que se radicam num problema que me parece importante e que molda todas as teorias do valor: a relação entre o individual e o colectivo. O colectivo é mais do que a soma do individual, assim como o individual é simultaneamente menos e mais que uma parte do colectivo.

**P3:** Menos em significado sociológico e mais em significado psicológico?

**J2:** Em alguma medida. Se permitem daria um exemplo de como as partes e o todo não são de passagem aditiva/subtractiva como frequentemente se supõe, partindo de uma variável radicalmente distinta das que estamos a analisar e que serve de suporte a modelos completamente diferentes. Se consideramos que a mais-valia de uma sociedade é a soma das mais-valias empresariais ou sectoriais não estamos a entrar em conta com o processo automático da sua redistribuição através da fixação dos preços nos mercados nem com os diferentes espaços de homogeneização dos trabalhos concretos em trabalho abstracto. Será mais adequado considerar que a mais-valia “individual” é uma parte da mais-valia.<sup>43</sup> A não distinção entre estas duas passagens fez, talvez, com que alguns autores ao tentarem formalizar matematicamente o marxismo encontrassem alguns becos sem saída.<sup>44</sup>

**C:** Estamos a afastar-nos demasiado.

**J2:** Voltando ao início deste longo parêntesis, conforme a opção que fizemos na relação entre gostos colectivos e individuais assim a variável que consideramos como tendo uma influência directa sobre a procura.

**P1:** As variáveis que não analisamos ainda actuariam indirectamente, em grande medida através dos gostos individuais ou colectivos.

**J2:** Assim é:

Variáveis que **influenciam indirectamente** a procura:

- (E) Posição social de i
- (F) Usos e Costumes
- (G) Padrões culturais
- (H) Modos de vida
- (U) Programas de televisão
- (V) Marketing do bem x
- (W) Marketing dos outros produtos
- (X) Ambiente de aceitação/rejeição do marketing
- (Y) Última ida à discoteca
- (Z) Conversa dos amigos sobre x
- (AA) Esquizofrenia

⇒ (S/T)

- (AB) Desenvolvimento económico da sociedade i
- (AC) Desenvolvimento tecnológico da sociedade i
- (AI) Política económica
- (AM) Conjuntura económica

⇒ Todas as variáveis que influenciam directamente

- (L) Preço dos bens independentes de x

⇒ (A), (B), (C), (D)

- (AJ) Situação Política

**¶2:**

Nem sempre são claras as fronteiras entre a influência directa e a indirecta nem os caminhos assumidos pela acção de cada uma das variáveis. Elas são, frequentemente demasiado genéricas para permitir uma delimitação muito clara. É particularmente evidente com a variável AJ.

**¶2:**

Por isso nem nos atrevemos a relacionar essa variáveis com quaisquer outras.

**¶:**

Enfim, das 40 variáveis inicialmente indicadas pelos presentes, que provavelmente não esgotam o leque das possibilidades, seleccionámos 12 variáveis que influenciam directamente a procura [A+B+AG', C+D+AG, I, J, K, R, S/T, AD+AE, AF, AH, AK, AL]. Impor-se-ia agora hierarquizá-las, testá-las, quantificá-las.

**F2:** O que não vai ser feito aqui.

**C:** Mesmo não o fazendo deixo uma pergunta no ar: serão estas diversas variáveis explicativas da procura independentes entre si?

## QUINTAS OBSERVAÇÕES SOBRE A PROCURA

**C:** Temos agora quase todos os elementos necessários para elaborar um modelo da procura.

**M1:** Quase todos os elementos? Julguei que a discussão que temos tido e, sobretudo, a selecção de variáveis que fizemos fosse quanto bastasse!

**C:** São elementos indispensáveis para a elaboração do modelo mas é necessário dar mais alguns passos.

**M1:** Assim sendo é importante que os explicitemos para que haja um valor pedagógico acrescentado. A utilização inconsequente do método de exposição nos textos didácticos dificulta a descoberta e a obtenção de uma metodologia de investigação.

*Quando se faz um trabalho de investigação percorre-se um determinado caminho. Começa-se em certos conceitos que surgem como mais operacionais e termina noutros, eventualmente aqueles que eram objecto das questões problemáticas, que constituem o cerne das suas pesquisas.*

*A medida que investiga vai percebendo qual é o significado exacto de cada um dos conceitos, como se articula com os restantes, qual a sua importância relativa para a resposta que procura. Nos casos extremos, alguns dos conceitos com que lida são indispensáveis para a compreensão do problema enquanto*

*outros serão abandonados por totalmente irrelevantes.*

*Raramente a sequência com que se utilizaram os conceitos corresponde à de importância relativa daqueles.*

*Exemplifiquemos. Vamos admitir que o estudante fez um trabalho de investigação sobre as razões do agravamento das diferenças entre as economias desenvolvidas e subdesenvolvidas. Inicialmente*

*trabalhou com um conjunto de indicadores, tais como rendimento nacional per capita, taxa de mortalidade infantil, per milagem de utilização de certos bens. Seguidamente procurou estudar as relações entre esses "dois mundos" e recorreu a dados sobre balanças*

comerciais, balanças de capitais, dívida externa, pagamentos internacionais, preços das matérias-primas nos mercados por grosso, preços dos produtos industriais, sistemas de ajuda internacional, exportação de cérebros, etc. Quando tentou interligar estes diversos aspectos detectou a existência de mecanismos de troca desigual. Procurou compreender um pouco mais a natureza do subdesenvolvimento enquanto realidade própria, enquanto economia com uma forma específica de regulação, e não apenas enquanto algo diferente do mundo desenvolvido, tomado como referência. E por essa via chegou ao conceito de dualismo.

No fim da investigação chegou à conclusão de que alguns conceitos e dados utilizados eram apenas indicativos de uma situação ou relativamente secundários (ex. taxa de mortalidade infantil, sistemas de ajuda internacional) enquanto outros eram importantes (dívida externa, movimentos de capitais, etc.). Alguns conceitos permitiam interpretar outros (ex. o dualismo permite explicar a dependência -- expressa na troca desigual, na dívida externa, na exportação de cérebros, etc.) enquanto outros nada explicavam. Alguns eram conceitos fundamentais para a explicação, outros não.

Assim sendo a questão que se coloca é: qual deve ser a sequência do relatório? Deve seguir a sequência conceptual que percorreu quando estava a fazer a investigação ou deve apresentar os conceitos de acordo com a sua concatenação lógica, isto é, partir dos conceitos mais importantes (e gerais, frequentemente) e, utilizando o método dedutivo, chegar a todos os outros?

Dum ponto de vista conceptual parece inequívoca a conveniência de utilizar a **sequência de exposição**: do geral para o particular, do essencial para o secundário, do central para o deduzível. É a consagração do

método dedutivo na elaboração do relatório e o reconhecimento do primado da teoria.

Muitas obras seguem de uma forma bastante rigorosa este percurso. Os Princípios de Economia Política e de Tributação de Ricardo e O Capital de Marx são suas duas expressões acabadas.

Os textos que seguem esta sequência têm a vantagem do rigor mas apresentam-se, frequentemente, o que não quer dizer que o sejam, como obras dogmáticas. As relações entre conceitos apresentam-se como "algo pré-estabelecido" e não como o resultado de um trabalho de investigação, que efectivamente existiu. Se o relatório segue a sequência de exposição o leitor só será ganho para os pontos de vista do relator se aceitar os princípios gerais de partida, ora porque já chegou a eles através da reflexão própria, ora porque os assume fideisticamente -- o que não é lisonjeiro cientificamente.

Se o texto segue a **sequência de investigação** os conceitos surgem desarticulados, a relação lógica entre eles pode não ser explícita, mas o leitor é encaminhado paulatinamente para a conclusão a que o autor chegou.

Só vamos encontrar a sequência de exposição em alguns textos de estudo dos grandes economistas e não em obras apresentadas por aqueles para edição. Um exemplo típico é o Grundrisse de Marx. A sua leitura não é marcada pelo "dogmatismo" da anteriormente referida mas através da sua leitura a conceptualização fica vaga, por vezes desarticulada.

Alguns textos podem ter de seguir exclusivamente a sequência de investigação: é o caso de um relatório de investigação, uma exposição sobre o trabalho realizado. Mas o que acontece frequentemente é utilizar-se uma combinação das duas sequências. Se tal permitir conjugar as vantagens de ambas será uma solução interessante. Se apenas

*adicionar as desvantagens de ambas é melhor mudar de rumo. Nos trabalhos escolares ambos os métodos têm vantagens e desvantagens particulares. A sequência de exposição é mais difícil, revela uma aprendizagem mais profunda e acabada do problema,*

*exige uma investigação mais completa. A sequência de investigação explicita o trabalho realizado e é de mais fácil compreensão. Qual o preferencialmente aceite pelo professor é uma incógnita resolúvel caso a caso.<sup>45</sup>*

**¶2:**

Porque chamas de inconsequente?

**¶1:**

Essa inconsequência existe em diferentes graus conforme os livros e, portanto, é preciso ter algum cuidado ao aplicar o que sobre isso possa dizer a todo e qualquer texto. De uma forma genérica as falhas que se detectam são as seguintes. Em primeiro lugar podemos deduzir de muitos textos que não existe antes do processo de escrita uma selecção cuidadosa das variáveis que estão em jogo, uma sua hierarquização, um programa de articulação entre elas no texto que vai ser elaborado. Por isso mesmo o ponto de partida não é frequentemente o conceito fundamental mas aquele «de que mais se fala». Em segundo lugar a tentativa de sequência didáctica do texto, os exemplos que se apresentam, as «evidências» em que se pretende assentar a exposição fazem suspeitar de que o autor gostaria de utilizar a sequência de investigação. Contudo ou porque ele próprio não investigou o problema e limitou-se a assimilar o que outros já tinham feito, eventualmente usando as mesmas ambiguidades, ou porque simplesmente ignora a existência das diferentes formas de arrumação do texto, acaba por utilizar mais o método de exposição. Finalmente, voltando a um assunto que já referimos aqui bastantes vezes, a utilização da sequência de exposição obrigaria em explicitar as hipóteses de partida, o que raramente acontece.

**¶2:**

E nessa confusão o estudante fica a meio caminho entre a beleza da descoberta e o encantamento da lógica.

**¶1:**

Isso mesmo. Utilizam-se os dois métodos, o que em princípio é legítimo e talvez inevitável, mas para juntar o que as duas sequências têm de negativo.

**¶1:**

Não seria capaz de explicitar o problema como o fizeram mas frequentemente sinto a dificuldade a que aludiram. É-me fornecida uma lista de conceitos mas não são claras as relações entre elas. Por isso fixo definições ou

aceito espontaneamente aquilo que já conhecia do quotidiano mas tenho uma certa dificuldade em articulá-los, em dizer quem gera quem.

**F2:** Vamos para o modelo?

**C:** Sem dúvida. Se o nosso objectivo é construir um modelo da procura a primeira coisa de que nos devemos preocupar é saber de que procura. Como verificamos podem existir vários entendimentos do seu significado e cada um deles ter várias expressões conforme a época históricas a que nos referirmos. Recordo-vos que na análise que acabamos de fazer assumimos procura como realidade *ex ante* numa economia capitalista. Propositadamente excluímos certos objectos dessa procura e limitamo-nos aos bens económicos. Seria, por isso, errado pegarmos apenas nas variáveis que analisámos e pretendermos generalizar a todas as situações. Em primeiro lugar temos que explicitar de que procura pretendemos falar e localizar o modelo no espaço e no tempo.

**F3:** Esses cuidados também dependem do modelo que pretendemos elaborar.

**C:** Exactamente. Os cuidados a ter dependem também do modelo que se pretende construir. Um modelo quantitativo, qualitativo ou abarcando as duas vertentes? Um modelo assente na linearidade dos fenómenos ou mais genérico? Um modelo de explicação da realidade, de elaboração de previsões ou validado exclusivamente pela coerência lógica? Um modelo formalizado matematicamente?

**F1:** Se um modelo for para explicação da realidade será diferente de um modelo elaborado para fazer previsões? Não será na medida em que é capaz de explicar a dinâmica social que terá capacidade para fazer previsões?

**C:** Aí está uma questão extremamente interessante e que exigiria uma análise mais cuidada do que podemos fazer aqui. Entre os modelos explicativos e os provisionais pode existir total compatibilidade, servindo a natureza dos primeiros de suporte aos segundos. Mas também podem surgir conflitos. As variáveis utilizadas num modelo explicativo podem não servir para previsões, seja porque não englobam a variável tempo seja porque são de quantificação exclusivamente baseada no registo do passado. Considerem, por exemplo, um modelo muito simples do tipo  $Y_t = \Phi(X_t)$ . Se não for possível estimar  $X_{t+\alpha}$  ou,



se possível, existir no seu cálculo uma elevada probabilidade de erro, nunca conseguiremos calcular fidedignamente  $Y_{t+\alpha}$ . Logo não serve para fazer previsões. O mesmo aconteceria se o nosso modelo fosse dinâmico e assumisse em condições frequentes um comportamento caótico. Basta que o modelo envolva três variáveis para que tal possa acontecer, isto é, seja do tipo

$$\begin{aligned}\frac{dX}{dt} &= \phi_x(Y, Z) \\ \frac{dY}{dt} &= \phi_y(X, Z) \\ \frac{dZ}{dt} &= \phi_z(X, Y)\end{aligned}$$

Por outro lado podemos ter um modelo óptimo para previsões e no entanto não servir para a explicar a realidade, seja porque assenta numa certa inércia das variáveis, isto é, seja do tipo  $Y_t = \Theta(Y_{t-\alpha})$ , seja ainda porque explora relações de simultaneidade verificadas no passado para as quais não se encontra uma relação lógica consistente ou suficiente para fundamentar uma relação explicativa. É o caso de se relacionar a conjuntura económica com as mortes por doenças cardiovasculares ou a variação dos preços por grosso com a natalidade<sup>46</sup>. Em muitas destas situações relacionam-se duas variáveis que são explicadas por uma terceira que nunca aparece e que poderia ser a variável interessante num modelo explicativo.

**F2:** Qual tem sido o tipo de modelo que temos tomado como referência?

**C:** Creio que o explicativo, embora até este momento nunca nos tivéssemos defrontado explicitamente com o problema.

**M1:** Resumindo, primeiro temos de explicitar com rigor a variável explicada e colocá-la no espaço e no tempo. Em segundo lugar temos de decidir que tipo de modelo pretendemos elaborar.

**C:** Para de seguida colocarmos «sobre a mesa» todas as variáveis explicativas. Estamos então em melhores condições, repetindo um exercício que de algum modo já fizemos, para seleccionar as variáveis que devemos reter — é bom não esquecermos que um modelo é sempre uma simplificação da realidade! —, organizá-las e hierarquizá-las.

**M1:** Se tivermos uma preocupação em quantificar o modelo, o que será sempre vantajoso se tal não acarretar a perda de significado noutras vertentes,

devemos ter o cuidado de analisar quais as unidades de medida de cada uma das variáveis, quais os seus possíveis indicadores, qual o domínio de cada uma delas, e correspondente contradomínio, qual o sentido do impacto de cada uma das variáveis explicativas sobre a variável explicada, quais as expressões analíticas aceitáveis da função.

---

Em síntese:

É possível estabelecer uma relação do tipo

$$q_D = \Psi(x_1, x_2, \dots, x_n).$$

É preciso indicar qual o sinal das variações da variável explicada quando se verifica uma variação da variável explicativa.

É necessário admitir qual é o domínio aceitável para cada uma das variáveis.

Impõe-se ter uma ideia de quais as expressões analíticas que melhor se adaptam à situação ou que, pelo menos, são aceitáveis

---

**Q:** Finalmente devemos explicitar as hipóteses simplificadoras. Por exemplo, no caso da procura é frequente admitir duas:

- 
1. A função é contínua.
  2. Os procurantes usufruem de uma racionalidade plena, têm condições sociais para a aplicar e existe total compatibilidade entre essas racionalidades e práticas individuais e a racionalidade global.

---

**M1:** O que não quer dizer que as aceitemos! Creio que as discussões havidas revelam que muitos de nós têm sérias reservas à sua validade.

**Q:** Sem dúvida. Apenas estava a exemplificar na base do que é habitual fazer-se. Também não me parece que seja necessário retomarmos aqui o tema. Mais do que elaborar um modelo estamos a indicar o percurso para atingir tal desiderato.

**M1:** A segunda hipótese é decomponível, creio.

**Q:** Sim. A racionalidade plena que normalmente é admitida admite uma plena informação e uma capacidade humana para a tratar em tempo útil, admite que “um consumidor individual, quando se defronta com uma escolha entre certas quantidades de bens, pode decidir qual prefere e qual lhe é indiferente”,<sup>47</sup> que “o consumidor é coerente na escolha entre combinações de bens”, isto é, que há transitividade nas funções de utilidade e que “o mais é preferido ao menos” numa lógica de optimização. O procurante tem uma racionalidade plena e está em condições de aplicá-la. Não tem constrangimento sociais, para além da concorrência com outros indivíduos que se encontram na mesma situação, que impossibilitem atingir esses objectivos. Finalmente, pressupondo um conjunto de características do mercado admite-se que a maximização da utilidade social é obtida através da maximização possível das utilidades individuais.

**Q2:** Concretamente de que tipo seria o modelo explicativo da procura na base das variáveis que tivemos o cuidado de analisar anteriormente?

**Q:** Juntando tudo o que afirmamos anteriormente, considerando como variáveis explicativas as que influenciam directamente a procura, sobre as quais já traçamos as considerações suficientes, e admitindo que optaríamos por um modelo linear estático que visa explicar a procura enquanto realidade *ex ante*, teríamos  $q_D = f(A, B, C, D, I, J, K, AD, AE, AK, AL, S, T, AF, AG, AH)$ , admitindo que estas eram as variáveis a englobar depois da selecção e hierarquização. Seguidamente teríamos que explicitar qual a forma da expressão. Se optarmos pela independência do impacto de cada uma das variáveis, o que não seria totalmente plausível, e pela ideia de que a lista das variáveis explicativas é completa teríamos

$$q_D = a_1A + a_2B + a_3C + a_4D + a_5I + a_6J + a_7K + a_8AD + a_9AE + a_{10}AK + a_{11}AL + a_{12}S + a_{13}T + a_{14}AF + a_{15}AG + a_{16}AH$$

**Q1:** Não será desestimulante que depois de tão longas discussões cheguemos a um modelo tão pobre?

**Q:** Não esqueçamos que a nossa discussão centra-se no que deve ser apresentado aos estudantes que começam a dar os primeiros passos na aprendizagem da Economia. As nossas preocupações pedagógicas nunca podem ser esquecidas.

**A1:**

Além disso o que estamos a fazer é apenas a exemplificar. Não se pretenda a partir daí tirar conclusões científicas definitivas.

**C:**

Agora deveríamos analisar qual o sinal esperado de  $a_i$ , o que exigiria previamente escolher a sua unidade de medida e indicador. Por exemplo, se  $S$ , os gostos individuais, fossem quantificados pela satisfação que cada indivíduo espera do usufruto do bem económico e encontrássemos um indicador adequado, seria de admitir que  $a_{12} > 0$ .

**A1:**

Em alguns casos teríamos serias dificuldades em determinar o sinal ou de o fazer para todas as situações. É o que aconteceria com o rendimento. É um caso sobejamente conhecido para merecer mais que esta referência.

**C:**

Sem dúvida. Também para isso é que servem os testes estatísticos, a passagem entre os conceitos *ex ante* e *ex post* de procura.

**A2:**

Deixem-me colocar uma questão. A função procura agora apresentada é diferente da que estamos habituados a ver. Quando se fala em função procura normalmente considera-se apenas a relação entre a quantidade procurada e os preços desse bem, neste caso a variável  $I$ . Porque razão se selecciona apenas aquela variável?

**C:**

De facto a função procura que é mais correntemente apresentada é uma simplificação desta, obtida pela primazia dada à variável preços e pela introdução da clausula *ceteris paribus*. A questão que coloca é saber porque razão se escolhe uma variável, o preço do bem, e não outra. Não é fácil dar uma resposta directa a essa questão e talvez fosse interessante uma investigação mais profunda sobre o problema. A produção e a distribuição (dos bens e dos rendimentos) foi o problema que esteve na base do aparecimento da Economia como ciência, como área própria do saber. Foi a temática de **Quesnay**, de **Adam Smith**, de **Ricardo** e de **Marx**, estes dois últimos já mais centrados sobre a distribuição do rendimento. Com a concentração da atenção na circulação, no funcionamento dos mercados, e na procura passou-se a estudar uma economia que não tem produção mas tem oferta, em que a distribuição do rendimento é secundarizada. Bastavam estes factos para muitas das variáveis explicativas da procura serem subestimadas. O preço, mais exactamente o preço relativo, é a variável estratégica na afectação dos recursos, nas opções de compra, na maximização individual e social.

**J2:**

E porque o preço é essa variável central para explicar os automatismos de mercado, formulação simples que encobre, como vimos, uma realidade bastante complexa, a atenção concentrou-se na oferta e na procura, no funcionamento dos mercados, nos preços relativos.

**Q:**

A oferta e a procura explicam o preço (de equilíbrio) porque os preços explicam a procura e a oferta.

**J2:**

Exactamente. A oferta depende de diversas variáveis. A procura depende de diversas variáveis. A oferta e a da procura são realidades distintas mas que se quantificam na mesma unidade: quantidade do bem. De entre todas as variáveis explicativas da oferta e procura, na lógica que temos vindo a salientar, os preços relativos são a única variável comum. Logo sobre ela se centram as atenções porque é ela a chave para juntar o que aparece diferente.

**F1:**

Parece diferente?

**J2:**

Que parece independente. Já vimos que a procura pode ser considerada explicada pela oferta havendo diversas vias lógicas de estabelecer a ligação entre uma e outra. Provavelmente também é possível encontrar uma relação de dependência da oferta em relação à procura. Também vimos que segundo alguns autores a oferta não é mais de que uma procura negativa. Se se explorasse estas ligações entre a oferta e a procura poder-se-ia chegar a outros modelos que não atribuíssem a exclusividade explicativa ao preço, mas na medida em que se parte da hipótese de que oferta e procura são variáveis independentes, a forma de as relacionar é através da unidade de medida e das variáveis explicativas comuns.

**Q:**

Mas privilegiar o preço como única variável explicativa da procura também tem a ver com a racionalidade subjacente ao modelo, com a lógica de maximização.

**J2:**

Retomando uma questão que já abordamos. É ao fazer essa simplificação da função procura que passa a fazer sentido a distinção entre *variação da quantidade procurada* e *variação da procura*. A primeira explicita a relação entre as variações de preços e a variação da quantidade de bens que é

procurada e a segunda reflecte a relação entre as variações das restantes variáveis e a variação da quantidade de bens que é procurada.

**C:** Exactamente.

**H3:**

A pergunta que foi colocada levanta de seguida uma outra questão. Podemos ter tantas funções procura particulares quantas as variáveis utilizadas no modelo completo.

**C:**

Quase. E assim teríamos a função da procura cruzada se considerássemos os preços dos outros bens (sucedâneos ou complementares) ou a função consumo se privilegiássemos o rendimento, ou a riqueza ou outra variável similar. Reparem que a função procura genérica tanto pode dar a função preço utilizada preferencialmente pela microeconomia como a função consumo usada predominantemente pela macroeconomia. Diferentes métodos de abordagem da realidade humana, social, têm a mesma raiz. Diferentes métodos a que se associam também diferentes concepções de procura. No primeiro caso estamos na procura *ex ante* e no segundo na *ex post*.

**J2:**

Recordando **Bachelard**, talvez esteja na modificação das hipóteses de articulação entre o *ex ante* e o *ex post* a possibilidade de unificação, passe o termo, metodológica entre a macro e a microeconomia.

**C:**

Ou na assunção de que a teoria neoclássica é essencialmente normativa sob a capa da positividade, de que ela não pretende explicar a realidade mas mostrar como esta deveria ser para que tudo funcionasse bem.

**J1:**

O problema é que essa normatividade é construtora de ideologia e de racionalidade. A normatividade transforma a realidade e pode fazer, para certo período histórico e subgrupos de agentes, a realidade aproximar-se desse modelo.

**F1:**

Céus, parece-me que estamos a dobrar o Cabo Bojador. Que outro mundo vamos descobrir?

**C:**

Nenhum, para já. Vamos mudar de rota.



~ NOTAS ~

- <sup>1</sup> Paul SAMUELSON, *Economia*, 5ª. Edição, Lisboa, McGraw-Hill
- <sup>2</sup> Don PATINKIN, *Dinero, Interes y Precios*, 1959, Madrid, Aguilar, pág. 6
- <sup>3</sup> Idem, pág. 293/4
- <sup>4</sup> Idem, pág. 7
- <sup>5</sup> Veja-se, por exemplo, Herbert SIMON, *A Razão nas Coisas Humanas*, 1989, Lisboa, Gradiva
- <sup>6</sup> René THOM, em Jean HAMBURGER e Outros, *A Filosofia das Ciências Hoje*, 1988, Lisboa, Fragmentos, pág. 14
- <sup>7</sup> Idem, pág. 19
- <sup>8</sup> MENGER, *ob. cit.*, pág. 114
- <sup>9</sup> Idem, pág. 50
- <sup>10</sup> Idem, pág. 55/6
- <sup>11</sup> JEVONS, *ob. cit.*, pág. 74/5
- <sup>12</sup> PARETO, *ob. cit.*, pág. 119/20
- <sup>13</sup> Alain COTTA, *ob. cit.*, pág. 337
- <sup>14</sup> Alain GÉLÉDAN & Janine BRÉMOND, *ob. cit.*, pág. 224
- <sup>15</sup> Adam SMITH, *ob. cit.*, pág. 164/5
- <sup>16</sup> David RICARDO, *Princípios de Economia Política e de Tributação*, 3ª. Ed., s.d., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pág. 31/2
- <sup>17</sup> Idem, pág. 443
- <sup>18</sup> Karl MARX, *Le Capital, Critique de l'Économie Politique. Livre III, Vol. I*, 1957, Paris, Ed. Sociales, pág. 197
- <sup>19</sup> Idem, pág. 206
- <sup>20</sup> MARSHALL, *ob. cit.*, (I), pág. 92
- <sup>21</sup> Idem, pág. 94
- <sup>22</sup> MARSHALL, *ob. cit.*, (II), pág. 8
- <sup>23</sup> Idem, pág. 15
- <sup>24</sup> Idem, pág. 20



<sup>25</sup> John Maynard KEYNES, *Teoria Geral do Emprego, do Juro e do Dinheiro*, 1964, São Paulo, Fundo de Cultura, pág. 37

<sup>26</sup> PARETO, ob. cit., pág. 23

<sup>27</sup> Idem

<sup>28</sup> Agostinho da SILVA, *Sete Cartas a um Jovem Filósofo. Outros Documentos para o Estudo de José Kertchy Navarro*. 1993, Lisboa, Ulmeiro, pág. 41

<sup>29</sup> Kelvin LENCASTER, *Consumer Demand*, 1971, Nova Iorque, Columbia University Press, pág. 7

<sup>30</sup> Também sobre o mercado português existem trabalhos explorando esta lógica, frequentemente designada de preços hedónicos. Temos conhecimento de trabalhos sobre a habitação e os automóveis.

<sup>31</sup> Gérard ROLAND, *La Valeur d'Usage chez Karl Marx*, 1985, Bruxelas, Universidade de Bruxelas.

<sup>32</sup> Idem, pág. 39

<sup>33</sup> O destacado é nosso

<sup>34</sup> SAMUELSON, ob. cit. pág. 445

<sup>35</sup> Carlos PIMENTA e Teresa SATURNINO, *Pensar a Economia - 10º Ano*, 1993, Porto, Porto Editora, <P6.068>, pág. 232

<sup>36</sup> Equações de Lorenz:

$$dx/dt = -\sigma x + \sigma y$$

$$dy/dt = R x - y - x z$$

$$dz/dt = -b z + x y$$

com  $R$  = o número de Rayleigh e  $\sigma$  and  $b$  are parameters.

<sup>37</sup> O mapa de Chirikov (ou mapa *standard*) é gerado começando com vários valores iniciais de  $p(0)$  and  $q(0)$  e fazendo iterações do seguinte modo:

$$p(n+1) = p(n) - K \sin q(n)$$

$$q(n+1) = q(n) + p(n+1)$$

Esta é a formulação discreta da equação do movimento dum pendulo no limite de  $K$  aproximações a zero. Então  $p$  representa o momento angular e  $q$  o ângulo.

<sup>38</sup> A nossa racionalidade económica proíbe a introdução do «acaso». No entanto quando lemos um livro como Ralph D. STACEY, *A Fronteira do Caos*, 1995, Lisboa, Bertrand, pp. 547, ficamos com muito poucas dúvidas sobre a importância do «acaso», do inesperado, do não-planificado, no mundo da gestão, no mundo dos negócios, logo no funcionamento dos mercados.

<sup>39</sup> Carlos Pestana BARROS, *Preço e Procura de Ópera em Portugal*,. Documentos de Trabalho do CISEP, nº 3, 1994, pp. 11

<sup>40</sup> A. Sedas NUNES, *Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais*, 8ª. Ed., 1984, Ed. Presença, pág. 73: «os grupos socialmente dominantes constroem o seu mundo (...) de uma forma muito mais estrita que os grupos menos dominantes ou que os grupos dominados».

<sup>41</sup> Pol DUPONT & Marcelo OSSANDON, *La Pédagogie Universitaire*, Paris, PUF, Coleção «Que Sais-je?», pág. 83

<sup>42</sup> Roger Leroy MILLER, *Microeconomia, Teoria, Questões e Aplicações*, 1981, Rio de Janeiro, McGraw-Hill, pág. 14

<sup>43</sup> Embora nunca tenhamos abordado especificamente este problema fazemos-lhe algumas referências em Carlos PIMENTA, “Economia Política e Racionalidades”, *Estudos Econômicos*, 1990, vol. 20, número especial

<sup>44</sup> Estamos a pensar, sobretudo, nos trabalhos de MORISHIMA.

<sup>45</sup> Carlos PIMENTA & Maria Teresa SATURNINO, *ob. cit.*, pág. 85/7

<sup>46</sup> André MARCHAL, em “Sociologia das Flutuações Económicas”, Capítulo de *Tratado de Sociologia* de George GURVITCH, cita “A natalidade segue igualmente, num movimento paralelo, as flutuações da conjuntura económica. A correlação é muitas vezes menos acentuada que para a nupcialidade. Para M. B. Hexter, os máximos de natalidade teriam tendência para proceder os máximos dos preços por grosso. Dorothy Thomas, pelo seu lado, calcula que na Grã-Bretanha, entre 1855 e 1910, o índice de natalidade apresenta um atraso de 1 a 2 anos em relação ao índice económico (prazo entre a decisão de procriar e o nascimento). Em relação aos nascimentos ilegítimos é um antiparalelismo que se observa (movimento inverso ao dos casamentos)”, 1964, Lisboa, Iniciativas Editoriais, pág. 579. E os exemplos continuam

<sup>47</sup> Adoptamos uma terminologia que se encontra em quase todos os manuais introdutórios à microeconomia

**PARTE IV**  
**UM NOVO CONJUNTO DE INTERROGAÇÕES**

**C:** Esta discussão já vai bastante longa. Em algum momento temos de terminar o nosso debate tendo a certeza de que muitas coisas ficaram por dizer, por analisar. Um cientista tem sempre o conhecimento dramático do que não sabe. Um pouco como o poeta que encontra nas coisas quotidianas da vida novas leituras, novos mistérios, novos sinais. É a nossa angústia do desconhecido.

**A1:** Desculpando-lhe essa aproximação entre a ciência e a poesia que melhor encararia como uma provocação capaz de suscitar que nos continuemos a encontrar e a discutir estas e outras questões!

**A2:** De preferência ao ar livre saboreando o sol e uma cerveja bem fresquinha, para nos sentirmos mais humanos.

**A1:** Dizia eu, basta recordarmos que não fizemos aqui nenhuma referência minimamente seguida à oferta e, conseqüentemente, ao «jogo» desta com a procura para termos consciência de que muitíssimo ficou por dizer.

**C:** Sem dúvida. Talvez para melhor compreendermos o muito que fica por analisar nada melhor do que pegar num dos autores que mais nos ensinou sobre estas questões do equilíbrio parcial. Leiam com a atenção a 1ª edição da obra de **Marshall** e meditem sobre algumas das suas preocupações:

---

“Se este livro tem alguma peculiaridade é, talvez, a de dar preeminência a estas e outras aplicações do princípio da continuidade”<sup>1:2</sup>

(...)

1) “Qualidade ética dos motivos pelos quais um homem pode ser influenciado”

2) “Sagacidade, à energia e à disposição” com que procura os seus fins

3) Condutas normais e anormais do mercado

4) Entre o curto e o longo prazo: “a Natureza não conhece uma divisão absoluta entre períodos longos de tempo e períodos curtos, mas passamos

de uns a outros por gradações imperceptíveis, e o que é um período curto para um problema é um longo para outro”<sup>3</sup>

5) Entre a teoria do valor trabalho e das coisas

6) Entre os diversos bens (capital e não capital; trabalho produtivo e improdutivo): “Quanto mais simples e absoluta for uma doutrina económica, maior será a confusão que ela provoca quando tentado a sua aplicação à prática se as linhas divisórias a que ela se refere não puderem ser encontradas na vida real”<sup>4</sup>

7) Interação entre os diversos factores: “Cournot. Ele ensinou que é necessário encontrar a dificuldade de considerar os vários elementos de um problema económico — não como determinantes uns dos outros numa cadeia de causas, A determinando B, B determinando C, e assim por diante — mas todos se determinando uns aos outros. A acção da Natureza é complexa; e nada se ganhará, afinal, pretendendo que ela seja simples e tentando descrevê-la numa série de proposições elementares”<sup>5</sup>

A estes elementos da teoria da continuidade expressamente salientada pelo autor poderíamos acrescentar a quantidade absoluta e a marginal; o estático e o dinâmico; o *ex ante* e o *ex post*.

---

**M:**

Este apelo à continuidade ou, utilizando outras palavras, a preocupação da construção de uma teoria económica capaz de exprimir a complexidade dos comportamentos humanos, a diversidade das situações e as suas sistemáticas mudanças, acabou por ser obra que ficou por realizar. De alguma forma o prefácio à oitava edição é já uma negação destas preocupações.

**C:**

Exactamente. A lógica de maximização, a racionalidade olímpica, os arquétipos do *homem económico* e a hegemonia da teoria do valor-utilidade levaram a Economia Política para outros caminhos. É imperioso que hoje redescobramos essa continuidade susceptível de humanizar esta ciência a que nos dedicamos. Que sejamos capazes de ler, interpretar e organizar coerentemente os comportamentos individuais e colectivos mais diversos, que sejamos capazes de compreender a complexidade da realidade com que lidamos.

**M1:**

O que exige a adoção de modelos complexos, os quais pode ter, contrariamente ao que **Marshall** revela nas linhas apresentadas, uma formulação simples.

**C:**

Trabalhar com a complexidade é cada vez menos difícil desde que saibamos utilizar os fractais, o caos, a ciência não-linear, os sistemas dinâmicos, a auto-organização, a inteligência artificial e as redes neuronais<sup>6</sup>. Mais difícil do que obter esses conhecimentos e utilizá-los é formular novas perguntas, é procurar novas respostas, é libertarmo-nos dos paradigmas que nos dominam. Quando partimos para a teoria do caos temos de assumir que a não-linearidade é uma realidade incontestável e que os nossos modelos lineares são casos particulares de uma teoria mais geral, da tal teoria da continuidade, onde o determinado e o aleatório se fundam no determinismo caótico. Temos de compreender que trabalhar com espaços n-dimensionais não é uma generalização dos espaços unidimensional ou bidimensional. Temos de perceber que a realidade é movimento, interação, luta dos contrários, como há muito a dialéctica nos alertava, e que os nossos raciocínios têm de estar conformes com essa situação.

**M1:**

Utilizando modelos complexos para interpretar uma realidade complexa provavelmente não faz sentido, a não ser em casos muito particulares, falar na existência de um único atrator por mercado, a que nos habituamos a chamar de preço de equilíbrio.

**C:**

Na maior parte dos casos é de admitir que encontremos em seu lugar atractores estranhos, isto é, atractores topologicamente distintos de uma órbita periódica ou ciclo limitado. Equilíbrio (e desequilíbrio), *ceteris paribus*, ausência de tempo, fronteiras entre o normativo e o positivo, coexistência diferenciada entre micro e macroeconomia são alguns dos muitos conceitos que exigem um repensar cuidadoso.

**J1:**

Já verificámos quanto a procura exige entramos no campo da complexidade. A procura exige a consideração de um espaço multidimensional e como já foi mostrado por diversos autores, grau três é caos.

**F1:**

Não é preciso ser muito esperto para perceber que se avizinha uma longa rodada de discussões. Antes de entrarmos por ela não seria conveniente fazermos um balanço do que fizemos? Posso desde já adiantar que me foi

particularmente estimulante estar presente nesta reflexão, mas também bastante cansativo.

**C:** Tem razão. Provavelmente acabaremos por agendar novos debates, mas para já retiremos as lições desta nossa experiência. Quem começa a falar?

~ NOTAS ~

<sup>1</sup> Página 4 da obra citada

<sup>2</sup>

<sup>3</sup> Idem, pág. 5

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Idem, pág. 6

<sup>6</sup> Veja-se pela sua simplicidade Ermel STEPP, “Fractal FAQ”, Internet, newsgroup sci.fractals

## **Esquema das Aulas**



**Observações prévias**

## ESQUEMA DAS AULAS

De seguida apresenta-se o conjunto de slides correspondentes aos assuntos abordados no texto anterior, algumas reflexões sobre o mercado, com particular incidência na procura.

Não há uma correspondência total entre o texto anterior e os slides porque as preocupações que nortearam a elaboração de um e outro material foram diferentes. Estes procuram reflectir a sequência de abordagem do assunto na sala de aula associados a uma metodologia de condução desta.

Privilegiamos fortemente o diálogo com os alunos. Seja porque gera uma aproximação pedagógica, seja porque permite detectar os que os alunos sabem e não sabem e informarmo-nos sobre a melhor forma de abordar os problemas, seja ainda porque é um teste à forma como as nossas mensagens foram recebidas. Daí a referência frequente à necessidade de um diálogo com os estudantes. Daí também a impossibilidade da aula constante destas provas corresponder verdadeiramente a uma aula. Esta não existe sem a presença, participação e intervenção dos alunos. Nem a tradicional «aula magistral», sobre a qual tanto se escreveu e tanto se discutiu, seria capaz de suportar essa ausência de destinatário.

Feitos estes alertas sobre a correspondência entre as partes deste relatório e as limitações da aula que será dada, procuramos o máximo rigor e realismo através de uma tentativa de quantificação do tempo correspondente a cada um dos slides. Falamos em tentativa de quantificação porque se a planificação da aula é uma vertente indispensável da actividade docente também o é a capacidade de adaptação e inovação durante a sua concretização, a gestão dos tempos de transmissão, assimilação, debate e intervalo que os estudantes presentes «impõem». Os tempos estão expressos em minutos, arredondados para a unidade mais próxima:

Slide	Tempo
1	0
2	2
3	1
4	1
5	7
6	7
7	5

8	2
9	2
10	2
11	2
12	2
13	2
14	2
15	4

16	2
17	2
18	2
19	2
20	3
21	20
22	5
23	10

ESQUEMA DAS AULAS
-------------------

24	5
25	15
26	5
27	7
28	5
29	7
30	5
31	4
32	6
33	3
34	10
35	10
36	5
37	6
38	3
39	5
40	4
41	3
42	4
43	1
44	2
45	2
46	6
47	12
48	10

49	8
50	8
51	6
52	30
53	10
54	2
55	3
56	2
57	5
58	10
59	7
60	7
61	15
62	2
63	10
64	10
65	2
66	20
67	4
68	4
69	4
70	4
71	2
72	30
73	10

74	20
75	15
76	10
77	6
78	8
79	10
80	4
81	6
82	3
83	2
84	4
85	12
86	3
87	8
88	10
89	5
90	1
TOTAL	574

Decompondo por grandes grupos de «matéria» a que os slides dizem respeito temos:

Matéria	Tempo
Funcionamento das aulas	41

Considerações gerais	158
Procura	375
TOTAL	574

Duas observações finais.

1) Os slides são apresentados em dois formatos: esboço de texto e imagem. Neste último utilizamos como cores de impressão o preto e o branco, o que não deixa de desvirtuar um pouco a apresentação pela qual eles são vistos pelos estudantes. Para demonstrá-lo reproduzimos no fim um mesmo slide a preto e branco e a cores.

Se os slides fossem para constituir um «livro» certamente que teríamos de optar por outra forma de apresentação, por *notes pages view* na terminologia do programa utilizado, o PowerPoint. Apresenta-se um caso para exemplificar.

2) Construimos os slides da forma mais simples possível tendo algum cuidado com a apresentação mas não os sofisticando. Talvez tal corresponda a uma «aula sóbria». No entanto admitimos que talvez fosse conveniente introdução de algumas pequenas sofisticacões: aparecimento de cada uma das partes de um texto de um slides com um determinado faseamento temporal; colocação de música em alguns, como são os de apresentação das questões problemáticas; a criação de alguns slides adicionais com filmes reportando determinadas situações.

**Slides em tópicos de texto**

- 1  IDENTIFICAÇÃO  
Carlos José Gomes Pimenta  
Professor Associado da Faculdade de Economia do Porto  
Universidade do Porto

Versão: 1.0.  
Maio de 1995

Complemento de:  
Mercado: Considerações Científicas e Pedagógicas

- 2  TEMA (1)  
↳ O MERCADO
- numa perspectiva microeconómica.
  - no âmbito da Ciência Económica.
  - atendendo que é uma abordagem para alunos que estão numa fase inicial de aprendizagem.
  - rompendo pistas para uma análise aprofundada do problema.
  - numa óptica interdisciplinar.

- 3  TEMA (2)  
↳ Concentrando a nossa atenção numa das suas componentes:  
A PROCURA

- com o mesmo tipo de metodologia
- com as mesmas preocupações
- pretendendo-se aprofundar mais detalhadamente algumas vertentes.

- 4  CONCEITOS PRÉVIOS  
No estudo subsequente é importante que os alunos tenham presente os conceitos que já foram anteriormente estudados, a saber:

RACIONALIDADE  
CUSTO DE OPORTUNIDADE  
PREÇO

- 5  Diálogo com os estudantes.  
Recapitulação do conceito de  
RACIONALIDADE

- 6  Diálogo com os estudantes.  
Recapitulação do conceito de  
CUSTO DE OPORTUNIDADE

- 7  Diálogo com os estudantes.  
Recapitulação do conceito de  
PREÇO

- 8  METODOLOGIA (1)

↳ Formulação da questão problemática

Toda a investigação económica, todo o estudo de novos problemas e de reformulação dos existentes é a resposta a um desconhecimento, a um mal estar intelectual, a uma solicitação social ou político, aos desafios do desconhecido. A investigação é a tentativa de encontrar a resposta a uma pergunta. Em muitos casos o investigador formula explicitamente a(s) pergunta(s) a que pretende responder mas em muitos outros parte para o trabalho sem o fazer. Pedagogicamente é indispensável que antes de se começar a estudar uma matéria se enuncie as perguntas a que se pretende responder.

## 9 METODOLOGIA (2)

↳ Inventariação de «possíveis» respostas

Numa primeira fase a resposta às questões problemáticas formuladas deve contar com a participação de todos, professores e alunos, num esforço de racionalidade e libertação da imaginação, de apresentação de todas as tendências espontâneas de encadeamento conceptual.

Só após esse esforço conjunto é que poderemos detectar com rigor por onde passa o «corte epistemológico», quais são as «evidências» do conhecimento corrente a negar, quais os «erros» a superar.

## 10 METODOLOGIA (3)

↳ Organização e simplificação das hipóteses de resposta

- Seleccionando a informação
- Introduzindo hipóteses simplificadoras
- Construindo o modelo
  - escolha das variáveis
  - classificação
  - explicitação das relações
  - construindo as hipóteses simplificadoras

É o início do «corte», da «racionalidade», da «crítica», da sistematização, da superação do «erro»

## 11 METODOLOGIA (4)

↳ Formalização matemática e/ou representação gráfica

Sempre que possível deve-se procurar formalizar matematicamente o enunciado da resposta à questão problemática. A utilização desta linguagem pode ser bastante simples, pode não passar da utilização de um conjunto de símbolos e algumas operações aritméticas, mas sempre ajudará a precisar variáveis, relações e dinâmicas.

A utilização da linguagem matemática não acrescenta cientificidade ao modelo e não pode fazer esquecer as vertentes qualitativas não representadas.

## 12 METODOLOGIA (5)

↳ Confronto com a Realidade

- Análise da possibilidade
- Escolha dos indicadores
- Recolha da informação e seu tratamento

Um modelo pode ser elaborado com diversos objectivos e a cada um deles pode corresponder diferentes formas de verificabilidade ou falsabilidade. Vamos admitir que os modelos a elaborar são para explicar a realidade.

## 13 METODOLOGIA (6)

↳ Reformulação / Consolidação do modelo

A precisão das variáveis, a elaboração do modelo, a sua formalização matemática, a construção dos indicadores e o confronto com a realidade permitirá detectar incongruências, conceitos imprecisos, variáveis mal escolhidas, conflitos entre variáveis, problemas de quantificação, etc. Perante estas dificuldades temos que reformular o modelo e, depois de fazê-lo, elaborá-lo de uma forma mais consequente, sintética e elegante.

## 14 METODOLOGIA (7)

↳ Trabalhos práticos

- Precisão dos conceitos
- Interpretação dos textos
- Redacção

– Utilização de dados

O modelo está elaborado. É necessário compreendê-lo integralmente, aproveitá-lo ao máximo.

15  ADVERTÊNCIA

- ☒ Existem diversas leituras alternativas da mesma realidade económica e social.
- ☒ Todas as leituras são aceites e dignas da nossa atenção. É com entusiasmo que acolhemos contributos diferentes provenientes dos alunos.
- ☒ É contudo indispensável
  - As posições assumidas sejam coerentes
  - Haja um conhecimento cuidado das outras posições
  - Uma atitude de tolerância e respeito mútuo para com as outras posições.

16  SITUAÇÕES (1)

- Um membro da família desceu à rua para comprar pão para o pequeno almoço
- O Francisco tem uma tenda de cachorros junto ao estádio de futebol, mas o Manuel vende no numbanengue
- O Ricardo, estivador de profissão, foi até ao porto de mar tentar ser contratado
- O Narciso, pescando na sua piroga, apanhou um peixe que colocou no aquário de vime a pensar no barco que subirá o rio dá a doze dias
- O Abecassis, situado em Lisboa, viu no seu computador as previsões de taxas de câmbio e deu uma ordem de venda das suas acções da Companhia XY Lda.
- O Carlos sentia-se adoentado e foi ao médico.
- O Roberto dirigiu-se para o seu consultório de advogados onde tem uma reunião com o seu constituinte.
- O Edgar viu o anúncio dos últimos barcos de recreio e pediu para França um catálogo.
- O gerente de uma empresa têxtil foi a uma feira na Alemanha para escolher o modelo dos novos teares a adquirir.

17  SITUAÇÕES (2)

- A empresa farmacêutica Saúde SARL tem 50 delegados de propaganda médica.
- A empresa alimentar SumosVida adquiriu a produção futura de laranjas a um consórcio de agricultores na Grécia.
- Filipe encomendou a uma multinacional americana um programa de computador para ajudá-lo a estudar Matemática.
- A família Silva, de férias no estrangeiro, foi ao banco trocar moeda.
- Esse mesmo banco aproveitou para aconselhar-lhe um seguro de vida em viagem.
- Os contentores foram transportados pela empresa panamiana Navegação SARL com um seguro de uma companhia inglesa.
- A catarina, doceira como sua mãe, retirou do forno as trouxas de ovos encomendadas pela tia Narcisca
- O Alberto consultou pelo telefone os resultados do último Totoloto.
- A empresa açucareira despediu 200 trabalhadores, mas a de calçado contratou dois novos especialistas em moda

18  SITUAÇÕES (3)

- Os pescadores, receando a baixa do preço da sardinha, deitaram ao mar cinco toneladas de pescado.
- As importações mais baratas provenientes do país vizinho fizeram com que cento e vinte toneladas de laranjas apodrescessem e fossem enterradas.
- António, toxicodependente, foi ao cadongueiro da rua Escura comprar a dose para uma pedrada.
- Muitos dos agricultores de alguns países continuam a preferir plantar canabiss do que outras plantas menos perigosas para a saúde pública.
- No quiosque da esquina o dólar do mercado paralelo é mais favorável que no oficial.
- A cortiça não encontrou compradores porque era de má qualidade.
- Os tonéis continuam cheios de vinho
- Em todo o mundo milhões de crianças não têm alimentação suficiente.
- Foi queimada uma grande percentagem do trigo nos EUA.
- O empréstimo conseguido para a remodelação do equipamento da empresa foi negociado com uma taxa de juro de 12%

19  SITUAÇÕES (4)

- Pode haver uma ruptura no abastecimento da matéria-prima porque a produção do último ano foi muito baixa.
- Quem procura comodidade opta pelos carros franceses mas os que privilegiam a robustez do motor optam pelos japoneses.
- O dólar teve ontem uma quebra em relação ao marco.
- As acções da empresa financeira FuturoVida fechou hoje com uma subida de 7%
- Foi aberto um concurso internacional para a construção da nova ponte sobre o rio ÁguasMil no extremo oriente.
- O Canal 1 vai começar a apresentar uma nova telenovela brasileira.
- As companhias de teatro estão a lutar com muitas dificuldades económicas.
- Num leilão de arte em Londres um Picasso atingiu um novo recorde.
- Saiu o novo catálogo de selos de Portugal com as respectivas cotação.
- As fábricas de automóveis tiveram um aumento de vendas de 16% durante o último ano civil
- Foi criada uma nova Universidade privada .

20  QUESTÃO PROBLEMÁTICA

⊗ O QUE HÁ DE COMUM ENTRE AS DIVERSAS SITUAÇÕES QUE PERMITE QUE O MESMO TERMO -- MERCADO -- SEJA APLICADO A TODAS ELAS?

⊗ QUAIS SÃO OS ELEMENTOS COMUNS EM TODOS ESSE «MERCADOS»?

21  Diálogo com os estudantes.

Inventariação dos elementos comuns



- 22  **SÍNTESE DO DIÁLOGO**
- » Há uma compra e uma venda..
  - » Há moeda.
  - » Há uma negociação entre os diversos intervenientes.
  - » Há algo (bem material, serviço, moeda, acção, etc.) que é comprável e vendível.
  - » Há uma diversidade, chamemos-lhe divergência, de interesses entre os intervenientes na operação.
  - » Há uma localização no espaço e no tempo
  - » Há uma produção que pode ser vendida
  - » Existem rendimentos que permitem adquirir o que se compra
  - » Há um pagamento
- 23  **Diálogo com os estudantes.**  
Análise de cada um dos elementos referidos pelos alunos.  
Acréscimo de novos elementos.
- 24  **ELEMENTOS CONSTITUTIVOS**
- ↳ Divisão social do trabalho
  - ↳ Intenção de compra e intenção de venda  
Diferença de interesses
  - ↳ Negociação
  - ↳ Bens económicos, produtos (mercadorias)
  - ↳ Temporalidade e Espacialidade
- 25  **Diálogo com os estudantes.**  
Decomposição de cada um dos elementos anteriormente referenciados.
- 26  **DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO**
- ↳ Diversos graus de divisão social do trabalho => Diferentes estágios históricos da troca
  - ↳ Desenvolvimento das forças produtivas  
Características das relações de produção
  - ↳ Articulação forças produtivas / relações de produção
  - ↳ Tipos de agentes económicos
  - ↳ Relações económicas inter-individuais e inter-agentes
  - ↳ Relações políticas entre si
  - ↳ Certas formas de hegemonia
- 27  **DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO**
- ↳ Divisão social do trabalho
    - Graus de divisão social do trabalho
    - Modos de produção (formações sociais)
    - relações interindividuais
  - ↳ Agentes económicos
    - existentes
    - actantes sobre o funcionamento do económico
    - actantes sobre um mercado concreto
- 28  **INTENÇÕES DE COMPRA E VENDA**
- ↳ Agentes que procuram (procurantes)  
procurante = procurador, que é “quem procura”. É diferente de comprador.

- ↳ Agentes que oferecem (ofertantes)
- ↳ Número de agentes intervenientes
- ↳ Racionalidades económico-sociais
- ↳ Estatuto jurídico
- ↳ Tipo de agente económico

## 29 INTENÇÕES DE COMPRA E VENDA

- ↳ Procura
  - número de procurantes
  - tipo de agente
  - racionalidade económico social
  - estatuto jurídico-administrativo
- ↳ Oferta
  - número de ofertantes
  - tipo de agente
  - racionalidade económico social
  - estatuto jurídico-administrativo

## 30 NEGOCIAÇÃO

- ↳ Conhecimento recíproco da actividade uns dos outros
- ↳ Reacções aos comportamentos estimados dos outros
- ↳ Informação entre compradores e vendedores, entre compradores e entre vendedores
- ↳ Enquadramento jurídico
- ↳ Possibilidade de entrada no mercado
- ↳ Possibilidade de saída do mercado
- ↳ Concorrência / competitividade entre compradores
- ↳ Concorrência / competitividade entre vendedores

## 31 NEGOCIAÇÃO

- ↳ Negociação
  - Informação
  - Comportamento
  - Quadro jurídico-político
  - Concorrência entre compradores
  - Concorrência entre vendedores
  - Tipo de concorrência

## 32 BENS ECONÓMICOS

- ↳ Diversos critérios de classificação
  - Natureza física dos bens
  - Finalidade com que são procurados
  - Relação directa/indirecta com a produção
  - aplicabilidade do princípio da exclusão
  - etc.
- ↳ Homogeneidade
  - “homogeneidade do produto: os vendedores oferecem todos um produto idêntico de tal modo que os compradores não são levados a preferir o produto desta ou daquela firma em particular”

## 33 BENS ECONÓMICOS

- ↳ Tipos de bens
  - (Segundo critérios de natureza física, finalidade de utilização, exclusividade na satisfação das necessidades, etc.)
- ↳ Homogeneidade

## 34 TEMPORALIDADE E ESPACIALIDADE

- ↳ Época histórica, enquanto vivência social
- ↳ Tipo de modelo considerado
  - Estático

- Estático-comparado
- Dinâmico
- ↳ Reversibilidade do tempo
- ↳ O determinismo e o acaso

### 35 TEMPORALIDADE E ESPACIALIDADE

- ↳ Espaço geográfico da competitividade
  - local
  - regional
  - nacional
  - comunitário
  - internacional
- ↳ «Endogeneidade» das dinâmicas de interacção dos agentes
- ↳ Interconexão topológica de variáveis
- ↳ Interconexão espacial de mercados

### 36 TEMPORALIDADE E ESPACIALIDADE

- ↳ Temporalidade
  - Época histórica
  - Reversibilidade
    - Esta questão da reversibilidade, a que apenas fazemos referência, está estreitamente associado à noção de equilíbrio e seu efectivo significado social
  - Interconexão das variáveis e sua transformação
- ↳ Espacialidade
  - Âmbito geográfico
  - Âmbito social
  - Espaço topológico

### 37 TIPOS DE MERCADO (1)

- ↳ Os elementos constitutivos do mercado podem, como vimos, assumir diversas formas fazendo com que um determinado mercado ou conjunto de mercados possa assumir determinadas características específicas, que o mercado tenha determinadas formas.
- ↳ Cada intercepção de de formas dos elementos constitutivos do mercado constitui um tipo de mercado.
- ↳ De entre todas as intercepções possíveis de formas de elementos constitutivos do mercado há que distinguir as económico-socialmente relevantes e as irrelevantes.

### 38 TIPOS DE MERCADO (2)

- ↳ Exemplo habitualmente apresentado:

### 39 TIPOS DE MERCADO (3)

- ↳ Outro exemplo habitualmente apresentado:

### 40 TIPOS DE MERCADO (4)

- ↳ O conjunto de elementos constitutivos do mercado por nós considerados e as decomposições que fizemos de cada um deles permitem-nos obter outras classificações de tipos de mercados.

A partir dos elementos constitutivos apresentados e do tipo de preocupações teóricas, económicas e sociais que exigem as classificações dos mercados em tipos procure construir uma uma tipificação que considere relevante.

### 41 ADVERTÊNCIA

- ↳ O que fizemos foi uma caracterização
  - ↳ parcial
    - Analisamos apenas do ponto de vista da Economia
    - Outras ciências fariam leituras diferentes (Semiótica, Teoria das Ideologias, Linguística, Psicologia Genética, Psicologia Colectiva, Geografia, etc.)
  - ↳ limitada
    - A complexidade dos elementos constitutivos do mercado, mesmo para a Economia, não se esgota nos considerados. Basta pensarmos na interligação entre todas as áreas da sociedade, a interligação entre produção, distribuição, circulação e consumo, a sobredeterminação

política.

42  **QUESTÕES PROBLEMÁTICAS SEGUINTE**

- ↳ Um dos elementos constitutivos do mercado é X. O que é X e o que o determina?
- ↳ ...
- ↳ Quais as relações existentes entre os diversos elementos constitutivos do mercado?
- ↳ Que relações existem entre o conjunto dos mercados e cada um deles, entre estes?
- ↳ É possível formular leis sobre os mercados?

43

Depois de termos percorrido alguns dos elementos constitutivos do mercado, pela ordem anteriormente apresentada, chegamos à

## PROCURA

44  **RESTRIÇÃO DO ÂMBITO**

- ↳ Restringimos a nossa investigação ao estudo da procura dos bens económicos utilizados no consumo final no nosso modo de produção

45  **1ª QUESTÃO PROBLEMÁTICA**

## O que é a procura?

46  **POSSIBILIDADES DE RESPOSTA**

- ↳ Aquisição de algo via transacção
- ↳ Aquisição de algo
- ↳ Intenções de aquisição de algo via transacção
- ↳ Intenções de aquisição de algo

### **Procura Bruta / Procura Líquida**

*ex ante / ex post*

47  **Diálogo com os estudantes.**

Exemplos de situações que se encaixem numa definição e não se encaixem nas outras

48  **PROCURA BRUTA / PROCURA LÍQUIDA**

$$PB = PP + PL$$

PB = Procura bruta

PP = Procura própria

PL = Procura líquida

“Estas quantidades procuradas têm de ser comparadas com os excedentes de quantidades procuradas ou procuras líquidas, que são as diferenças respectivas entre as quantidades procuradas e as quantidades iniciais dos diferentes bens. Uma procura líquida positiva significa que o indivíduo é um comprador no mercado, enquanto que se é negativa significativa que é um vendedor”

- 49  **EX ANTE / EX POST (1)**
- ↳ Não existe um acto económico objectivado
  - ↳ Não há uma declaração explícita de um comportamento económico
  - ↳ Pressupõe-se uma determinada lógica de emotividade e racionalidade
  - ↳ Frequentemente pressuposta uma «racionalidade olímpica»
    - “É admissível pensar que o indivíduo é uma *máquina calculadora de utilidades* que, dadas as quantidades iniciais e o seu mapa de curvas de indiferença, nos dá uma correspondência entre os preços que encontra no mercado e as posições que representam para ele uma distribuição óptima dos bens”
- 50  **EX ANTE / EX POST (2)**
- ↳ Frequentemente pressuposta uma «racionalidade olímpica»
    - “A partir do momento em que uma lei científica faz intervir uma função, o  $y=f(x)$  dependente de uma variável  $x$ , então uma verificação experimental completa da lei é inteiramente impossível”
    - A Economia opta por funções contínuas
    - Só as pode justificar «psicologicamente»
    - Mas a Economia não é Psicologia.
- 51  **EX ANTE / EX POST (3)**
- ↳ Existem actos económicos objectivados
  - ↳ Há um comportamento económico
  - ↳ Pode-se pressupor uma determinada lógica como tentativa de explicação
  - ↳ A construção do modelo exige
    - Uniformizar as diversas situações em que os diferentes actos se registaram
    - Induzir
- 52  **Diálogo com os estudantes.**
- Apresentação de textos de economistas célebres que reflectas posições ex ante, ex post e de transição. Debate de cada um desses textos
- 53  **SÍNTESE DA RESPOSTA À 1ª QUESTÃO PROBLEMÁTICA**
- ↳ Possibilidade de considerar a procura bruta ou a procura líquida
  - ↳ Raramente esta opção é explicitada
  - ↳ Quando nada se diz geralmente está a pretender-se falar de procura líquida
  - ↳ Possibilidade de se considerar a procura como realidade ex ante ou como realidade ex post
  - ↳ Geralmente os modelos microeconómicos ressaltam a opção ex ante
  - ↳ Garante a inverificabilidade do modelo
  - ↳ Possível articular as leituras ex ante e ex post.
- 54  **2ª QUESTÃO PROBLEMÁTICA**

## Como medir a procura?

- 55  **POSSIBILIDADES**
- ↳ quantidade de dinheiro correspondente ao que se comprou ou que se desejaria comprar
  - ↳ quantidade total de utilidades a usufruir com os bens correspondentes à procura

- ↳ quantidade do bem que se comprou ou se desejaria comprar
- ↳ energia consumida no processo de procura

56  OPÇÃO E DIFICULDADES

- ↳ A procura é medida pela quantidade física do bem que se comprou ou que se desejaria comprar verificadas determinadas condições:

$$q_D = f(\dots)$$

- ↳ Dificuldade da comparabilidade entre mercados  
parcialmente resolvida pela sua expressão monetária

57  QUESTÃO TERMINOLÓGICA (1)

- ↳ Se a procura é sempre medida pela **quantidade procurada** que significado é que tem a diferença entre

- variação da quantidade procurada
- variação da procura
- ?

58  QUESTÃO TERMINOLÓGICA (2)

- ↳ Considere-se um modelo  $q_D = f(A, B, C, D, E)$
- ↳ Simplifique-se este modelo concentrando a atenção na variável A. Temos n funções conforme os valores atribuídos às variáveis B, C, D, e E:

$$q_D = f_1(A) \text{ para } B_1, C_1, D_1, E_1$$

$$q_D = f_2(A) \text{ para } B_2, C_2, D_2, E_2$$

...

$$q_D = f_n(A) \text{ para } B_n, C_n, D_n, E_n$$

- ↳ Considere-se agora uma dessas funções:  $q_D = f_i(A)$ . Atribua-se dois valores a A:

$$A_k \Rightarrow q_{Dk}$$

$$A_j \Rightarrow q_{Dj}$$

59  QUESTÃO TERMINOLÓGICA (3)

- ↳ Ao passar-se de  $q_{Dk}$  para  $q_{Dj}$  falamos em

**variação da quantidade procurada**

- ↳ Ao passar-se de  $f_k$  para  $f_j$  falamos em

**variação da procura**

= variação da quantidade procurada para todos os valores da variável explicativa considerada no modelo

- ↳ Trata-se de uma convenção terminológica.

60  QUESTÃO TERMINOLÓGICA (4)

61  Diálogo com os estudantes.

Apresentação de um exemplo em que estas duas formulações sejam usadas.

62  3ª QUESTÃO PROBLEMÁTICA

## Procura de quê?

- 63  POSSIBILIDADES
- ↳ Bens  
“Todos os bens possuem características objectivas relevantes para as escolhas que as pessoas fazem entre diferentes conjuntos de bens”
  - ↳ Características  
“Os indivíduos diferem nas suas relações com diferentes características, melhor dizendo na sua valorização das características constitutivas de várias colecções de bens. Os consumidores estão interessados nas características. Possuem preferências por colecções de características e as preferências pelos bens é indirecta ou derivada na medida em que os bens são desejados apenas na medida em que produzem características”
- 64  Diálogo com os estudantes.  
Semelhanças e diferenças entre as duas hipóteses de resposta.  
Exemplificação com alguns casos.
- 65  4ª QUESTÃO PROBLEMÁTICA

## De que depende a procura?

- 66  Diálogo com os estudantes.  
Listagem de possíveis respostas à pergunta formulada
- 67  SÍNTESE DAS RESPOSTAS (1)
- (A) Riqueza actual de  $i$
  - (B) Riqueza futura prevista de  $i$
  - (C) Rendimentos actuais de  $i$
  - (D) Rendimentos futuros previstos de  $i$
  - (E) Posição social de  $i$
  - (F) Usos e costumes
  - (G) Padrões culturais
  - (H) Modos de vida
  - (I) Preço do bem  $x$
- 68  SÍNTESE DAS RESPOSTAS (2)
- (J) Preços dos bens sucedâneos de  $x$
  - (K) Preços dos bens complementares de  $x$
  - (L) Preço dos bens independentes de  $x$
  - (M) Comprimento do rabo dos gatos
  - (N) Explosões solares
  - (O) Posição relativa dos astros
  - (P) Fases da lua
  - (Q) Pluviosidade
  - (R) Acesso ao crédito
- 69  SÍNTESE DAS RESPOSTAS (3)
- (S) Gostos individuais
  - (T) Gostos colectivos
  - (U) Programas de televisão
  - (V) Marketing do bem  $x$
  - (W) Marketing dos outros produtos

- (X) Ambiente de aceitação/rejeição do marketing
- (Y) Última ida à discoteca
- (Z) Conversas dos amigos sobre x
- (AA) Esquizofrenia

70  **SÍNTESE DAS RESPOSTAS (4)**

- (AB) Desenvolvimento económico da sociedade de i
- (AC) Desenvolvimento tecnológico da sociedade de i
- (AD) Experiências passadas de compra
- (AE) Experiências passadas de tentativa de compra.
- (AF) Dinheiro disponível
- (AG) Rendimento monetário disponível
- (AH) Oferta
- (AI) Política económica
- (AJ) Situação política

71  **SÍNTESE DAS RESPOSTAS (5)**

- (AK) Características de x
- (AL) Estrutura do comércio retalhista
- (AM) Conjuntura económica

72  **Diálogo com os estudantes.**

Apreciação de cada uma das possíveis variáveis explicativas

73  **VARIÁVEIS QUE NÃO INFLUENCIAM A PROCURA**

↳ O que significa “Não influenciam” ...

↳ Variáveis:

- (M) Comprimento do rabo dos gatos
- (N) Explosões solares
- (O) Posição relativa dos astros
- (P) Fases da lua
- (Q) Pluviosidade

74  **VARIÁVEIS QUE INEQUIVOCAMENTE INFLUENCIAM DIRECTAMENTE A PROCURA (1)**

↳ O que significa “Influenciam directamente” ...

↳ Variáveis:

- (I) Preço do bem x
- (J) Preços dos bens sucedâneos de x
- (K) Preços dos bens complementares de x
- (AD) Experiências passadas de compra
- (AE) Experiências passadas de tentativa de compra.
- (AK) Características de x
- (AL) Estrutura do comércio retalhista

75  **VARIÁVEIS QUE INEQUIVOCAMENTE INFLUENCIAM DIRECTAMENTE A PROCURA (2)**

↳ Variáveis:

- (A) Riqueza actual de i
- (B) Riqueza futura prevista de i
- (C) Rendimentos actuais de i
- (D) Rendimentos futuros previstos de i

↳ Problema: Estas variáveis devem ser encaradas em termos monetários ou em termos reais?

↳ Pressupostos em relação a cada uma das possibilidades de resposta: ...

76  **VARIÁVEIS QUE PROVAVELMENTE INFLUENCIAM DIRECTAMENTE A PROCURA (1)**

↳ Os «gostos» influenciam certamente

↳ O significado dos «gostos»



- É um “poço sem fundo”.
- É onde colocamos a emotividade e a irracionalidade individual que depois excluímos pela porta da racionalidade económica.
- É onde colocamos a influência da religião, da ideologia, dos conhecimentos científicos e filosóficos, a educação, a acção cívica, os padrões culturais, o «extra-económico»
- É incomensurável

↳ Qual influencia directamente?

- (S) Gostos individuais
- (T) Gostos colectivos

77  VARIÁVEIS QUE PROVAVELMENTE INFLUENCIAM DIRECTAMENTE A PROCURA (2)

↳ Variáveis

- (R) Acesso ao crédito
- (AF) Dinheiro disponível
- (AG) Rendimento monetário disponível

↳ Influenciam directamente?

- A resposta depende da racionalidade admitida, da existência ou não de ilusão monetária.
- Para haver troca é necessário a moeda (que não é neutra)

78  VARIÁVEIS QUE PROVAVELMENTE INFLUENCIAM DIRECTAMENTE A PROCURA (3)

↳ Variável:

- (AH) Oferta

↳ Algumas constatações:

- Quando se vai procurar tem-se uma ideia
  - dos bens que existem
  - dos preços que são praticados
  - dos «custos de produção»
- A procura é influenciada
  - pela existência de muitos ou poucos bens
  - características do seu fornecimento
- Ninguém procura um *patilempitaca* porque não há oferta.

79  VARIÁVEIS QUE PROVAVELMENTE INFLUENCIAM DIRECTAMENTE A PROCURA (3)

↳ Ricardo:

“É o custo de produção que, em última análise, determina o preço dos produtos e não, como se tem frequentemente dito, a proporção entre a oferta e a procura: a proporção entre oferta e procura pode, na realidade, afectar o valor de mercado dum produto até que o seu abastecimento seja mais ou menos abundante consoante a sua procura possa aumentar ou diminuir; mas este efeito será só de curta duração”

↳ Ensaios econométricos não desmentem a influência da oferta

↳ Onde está a independência das funções procura e oferta?

80  VARIÁVEIS QUE INFLUENCIAM INDIRECTAMENTE A PROCURA (1)

↳ Via Gostos Individuais / Gostos Colectivos

- (E) Posição social de i
- (F) Usos e costumes
- (G) Padrões culturais
- (H) Modos de vida
- (U) Programas de televisão
- (V) Marketing do bem x
- (W) Marketing dos outros produtos
- (X) Ambiente de aceitação / rejeição do marketing
- (Y) Última ida à discoteca
- (Z) Conversa dos amigos sobre x
- (AA) Esquizofrenia

81  VARIÁVEIS QUE INFLUENCIAM INDIRECTAMENTE A PROCURA (2)

↳ Via Riqueza e Rendimento

- (L) Preço dos bens independentes de x

↳ Via múltipla

- (AB) Desenvolvimento económico da sociedade i
- (AC) Desenvolvimento tecnológico da sociedade i
- (AI) Política económica
- (AM) Conjuntura Económica
- (AJ) Situação política

- 82  **SÍNTESE DE RESPOSTA**
- ↳ Das 40 variáveis inicialmente indicadas seleccionámos 12:
    - A + B + Riqueza monetária disponível
    - C + D + AG
    - I
    - J
    - K
    - R
    - S ou T
    - AD + AE
    - AF
    - AH
    - AK
    - AL

- 83  **5ª QUESTÃO PROBLEMÁTICA**

## Como elaborar o modelo da procura?

- 84  **O QUE JÁ SABEMOS**
- ↳ Axiomática
  - ↳ Variável explicada
    - Conteúdo
    - Quantificação
  - ↳ Delimitação no espaço e no tempo
  - ↳ Variáveis explicativas e interconexões entre elas
  - ↳ Objectivo do modelo: explicar a realidade
  - ↳ Utilização da formalização matemática

- 85  **O QUE FALTA DECIDIR**
- ↳ Que tipo de modelo?
    - ...
    - estático, estático-comparado, dinâmico
    - linear, não-linear
    - funções descontínuas, contínuas
    - equação, sistema de equações
    - formas analíticas utilizáveis
    - ...

- 86  **UMA HIPÓTESE DE MODELO**

$$q_D = a_1A + a_2B + a_3C + a_4D + a_5I + a_6J + a_7K + a_8AD + a_9AE + a_{10}AK + a_{11}AL + a_{12}S + a_{13}T + a_{14}AF + a_{15}AG + a_{16}AH$$

- 87  **Diálogo com os estudantes.**
- Sobre o sinal provável de cada parâmetro

- 88  **ALGUMAS PRECISÕES (1)**
- ↳ O que foi apresentado é um **modelo geral da procura**

↳ Normalmente trabalhamos

- com modelos parciais
- com introdução de *ceteris paribus*
- que adaptam algumas das suposições de base

89  ALGUMAS PRECISÕES (2)

↳ Por exemplo:

- Seleccionando apenas a variável explicativa preço do bem x temos a função procura *strictus sensus* da microeconomia
- Seleccionado apenas a variável rendimento e considerando a procura como realidade *ex post* podemos ter uma função consumo
- ...

90  E AGORA ?

Para já...

**FIM DA MATÉRIA**

**Slides em imagens**

Introdução  
à  
Economia

---

---

# IDENTIFICAÇÃO

Carlos José Gomes Pimenta  
Professor Associado da Faculdade de Economia do Porto  
Universidade do Porto

Versão: 1.0.

Maior de 1995

Complemento de:

Mercado: Considerações Científicas e Pedagógicas

---

Mercado / Identificação

## O MERCADO

- numa perspectiva microeconómica.
- no âmbito da Ciência Económica.
- atendendo que é uma abordagem para alunos que estão numa fase inicial de aprendizagem.
- rompendo pistas para uma análise aprofundada do problema.
- numa óptica interdisciplinar.

## TEMA (2)

⇒ Concentrando a nossa atenção numa das suas componentes:

### A PROCURA

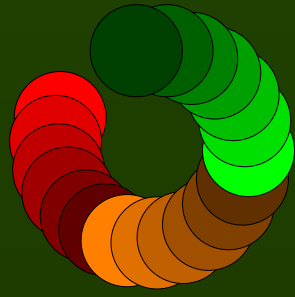
- com o mesmo tipo de metodologia
- com as mesmas preocupações
- pretendendo-se aprofundar mais detalhadamente algumas vertentes.

# CONCEITOS PRÉVIOS

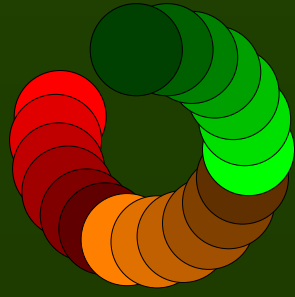
No estudo subsequente é importante que os alunos tenham presente os conceitos que já foram anteriormente estudados, a saber:

RACIONALIDADE  
CUSTO DE OPORTUNIDADE  
PREÇO

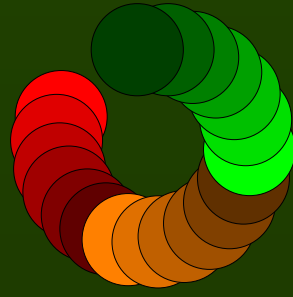




Diálogo com os estudantes.  
Recapitulação do conceito de  
RACIONALIDADE



*Diálogo com os estudantes.*  
Recapitulação do conceito de  
CUSTO DE OPORTUNIDADE



Diálogo com os estudantes.  
Recapitulação do conceito de  
PREÇO

# METODOLOGIA (1)

---

## ↪ Formulação da questão problemática

Toda a investigação económica, todo o estudo de novos problemas e de reformulação dos existentes é a resposta a um desconhecimento, a um mal estar intelectual, a uma solicitação social ou político, aos desafios do desconhecido. A investigação é a tentativa de encontrar a resposta a uma pergunta. Em muitos casos o investigador formula explicitamente a(s) pergunta(s) a que pretende responder mas em muitos outros parte para o trabalho sem o fazer.

Pedagogicamente é indispensável que antes de se começar a estudar uma matéria se enuncie as perguntas a que se pretende responder.

## METODOLOGIA (2)

⇒ Inventariação de «possíveis» respostas

Numa primeira fase a resposta às questões problemáticas formuladas deve contar com a participação de todos, professores e alunos, num esforço de racionalidade e libertação da imaginação, de apresentação de todas as tendências espontâneas de encadeamento conceptual.

Só após esse esforço conjunto é que poderemos detectar com rigor por onde passa o «corte epistemológico», quais são as «evidências» do conhecimento corrente a negar, quais os «erros» a superar.

# METODOLOGIA (3)

⇒ Organização e simplificação das hipóteses de resposta

- Seleccionando a informação
- Introduzindo hipóteses simplificadoras
- Construindo o modelo
  - escolha das variáveis
  - classificação
  - explicitação das relações
  - construindo as hipóteses simplificadoras

É o início do «corte», da «racionalidade», da «crítica», da sistematização, da superação do «erro»

---

# METODOLOGIA (4)

↪ Formalização matemática e/ou representação gráfica

Sempre que possível deve-se procurar formalizar matematicamente o enunciado da resposta à questão problemática. A utilização desta linguagem pode ser bastante simples, pode não passar da utilização de um conjunto de símbolos e algumas operações aritméticas, mas sempre ajudará a precisar variáveis, relações e dinâmicas.

A utilização da linguagem matemática não acrescenta cientificidade ao modelo e não pode fazer esquecer as vertentes qualitativas não representadas.

- ↪ Confronto com a Realidade
- Análise da possibilidade
  - Escolha dos indicadores
  - Recolha da informação e seu tratamento

Um modelo pode ser elaborado com diversos objetivos e a cada um deles pode corresponder diferentes formas de verificabilidade ou falsabilidade. Vamos admitir que os modelos a elaborar são para explicar a realidade.



## ↪ Reformulação / Consolidação do modelo

A precisão das variáveis, a elaboração do modelo, a sua formalização matemática, a construção dos indicadores e o confronto com a realidade permitirá detectar incongruências, conceitos imprecisos, variáveis mal escolhidas, conflitos entre variáveis, problemas de quantificação, etc. Perante estas dificuldades temos que reformular o modelo e, depois de fazê-lo, elaborá-lo de uma forma mais consequente, sintética e elegante.

# METODOLOGIA (7)

↪ Trabalhos práticos

- Precisão dos conceitos
- Interpretação dos textos
- Redacção
- Utilização de dados

O modelo está elaborado. É necessário compreendê-lo integralmente, aproveitá-lo ao máximo.

# ADVERTÊNCIA

- ∅ Existem diversas leituras alternativas da mesma realidade econômica e social.
- ∅ Todas as leituras são aceitas e dignas da nossa atenção. É com entusiasmo que acolhemos contributos diferentes provenientes dos alunos.
- ∅ É contudo indispensável
  - As posições assumidas sejam coerentes
  - Haja um conhecimento cuidado das outras posições
  - Uma atitude de tolerância e respeito mútuo para com as outras posições.

## Introdução à Economia

---

# SITUAÇÕES (1)

---

- Um membro da família desceu à rua para comprar pão para o pequeno almoço
- O Francisco tem uma tenda de cachorros junto ao estádio de futebol, mas o Manuel vende no numbanque
- O Ricardo, estivador de profissão, foi até ao porto de mar tentar ser contratado
- O Narciso, pescando na sua piroga, apanhou um peixe que colocou no aquário de vime a pensar no barco que subirá o rio daí a doze dias
- O Abecassis, situado em Lisboa, viu no seu computador as previsões de taxas de câmbio e deu uma ordem de venda das suas acções da Companhia XY Lda.
- O Carlos sentia-se adoentado e foi ao médico.
- O Roberto dirigiu-se para o seu consultório de advogados onde tem uma reunião com o seu constituinte.
- O Edgar viu o anúncio dos últimos barcos de recreio e pediu para França um catálogo.
- O gerente de uma empresa têxtil foi a uma feira na Alemanha para escolher o modelo dos novos teares a adquirir.

---

## Mercado / Considerações gerais

## Introdução à Economia

---

---

# SITUAÇÕES (2)

- A empresa farmacêutica Saúde SARL tem 50 delegados de propaganda médica.
- A empresa alimentar Sumos Vida adquiriu a produção futura de laranjas a um consórcio de agricultores na Grécia.
- Filipe encomendou a uma multinacional americana um programa de computador para ajudá-lo a estudar Matemática.
- A família Silva, de férias no estrangeiro, foi ao banco trocar moeda.
- Esse mesmo banco aproveitou para aconselhar-lhe um seguro de vida em viagem.
- Os contentores foram transportados pela empresa panamiana Navegação SARL com um seguro de uma companhia inglesa.
- A catarina, doceira como sua mãe, retirou do forno as trouxas de ovos encomendadas pela tia Narcisa
- O Alberto consultou pelo telefone os resultados do último Totoloto.
- A empresa açucareira despediu 200 trabalhadores, mas a de calçado contratou dois novos especialistas em moda

---

## Mercado / Considerações gerais

## Introdução à Economia

---

# SITUAÇÕES (3)

---

- Os pescadores, receando a baixa do preço da sardinha, deitaram ao mar cinco toneladas de pescado.
- As importações mais baratas provenientes do país vizinho fizeram com que cento e vinte toneladas de laranjas apodrescessem e fossem enterradas.
- António, toxicodependente, foi ao cadongueiro da rua Escura comprar a dose para uma pedrada.
- Muitos dos agricultores de alguns países continuam a preferir plantar canabbis do que outras plantas menos perigosas para a saúde pública.
- No quiosque da esquina o dólar do mercado paralelo é mais favorável que no oficial.
- A cortiça não encontrou compradores porque era de má qualidade.
- Os tonéis continuam cheios de vinho
- Em todo o mundo milhões de crianças não têm alimentação suficiente.
- Foi queimada uma grande percentagem do trigo nos EUA.
- O empréstimo conseguido para a remodelação do equipamento da empresa foi negociado com uma taxa de juro de 12%

---

## Mercado / Considerações gerais

## Introdução à Economia

---

# SITUAÇÕES (4)

---

- Pode haver uma ruptura no abastecimento da matéria-prima porque a produção do último ano foi muito baixa.
- Quem procura comodidade opta pelos carros franceses mas os que privilegiam a robustez do motor optam pelos japoneses.
- O dólar teve ontem uma quebra em relação ao marco.
- As acções da empresa financeira Futuro Vida fechou hoje com uma subida de 7%
- Foi aberto um concurso internacional para a construção da nova ponte sobre o rio ÁguasMil no extremo oriente.
- O Canal 1 vai começar a apresentar uma nova telenovela brasileira.
- As companhias de teatro estão a lutar com muitas dificuldades económicas.
- Num leilão de arte em Londres um Picasso atingiu um novo recorde.
- Saiu o novo catálogo de selos de Portugal com as respectivas cotação.
- As fábricas de automóveis tiveram um aumento de vendas de 16% durante o último ano civil
- Foi criada uma nova Universidade privada .

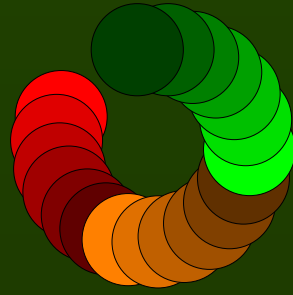
---

## Mercado / Considerações gerais

# QUESTÃO PROBLEMÁTICA

- ☹ O QUE HÁ DE COMUM ENTRE AS DIVERSAS SITUAÇÕES QUE PERMITE QUE O MESMO TERMO -- MERCADO -- SEJA APLICADO A TODAS ELAS?
- ☹ QUAIS SÃO OS ELEMENTOS COMUNS EM TODOS ESSE «MERCADOS»?





# Diálogo com os estudantes. Inventariação dos elementos comuns

## Introdução à Economia

---

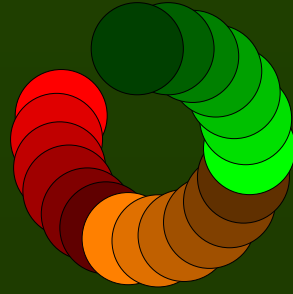
# SÍNTESE DO DIÁLOGO

---

- » Há uma compra e uma venda..
- » Há moeda.
- » Há uma negociação entre os diversos intervenientes.
- » Há algo (bem material, serviço, moeda, acção, etc.) que é comprável e vendível.
- » Há uma diversidade, chamemos-lhe divergência, de interesses entre os intervenientes na operação.
- » Há uma localização no espaço e no tempo
- » Há uma produção que pode ser vendida
- » Existem rendimentos que permitem adquirir o que se compra
- » Há um pagamento

---

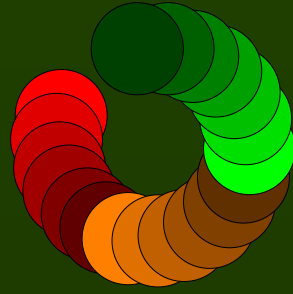
Mercado / Considerações gerais



Diálogo com os estudantes.  
Análise de cada um dos  
elementos referidos pelos alunos.  
Acréscimo de novos elementos.

# ELEMENTOS CONSTITUTIVOS

- ↗ Divisão social do trabalho
- ↗ Intenção de compra e intenção de venda  
Diferença de interesses
- ↗ Negociação
- ↗ Bens económicos, produtos (mercadorias)
- ↗ Temporalidade e Espacialidade



Diálogo com os estudantes.  
Decomposição de cada um dos  
elementos anteriormente  
referenciados.

# DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO



- ⇒ Diversos graus de divisão social do trabalho ⇒ Diferentes estágios históricos da troca
- ⇔ Desenvolvimento das forças produtivas
- ⇔ Características das relações de produção
- ⇔ Articulação forças produtivas / relações de produção
- ⇒ Tipos de agentes económicos
- ⇒ Relações económicas inter-individuais e inter-agentes
- ⇒ Relações políticas entre si
- ⇒ Certas formas de hegemonia

Introdução  
à  
Economia

# DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO



## ⇒ Divisão social do trabalho

- Graus de divisão social do trabalho
- Modos de produção (formações sociais)
- relações interindividuais

## ⇒ Agentes económicos

- existentes
- actuantes sobre o funcionamento do económico
- actuantes sobre um mercado concreto

Mercado / Considerações gerais

# INTENÇÕES DE COMPRA E VENDA



- ⇒ Agentes que procuram (procurantes)  
procurante = procurador, que é “quem procura”. É diferente de comprador.
- ⇒ Agentes que oferecem (ofertantes)
- ⇒ Número de agentes intervenientes
- ⇒ Racionalidades económico-sociais
- ⇒ Estatuto jurídico
- ⇒ Tipo de agente económico



Introdução  
à  
Economia

# INTENÇÕES DE COMPRA E VENDA



## ➤ Procura

- número de procurantes
- tipo de agente
- racionalidade económico social
- estatuto jurídico-administrativo

## ➤ Oferta

- número de ofertantes
- tipo de agente
- racionalidade económico social
- estatuto jurídico-administrativo

Mercado / Considerações gerais



- ↗ Conhecimento recíproco da actividade uns dos outros
- ↗ Reacções aos comportamentos estimados dos outros
- ↗ Informação entre compradores e vendedores, entre compradores e entre vendedores
- ↗ Enquadramento jurídico
- ↗ Possibilidade de entrada no mercado
- ↗ Possibilidade de saída do mercado
- ↗ Concorrência / competitividade entre compradores
- ↗ Concorrência / competitividade entre vendedores

Introdução  
à  
Economia

# NEGOCIAÇÃO



## ⇒ Negociação

- Informação
- Comportamento
- Quadro jurídico-político
- Concorrência entre compradores
- Concorrência entre vendedores
- Tipo de concorrência

Mercado / Considerações gerais

# BENS ECONÓMICOS



## ⇒ Diversos critérios de classificação

- Natureza física dos bens
- Finalidade com que são procurados
- Relação directa/indirecta com a produção
- aplicabilidade do princípio da exclusão
- etc.

## ⇒ Homogeneidade

“homogeneidade do produto: os vendedores oferecem todos um produto idêntico de tal modo que os compradores não são levados a preferir o produto desta ou daquela firma em particular”

Mercado / Considerações gerais

Introdução  
à  
Economia

---

---

# BENS ECONÓMICOS



⇒ Tipos de bens

(Segundo critérios de natureza física, finalidade de utilização, exclusividade na satisfação das necessidades, etc.)

⇒ Homogeneidade

---

Mercado / Considerações gerais

Introdução  
à  
Economia

# TEMPORALIDADE E ESPACIALIDADE



- ↗ Época histórica, enquanto vivência social
- ↗ Tipo de modelo considerado
  - Estático
  - Estático-comparado
  - Dinâmico
- ↗ Reversibilidade do tempo
- ↗ O determinismo e o acaso

Mercado / Considerações gerais

# TEMPORALIDADE E ESPACIALIDADE



⇒ Espaço geográfico da competitividade

- local
- regional
- nacional
- comunitário
- internacional

⇒ «Endogeneidade» das dinâmicas de interação dos agentes

⇒ Interconexão topológica de variáveis

⇒ Interconexão espacial de mercados

Mercado / Considerações gerais

Introdução  
à  
Economia

# TEMPORALIDADE E ESPACIALIDADE



↪ Temporalidade

- Época histórica
- Reversibilidade

Esta questão da reversibilidade, a que apenas fazemos referência, está estreitamente associado à noção de equilíbrio e seu efectivo significado social

- Interconexão das variáveis e sua transformação

↪ Espacialidade

- Âmbito geográfico
- Âmbito social
- Espaço topológico

Mercado / Considerações gerais



# TIPOS DE MERCADO (1)

---

- ↪ Os elementos constitutivos do mercado podem, como vimos, assumir diversas formas fazendo com que um determinado mercado ou conjunto de mercados possa assumir determinadas características específicas, que o mercado tenha determinadas formas.
- ↪ Cada intercepção de de formas dos elementos constitutivos do mercado constitui um tipo de mercado.
- ↪ De entre todas as intercepções possíveis de formas de elementos constitutivos do mercado há que distinguir as económico-socialmente relevantes e as irrelevantes.

# TIPOS DE MERCADO (2)

⇒ Exemplo habitualmente apresentado:

	Um só vendedor	Pequeno número de vendedores	Grande número de vendedores
Um só comprador	<b>Monopólio bilateral</b>	<b>Quase monopsonio</b>	<b>Monopsonio</b>
Pequeno número de compradores	<b>Quase monopólio</b>	<b>Oligopólio bilateral</b>	<b>Oligopsonio</b>
Grande número de compradores	<b>Monopólio</b>	<b>Oligopólio</b>	<b>Concorrência perfeita</b>

# TIPOS DE MERCADO (3)

➔ Outro exemplo habitualmente apresentado:

	ESTRUTURA MONOLÍTICA Um só vendedor	ESTRUTURA MOLECULAR Poucos vendedores	ESTRUTURA ATOMIZADA Muitos vendedores com viscosidade	ESTRUTURA ATOMIZADA Muitos vendedores com fluidez
ESTRUTURA MONOLÍTICA Um só comprador	<b>Monopólio bilateral</b>	<b>Monopsónio contrariado</b>	<b>Monopsónio viscoso</b>	<b>Monopsónio fluido</b>
ESTRUTURA MOLECULAR Poucos compradores	<b>Monopólio contrariado</b>	<b>Oligopólio bilateral</b>	<b>Oligopsónio viscoso</b>	<b>Oligopsónio fluido</b>
ESTRUTURA ATOMIZADA Muitos compradores com viscosidade	<b>Monopólio viscoso</b>	<b>Oligopólio viscoso</b>	<b>Concorrência duplamente imperfeita</b>	<b>Concorrência imperfeita de compradores</b>
ESTRUTURA ATOMIZADA Muitos compradores com fluidez	<b>Monopólio fluido</b>	<b>Oligopólio fluido</b>	<b>Concorrência imperfeita de vendedores</b>	<b>Concorrência perfeita</b>

## TIPOS DE MERCADO (4)

↪ O conjunto de elementos constitutivos do mercado por nós considerados e as decomposições que fizemos de cada um deles permitem-nos obter outras classificações de tipos de mercados.

*A partir dos elementos constitutivos apresentados e do tipo de preocupações teóricas, económicas e sociais que exigem as classificações dos mercados em tipos procure construir uma tipificação que considere relevante.*

## Introdução à Economia

---

# ADVERTÊNCIA

---

⇒ O que fizemos foi uma caracterização

⇒ parcial

- Analisamos apenas do ponto de vista da Economia
- Outras ciências fariam leituras diferentes (Semiótica, Teoria das Ideologias, Linguística, Psicologia Genética, Psicologia Colectiva, Geografia, etc.)

⇒ limitada

A complexidade dos elementos constitutivos do mercado, mesmo para a Economia, não se esgota nos considerados. Basta pensarmos na interligação entre todas as áreas da sociedade, a interligação entre produção, distribuição, circulação e consumo, a sobre-determinação política.

---

Mercado / Considerações gerais

# QUESTÕES PROBLEMÁTICAS SEGUINTE

---

---

- Um dos elementos constitutivos do mercado é X. O que é X e o que o determina?
- ...
- Quais as relações existentes entre os diversos elementos constitutivos do mercado?
- Que relações existem entre o conjunto dos mercados e cada um deles, entre estes?
- É possível formular leis sobre os mercados?

Introdução  
à  
Economia

---

---

Depois de termos percorrido alguns dos elementos constitutivos do mercado, pela ordem anteriormente apresentada, chegamos à

# PROCURA



# RESTRIÇÃO DO ÂMBITO

⇒ Restringimos a nossa investigação ao estudo da procura dos bens económicos utilizados no consumo final no nosso modo de produção

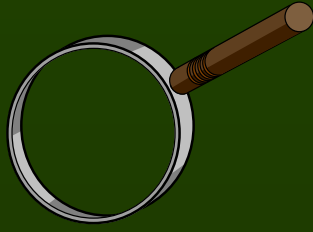


Introdução  
à  
Economia

# 1ª QUESTÃO PROBLEMÁTICA

---

---



# O que é a procura?

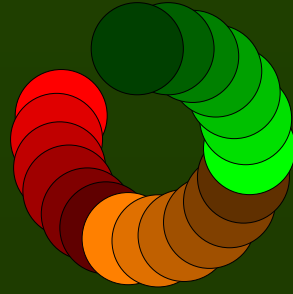
---

Mercado / Procura

# POSSIBILIDADES DE RESPOSTA

- ⇒ Aquisição de algo via transacção
- ⇒ Aquisição de algo
- ⇒ Intenções de aquisição de algo via transacção
- ⇒ Intenções de aquisição de algo

**Procura Bruta / Procura Líquida**  
*ex ante / ex post*



Diálogo com os estudantes.  
Exemplos de situações que se  
encaixem numa definição e não  
se encaixe nas outras

# PROCURA BRUTA / PROCURA LÍQUIDA

---

---

$$PB = PP + PL$$

PB = Procura bruta

PP = Procura própria

PL = Procura líquida

“Estas quantidades procuradas têm de ser comparadas com os excedentes de quantidades procuradas ou procuras líquidas, que são as diferenças respectivas entre as quantidades procuradas e as quantidades iniciais dos diferentes bens. Uma procura líquida positiva significa que o indivíduo é um comprador no mercado, enquanto que se é negativa significativa que é um vendedor”

# EX ANTE / EX POST (1)

- ↪ Não existe um acto económico objectivado
- ↪ Não há uma declaração explícita de um comportamento económico
- ↪ Pressupõe-se uma determinada lógica de emotividade e racionalidade
- ↪ Frequentemente pressuposta uma «racionalidade olímpica»  
“É admissível pensar que o indivíduo é uma *máquina calculadora de utilidades* que, dadas as quantidades iniciais e o seu mapa de curvas de indiferença, nos dá uma correspondência entre os preços que encontra no mercado e as posições que representam para ele uma distribuição óptima dos bens”

## EX ANTE / EX POST (2)

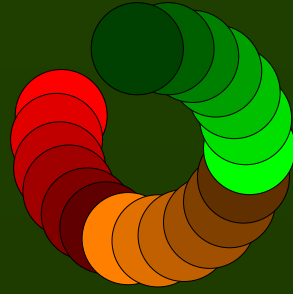
↪ Frequentemente pressuposta uma «racionalidade olímpica»

“A partir do momento em que uma lei científica faz intervir uma função, o  $y=f(x)$  dependente de uma variável  $x$ , então uma verificação experimental completa da lei é inteiramente impossível”

- A Economia opta por funções contínuas
- Só as pode justificar «psicologicamente»
- Mas a Economia não é Psicologia.

## EX ANTE / EX POST (3)

- ↪ Existem actos económicos objectivados
- ↪ Há um comportamento económico
- ↪ Pode-se pressupor uma determinada lógica como tentativa de explicação
- ↪ A construção do modelo exige
  - Uniformizar as diversas situações em que os diferentes actos se registaram
  - Induzir



Diálogo com os estudantes.  
Apresentação de textos de  
economistas célebres que  
reflicta posições ex ante, ex post  
e de transição. Debate de cada  
um desses textos



Introdução  
à  
Economia

# SÍNTESE DA RESPOSTA À 1ª QUESTÃO PROBLEMÁTICA

- ↪ Possibilidade de considerar a procura bruta ou a procura líquida
- ↪ Raramente esta opção é explicitada
- ↪ Quando nada se diz geralmente está a pretender-se falar de procura líquida
- ↪ Possibilidade de se considerar a procura como realidade ex ante ou como realidade ex post
- ↪ Geralmente os modelos microeconómicos ressaltam a opção ex ante
- ↪ Garante a inverificabilidade do modelo
- ↪ Possível articular as leituras ex ante e ex post.

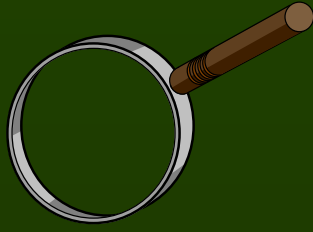
Mercado / Procura

Introdução  
à  
Economia

# 2ª QUESTÃO PROBLEMÁTICA

---

---



# Como medir a procura?

---

Mercado / Procura

# POSSIBILIDADES

- ↗ quantidade de dinheiro correspondente ao que se comprou ou que se desejaria comprar
- ↗ quantidade total de utilidades a usufruir com os bens correspondentes à procura
- ↗ quantidade do bem que se comprou ou se desejaria comprar
- ↗ energia consumida no processo de procura

# OPÇÃO E DIFICULDADES

⇒ A procura é medida pela quantidade física do bem que se comprou ou que se desejaria comprar verificadas determinadas condições:

$$q_D = f(\dots)$$

⇒ Dificuldade da comparabilidade entre mercados  
parcialmente resolvida pela sua expressão monetária

# QUESTÃO TERMINOLÓGICA (1)

---

---

↪ Se a procura é sempre medida pela **quantidade procurada** que significa é que tem a diferença entre

- variação da quantidade procurada
- variação da procura
- ?

# QUESTÃO TERMINOLÓGICA (2)

- ⇒ Considere-se um modelo  $q_D = f(A, B, C, D, E)$
- ⇒ Simplifique-se este modelo concentrando a atenção na variável A. Temos n funções conforme os valores atribuídos às variáveis B, C, D, e E:
- $q_D = f_1(A)$  para  $B_1, C_1, D_1, E_1$
- $q_D = f_2(A)$  para  $B_2, C_2, D_2, E_2$
- ...
- $q_D = f_n(A)$  para  $B_n, C_n, D_n, E_n$
- ⇒ Considere-se agora uma dessas funções:  $q_D = f_i(A)$ . Atribua-se dois valores a A:

$$A_k \Rightarrow q_{Dk}$$

$$A_j \Rightarrow q_{Dj}$$

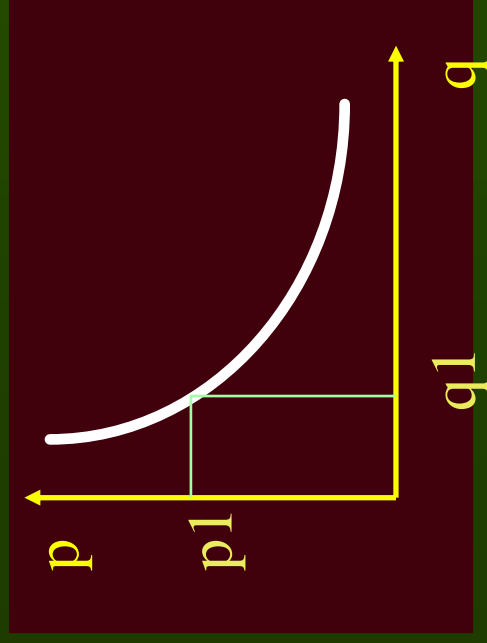
# QUESTÃO TERMINOLÓGICA

(3)

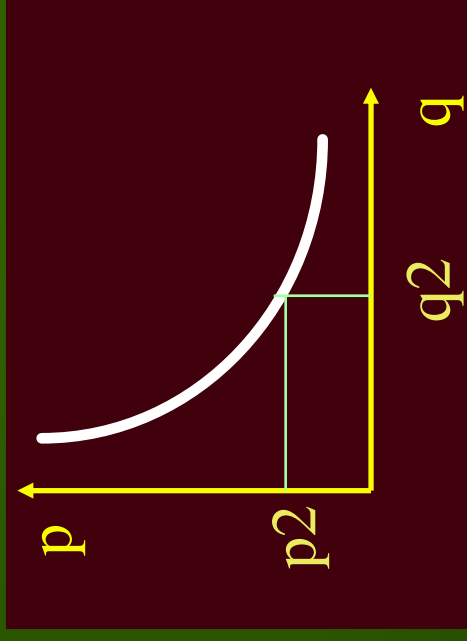
- Ao passar-se de  $q_{Dk}$  para  $q_{Dj}$  falamos em **variação da quantidade procurada**
- Ao passar-se de  $f_k$  para  $f_j$  falamos em **variação da procura**  
= variação da quantidade procurada para todos os valores da variável explicativa considerada no modelo
- Trata-se de uma convenção terminológica.

# QUESTÃO TERMINOLÓGICA (4)

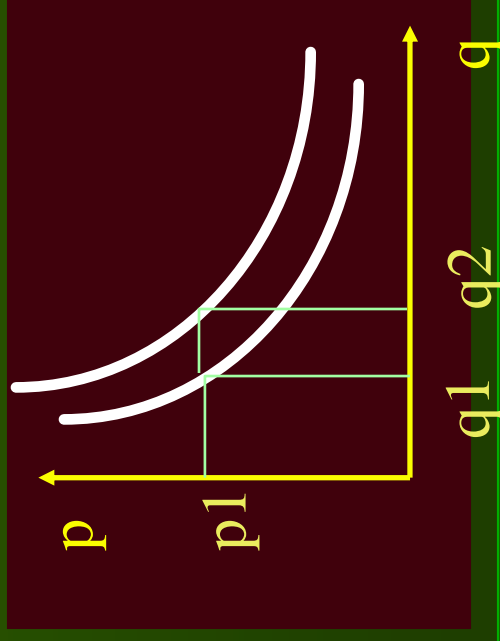
Situação original



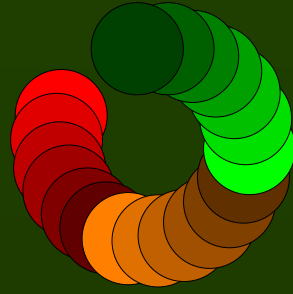
Varição  
da  
quantidade  
procurada



Varição  
da  
procura







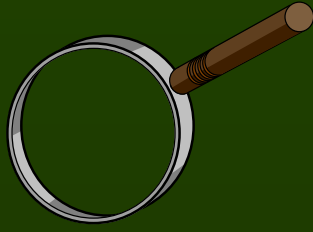
Diálogo com os estudantes.  
Apresentação de um exemplo em  
que estas duas formulações sejam  
usadas.

Introdução  
à  
Economia

# 3ª QUESTÃO PROBLEMÁTICA

---

---



# Procura de quê?

---

Mercado / Procura

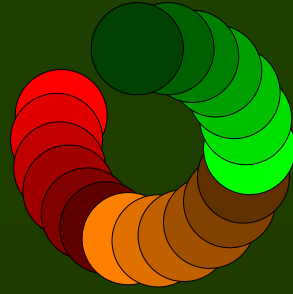
# POSSIBILIDADES

## ➤ Bens

“Todos os bens possuem características objectivas relevantes para as escolhas que as pessoas fazem entre diferentes conjuntos de bens”

## ➤ Características

“Os indivíduos diferem nas suas relações com diferentes características, melhor dizendo na sua valorização das características constitutivas de várias colecções de bens. Os consumidores estão interessados nas características. Possuem preferências por colecções de características e as preferências pelos bens é indirecta ou derivada na medida em que os bens são desejados apenas na medida em que produzem características”



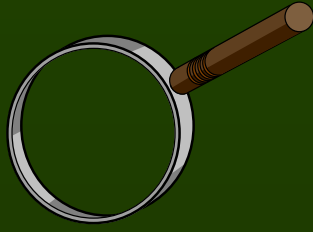
Diálogo com os estudantes.  
Semelhanças e diferenças entre  
as duas hipóteses de resposta.  
Exemplificação com alguns  
casos.

Introdução  
à  
Economia

# 4ª QUESTÃO PROBLEMÁTICA

---

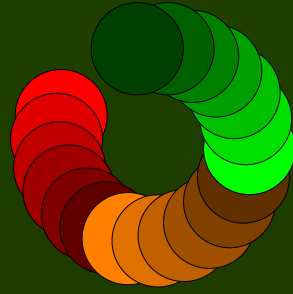
---



# De que depende a procura?

---

Mercado / Procura



Diálogo com os estudantes.  
Listagem de possíveis respostas à  
pergunta formulada

# SÍNTESE DAS RESPOSTAS (1)

- (A) Riqueza actual de  $i$
- (B) Riqueza futura prevista de  $i$
- (C) Rendimentos actuais de  $i$
- (D) Rendimentos futuros previstos de  $i$
- (E) Posição social de  $i$
- (F) Usos e costumes
- (G) Padrões culturais
- (H) Modos de vida
- (I) Preço do bem  $x$

# SÍNTESE DAS RESPOSTAS (2)

- (J) Preços dos bens sucedâneos de x
- (K) Preços dos bens complementares de x
- (L) Preço dos bens independentes de x
- (M) Comprimento do rabo dos gatos
- (N) Explosões solares
- (O) Posição relativa dos astros
- (P) Fases da lua
- (Q) Pluviosidade
- (R) Acesso ao crédito



# SÍNTESE DAS RESPOSTAS (3)

- (S) Gostos individuais
- (T) Gostos colectivos
- (U) Programas de televisão
- (V) Marketing do bem x
- (W) Marketing dos outros produtos
- (X) Ambiente de aceitação/rejeição do marketing
- (Y) Última ida à discoteca
- (Z) Conversas dos amigos sobre x
- (AA) Esquizofrenia

# SÍNTESE DAS RESPOSTAS (4)

- (AB) Desenvolvimento económico da sociedade de i
- (AC) Desenvolvimento tecnológico da sociedade de i
- (AD) Experiências passadas de compra
- (AE) Experiências passadas de tentativa de compra.
- (AF) Dinheiro disponível
- (AG) Rendimento monetário disponível
- (AH) Oferta
- (AI) Política económica
- (AJ) Situação política

Introdução  
à  
Economia

---

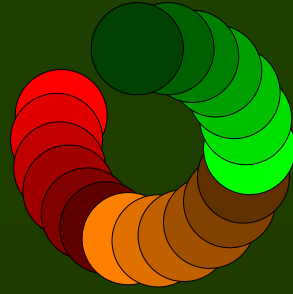
---

# SÍNTESE DAS RESPOSTAS (5)

- (AK) Características de x
- (AL) Estrutura do comércio retalhista
- (AM) Conjuntura económica

---

Mercado / Procura



Diálogo com os estudantes.  
Apreciação de cada uma das  
possíveis variáveis explicativas

Introdução  
à

Economia

# VARIÁVEIS QUE NÃO INFLUENCIAM A PROCURA

---

---

⇒ O que significa “Não influenciam” ...

⇒ Variáveis:

- (M) Comprimento do rabo dos gatos
- (N) Explosões solares
- (O) Posição relativa dos astros
- (P) Fases da lua
- (Q) Pluviosidade

---

Mercado / Procura

# VARIÁVEIS QUE INEQUIVOCAMENTE INFLUENCIAM DIRECTAMENTE A PROCURA (1)

⇒ O que significa “Influenciam directamente” ...

⇒ Variáveis:

- (I) Preço do bem  $x$
- (J) Preços dos bens sucedâneos de  $x$
- (K) Preços dos bens complementares de  $x$
- (AD) Experiências passadas de compra
- (AE) Experiências passadas de tentativa de compra.
- (AK) Características de  $x$
- (AL) Estrutura do comércio retalhista

# VARIÁVEIS QUE INEQUIVOCAMENTE INFLUENCIAM DIRECTAMENTE A PROCURA (2)

## ↪ Variáveis:

- (A) Riqueza actual de  $i$
- (B) Riqueza futura prevista de  $i$
- (C) Rendimentos actuais de  $i$
- (D) Rendimentos futuros previstos de  $i$

↪ Problema: Estas variáveis devem ser encaradas em termos monetários ou em termos reais?

↪ Pressupostos em relação a cada uma das possibilidades de resposta: ...

# VARIÁVEIS QUE PROVAVELMENTE INFLUENCIAM DIRECTAMENTE A PROCURA (1)

- ⇒ Os «gostos» influenciam certamente
- ⇒ O significado dos «gostos»
  - É um “poço sem fundo”.
  - É onde colocamos a emotividade e a irracionalidade individual que depois excluimos pela porta da racionalidade económica.
  - É onde colocamos a influência da religião, da ideologia, dos conhecimentos científicos e filosóficos, a educação, a acção cívica, os padrões culturais, o «extra-económico»
  - É incomensurável
- ⇒ Qual influencia directamente?
  - (S) Gostos individuais
  - (T) Gostos colectivos



# VARIÁVEIS QUE PROVAVELMENTE INFLUENCIAM DIRECTAMENTE A PROCURA (2)

## ↪ Variáveis

- (R) Acesso ao crédito
- (AF) Dinheiro disponível
- (AG) Rendimento monetário disponível

## ↪ Influenciam directamente?

- A resposta depende da racionalidade admitida, da existência ou não de ilusão monetária.
- Para haver troca é necessário a moeda (que não é neutra)

# VARIÁVEIS QUE PROVAVELMENTE INFLUENCIAM DIRECTAMENTE A PROCURA (3)

## ⇒ Variável:

- (AH) Oferta

## ⇒ Algumas constatações:

- Quando se vai procurar tem-se uma ideia
  - dos bens que existem
  - dos preços que são praticados
  - dos «custos de produção»
- A procura é influenciada
  - pela existência de muitos ou poucos bens
  - características do seu fornecimento
- Ninguém procura um *patilempitaca* porque não há oferta.

# VARIÁVEIS QUE PROVAVELMENTE INFLUENCIAM DIRECTAMENTE A PROCURA (3)

⇒ Ricardo:

“É o custo de produção que, em última análise, determina o preço dos produtos e não, como se tem frequentemente dito, a proporção entre a oferta e a procura: a proporção entre oferta e procura pode, na realidade, afectar o valor de mercado dum produto até que o seu abastecimento seja mais ou menos abundante consoante a sua procura possa aumentar ou diminuir; mas este efeito será só de curta duração”

- ⇒ Ensaios econométricos não desmentem a influência da oferta
- ⇒ Onde está a independência das funções procura e oferta?

Introdução  
à

Economia

# VARIÁVEIS QUE INFLUENCIAM INDIRECTAMENTE A PROCURA (1)

## ↪ Via Gostos Individuais / Gostos Colectivos

- (E) Posição social de i
- (F) Usos e costumes
- (G) Padrões culturais
- (H) Modos de vida
- (U) Programas de televisão
- (V) Marketing do bem x
- (W) Marketing dos outros produtos
- (X) Ambiente de aceitação / rejeição do marketing
- (Y) Última ida à discoteca
- (Z) Conversa dos amigos sobre x
- (AA) Esquizofrenia

Mercado / Procura

## VARIÁVEIS QUE INFLUENCIAM INDIRECTAMENTE A PROCURA (2)

- ↪ *Via Riqueza e Rendimento*
  - (L) Preço dos bens independentes de  $x$
- ↪ *Via múltipla*
  - (AB) Desenvolvimento económico da sociedade  $i$
  - (AC) Desenvolvimento tecnológico da sociedade  $i$
  - (AI) Política económica
  - (AM) Conjuntura Económica
  - (AJ) Situação política

# SÍNTESE DE RESPOSTA

↪ Das 40 variáveis inicialmente indicadas seleccionámos 12:

A + B + Riqueza monetária disponível

C + D + AG

I

J

K

R

S ou T

AD + AE

AF

AH

AK

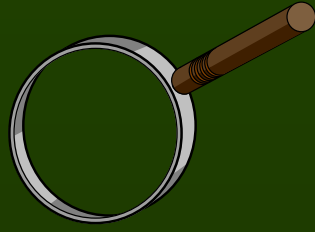
AL

Introdução  
à  
Economia

# 5ª QUESTÃO PROBLEMÁTICA

---

---



# Como elaborar o modelo da procura?

---

Mercado / Procura

# O QUE JÁ SABEMOS

- ⇒ Axiomática
- ⇒ Variável explicada
  - Conteúdo
  - Quantificação
- ⇒ Delimitação no espaço e no tempo
- ⇒ Variáveis explicativas e interconexões entre elas
- ⇒ Objectivo do modelo: explicar a realidade
- ⇒ Utilização da formalização matemática

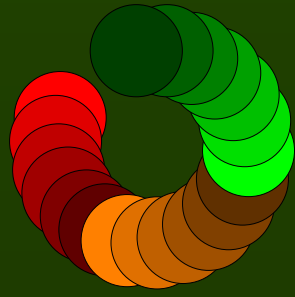


## ➤ Que tipo de modelo?

- ...
- estático, estático-comparado, dinâmico
- linear, não-linear
- funções descontínuas, contínuas
- equação, sistema de equações
- formas analíticas utilizáveis
- ...

# UMA HIPÓTESE DE MODELO

$$q_D = a_1 A + a_2 B + a_3 C + a_4 D + a_5 I + a_6 J + a_7 K + a_8 AD + \\ + a_9 AE + a_{10} AK + a_{11} AL + a_{12} S + a_{13} T + a_{14} AF + \\ + a_{15} AG + a_{16} AH$$



# Diálogo com os estudantes. Sobre o sinal provável de cada parâmetro

# ALGUMAS PRECISÕES (1)

- ⇒ O que foi apresentado é um **modelo geral da procura**
- ⇒ Normalmente trabalhamos
  - com modelos parciais
  - com introdução de *ceteris paribus*
  - que adaptam algumas das suposições de base

## ALGUMAS PRECISÕES (2)

⇒ Por exemplo:

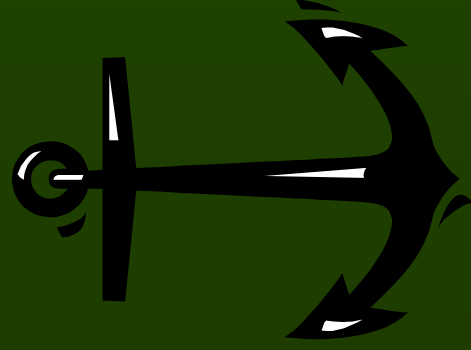
- Seleccionando apenas a variável explicativa preço do bem  $x$  temos a função procura *strictus sensus* da microeconomia
- Seleccionado apenas a variável rendimento e considerando a procura como realidade *ex post* podemos ter uma função consumo
- ...

Introdução  
à  
Economia

---

---

E AGORA ?



Para já...

**FIM DA MATÉRIA**



---

Mercado / Procura

**Slides em imagens: referência à cor**

# TIPOS DE MERCADO (4)

---

---

↪ O conjunto de elementos constitutivos do mercado por nós considerados e as decomposições que fizemos de cada um deles permitem-nos obter outras classificações de tipos de mercados.

A partir dos elementos constitutivos apresentados e do tipo de preocupações teóricas, económicas e sociais que exigem as classificações dos mercados em tipos procure construir uma tipificação que considere relevante.



## TIPOS DE MERCADO (4)

↪ O conjunto de elementos constitutivos do mercado por nós considerados e as decomposições que fizemos de cada um deles permitem-nos obter outras classificações de tipos de mercados.

*A partir dos elementos constitutivos apresentados e do tipo de preocupações teóricas, económicas e sociais que exigem as classificações dos mercados em tipos procure construir uma tipificação que considere relevante.*

**Slides com imagem e texto complementar**

Introdução  
à  
Economia

## VARIÁVEIS QUE INEQUIVOCAMENTE INFLUENCIAM DIRECTAMENTE A PROCURA (2)

---

↪ Segundo conjunto de variáveis:

- (A) Riqueza actual de  $i$
- (B) Riqueza futura prevista de  $i$
- (C) Rendimentos actuais de  $i$
- (D) Rendimentos futuros previstos de  $i$

**Problema:** Estas variáveis devem ser encaradas em termos monetários ou em termos reais?

**Pressupostos** em relação a cada uma das possibilidades de resposta: ...

---

Mercado / Procura 54

O que nos devemos interrogar, porque sobre o assunto existe bastante polémica, é se a riqueza e o rendimento devem ser analisados em termos monetários ou em termos reais. Como é sabido diversos autores privilegiam a vertente monetária e outros a sua expressão «real». Para uns os fluxos são por natureza monetários, a moeda comporta informação mas esta é incompleta ou cheia de «ruídos», a moeda é factor de «desequilíbrio», há «ilusão monetária», esses fluxos influenciam os comportamentos humanos num quadro de múltiplas influencias psicológicas (incluindo as de afectividade e irracionalidade) e sociais (desde as referências culturais aos jogos de prestígio). Tudo isto faria com que os modelos que pretendem descrever as acções dos homens devem ter como referencial as grandezas em termos monetários. Para outros os homens são perfeitamente racionais, possuem todas as informações de que necessitam para os seus cálculos económicos e têm capacidade de processar toda a informação. Assim sendo «deflacionam» todos os seus agregados e tomam as decisões em termos «reais».

## **Bibliografia**

A bibliografia que se indica não é completa. Seria impossível indicar todos os livros introdutórios de Economia que se referem aos mercados e à procura. Sendo matérias centrais de qualquer estudo das economias capitalistas a listagem da bibliografia deste tema aproxima-se bastante da que poderíamos fazer para a globalidade da disciplina. Alguns não constam porque desconheço a sua existência, apesar das pesquisas realizadas. Outros têm o mesmo destino porque não os considero adequados e não os indicaria aos estudante por minha iniciativa.

Dissemos quando da abordagem da disciplina que não existe nenhum livro que apresente as matérias na sequência utilizada por nós. Isso também é verdade no estudo do mercado e da procura. Basta considerarmos a importância inicialmente atribuída a conceitos como de racionalidade para o confirmarmos.

Por esta razão a listagem que se segue é quase exemplificativa, dividindo-a em três secções:

– Obras de Introdução à Economia

Trabalhos que científica e pedagogicamente foram elaboradas para funcionarem como manuais de iniciação à Economia a um nível universitário.

– Obras avançadas

Obras que aprofundam determinadas matérias, que no essencial são para um nível mais avançado mas onde os alunos podem ir buscar uma ou outra informação.

– Clássicos

Obras de autor de nomeada onde é sempre útil ir buscar uma ou outra informação, este ou aquele texto para análise.

A este nível introdutório faz pouco sentido recorrer a artigos de revista como bibliografia de uso comum. Tal não invalida que para algumas reflexões que os estudantes tivessem de fazer, nomeadamente sobre a procura e o mercado, não lhes exigisse uma pesquisa bibliográfica que tivesse em conta as revistas e a leitura de alguns dos seus artigos.

Uma última observação. As obras seguintes estão referidas à edição com que trabalhamos, mas qualquer edição mais recente é preferível.

**OBRAS DE INTRODUÇÃO À ECONOMIA**

AAVV

*Enciclopédia Prática de Economia*

São Paulo, Nova Cultural

sd, fascic.

BARRE, RAYMOND

*Économie Politique*

Paris, PUF

1965,884

GALVES, CARLOS

Manual de Economia Política Atual

*Rio de Janeiro, Forense Universitária*

12,1991,628

MOCHON, FRANCISCO e TROSTER, ROBERTO L.

*Introdução à Economia*

Rio de Janeiro, Makron Books

1994,391

MORCILLO, F. MOCHON

*Economia. Teoria y Política*

Madrid, McGraw-Hill

1,1989,601

MOURA, FRANCISCO P.

*Lições de Economia*

Lisboa, Livraria Clássica Editora

447

MOURA, FRANCISCO P. e AAVV

*Introdução à Economia. Aulas Práticas*

Lisboa, Instituto Superior de Economia

1965

NEVES, JOÃO L. CESAR

*Introdução à Economia*

Lisboa, Verbo

2,1993,458

PIMENTA, CARLOS e SATURNINO, M. TERESA

*Pensar a Economia. 10º Ano: Métodos de Estudo. Exercícios de Economia*

Porto, Porto Editora

1,1994,415

PINHO, DIVA BENEVIDES e AAVV

*Manual de Economia*

São Paulo, Editora Saraiva

1,1988,443

ROSSETTI

*Introdução à Economia. Livro de Exercícios.*

São Paulo, Atlas

1,1983,279

ROSSETTI, JOSÉ P.

*Introdução à Economia*

São Paulo, Editora Atlas

11,1985,744

SAMUELSON, PAUL A. e NORDHAUS, WILLIAM D.

Tradutor GODINHO, MANUEL MIRA

*Economia*

Lisboa, McGraw-Hill

12,1988,1166

SCHNEIDER, ERICH

*Teoria Económica. Equilíbrio e Preço. (Vol. 2)*

Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura

1962,417

STANLAKE, GEORGE F.

Tradutor SEIXAS, PAULA M.R.

*Introdução à Economia*

Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

1993,757

### **OBRAS AVANÇADAS**

BRANSON, WILLIAM H.

Tradutor TTVV

*Macroeconomia, Teoria e Política.*

Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

1986,793

DORNBUSCH, RUDIGER e FISCHER, STANLEY

*Introdução à Macroeconomia*

Rio de Janeiro, Makron Books

1993,307



DORNBUSCH, RUDIGER e FISCHER, STANLEY

*Macroeconomics*

Nova Iorque, McGraw-Hill

5,1987,828

FERGUSON, C. E.

*Microeconomia*

Rio de Janeiro, Forense Universitária

14, 1990, 609

JESUS, FERNANDO DE

*Introdução à Teoria Microeconómica*

Lisboa, Dom Quixote

1, 1992, 261

MADDALA, G. S. & MILLER, ELLEN

*Microeconomics. Theory and Applications*

Nova Iorque, MacGraw Hill

1989, 621

MILLER, ROGER LEROY

Tradutor GEDANKE, SARA

*Microeconomia. teoria, Questões & Aplicações*

Rio de Janeiro, McGraw-Hill

1981,502

SACHS, JEFFREY D. e LARRAIN, FELIPE

Tradutor GEDANKE, SARA R.

*Macroeconomia*

Rio de Janeiro, Makron Books

1995,903

## CLÁSSICOS

BAWERK, EUGEN VON B.

Tradutor BARAÚNA, LUIZ JOÃO

*Teoria Positiva do Capital*

São Paulo, Nova Cultural

2,1988, 2 Vol.

FRIEDMAN, MILTON e FRIEDMAN, ROSE D.

Tradutor CARLI, LUCIANA

*Capitalismo e Liberdade*

São Paulo, Nova Cultural

3,1988,11,182

JAVONS, W. STANLEY

Tradutor MORAIS, CLÁUDIA L.

*A Teoria da Economia Política*

São Paulo, Nova Cultural

3,1988,212

KEYNES, JOHN MAYNARD

*Teoria Geral do Emprêgo, do Juro e do Dinheiro*

Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura

1964,366

MARSHALL, ALFRED

Tradutor TTVV

*Princípios de Economia*

São Paulo, Nova Cultural  
1988, 2 Vol.

MARX, KARL

Tradutor VV

*Le Capital*

Paris, Editions Sociales

1969,8 vol.

MENGER, CARL

Tradutor BARAUNA, LUIZ JOAO

*Princípios de Economia Política*

São Paulo, Nova Cultura

3,1988,181

MILL, JOHN STUART

Tradutor BARAÚNA, LUIZ JOÃO

*Princípios de Economia Política*

São Paulo, Nova Cultural

3,1988, 3 Vol.

PARETO, VILFREDO

Tradutor NETTO, JOÃO G. V.

*Manual da Economia Política*

São Paulo, Nova Cultural

3,1988, 2 Vol.

QUESNAY, FRANÇOIS

Tradutor CARDOSO, TEODORA

*Quadro Económico*

Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

2,02/1978,403

RICARDO, DAVID

Tradutor FERREIRA, MARIA A,

*Princípios de Economia Política e de Tributação*

Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

3,1983,512

SMITH, ADAM

Tradutor AGUIAR, LUÍS C.

*Riqueza das Nações*

Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

08/1983, 2 Vol.

WALRAS

Tradutor NETTO, JOAO G. V.

*Compendio dos Elementos de Economia Política Pura*

São Paulo, Nova Cultural

1988,235

**Capítulo do livro sobre distribuição**

PARTES DO LIVRO  
*PROBLEMAS FUNDAMENTAIS DA ECONOMIA*  
QUE SE REFEREM AO MERCADO E À PROCURA

Na apresentação da disciplina apresentamos uma proposta de livro susceptível de abordar grande parte das temáticas que consideramos fundamentais. Nele alguns pontos referem-se exclusivamente aos mercados e à procura.

Como temos insistido amiudadamente pode, diríamos deve. não haver correspondência pormenorizada entre o livro e a sala de aula. No entanto aquele funciona como uma referência importante.

Também o livro pode ser diferente conforme a realidade económica e social em que se insere por diferentes razões:

1. O texto teórico tem de ter em conta o grau de preparação cultural, científica e económica dos estudantes que vão utilizá-lo. Basta em alguns países os estudantes que entram na Faculdade não terem tido nenhuma formação anterior em Economia e outros terem-na tido para haver diferentes cuidados a ter. Poder-se-á elaborar um texto que contemple os diversos níveis de formação, o que poderia ser aconselhável do ponto de vista editorial, mas pode não ser a melhor situação.
2. Uma das vertentes que consideramos «inovadora» no projecto é a sistemática reflexão sobre a realidade concreta do País, da região e do Mundo a que os ensinamentos de Economia se aplicam. Estas entradas obviamente mudarão conforme a situação social que o livro pretende analisar e interpretar. Também as sínteses ou, se pretendermos, as tentativas de conciliação entre os modelos generalizadamente apresentados e a realidade concreta do País serão diferentes.
3. Finalmente, os comentários críticos certamente reflectirão os padrões culturais, as preocupações económico-sociais dominantes, o nível de formação dos economistas, os desvios sentidos entre os modelos consagrados e a vivência social concreta.

O que apresentamos de seguida é o conjunto dos pontos do referido livro que se referem aos mercados e à procura, acrescentando aqui e ali alguns comentários ou recomendações pontuais.

### *1. produção*

Do ponto de vista estritamente conceptual o mercado exige oferta mas não exige produção. Ao anteciparmos a circulação pelo estudo da produção chama-se a atenção para o primado desta na dinâmica global do económico.

No estudo da produção dever-se-á tratar com bastante cuidado todos os pontos que constam do respectivo capítulo e que aqui nos dispensamos de referir.

Tendo em atenção a matéria seguinte é particularmente importante ligar a produção às relações sociais de produção, à divisão social de trabalho, a uma determinada organização desta e respectiva racionalidade.

O conceito de produção deve ser apresentado com muito cuidado. É uma matéria altamente controversa e sobre ela não devem ficar dúvidas, pelo menos sobre as posições alternativas existentes. Seria profundamente errado que se tratasse a produção com conceitos genéricos que levassem a identificar produção com produção de bens materiais numa estrita lógica de empresa.

## **2. CIRCULAÇÃO**

A moeda é uma realidade histórica. O mercado assume a sua plena maturidade com o capitalismo. O capitalismo é necessariamente monetário, mas as análises neoclássicas do mercado ou não consideram a moeda ou consideram-na neutra. É uma análise suficientemente consagrada para ter de ser apresentada, mas é suficientemente incorrecta para ter de ser criticada.

A arrumação seguinte pretende co-apresentar o 'tradicional' e a exigência de um outro tipo de abordagem.

### **2.1. NA HIPÓTESE DE NEUTRALIDADE DA MOEDA**

#### **2.1.1. NOÇÃO DE CIRCULAÇÃO**

A noção de circulação é mais ampla do que a de troca. Envolve também conceitos ex-ante que, num quadro de certa racionalidade, viabilizam a operação de troca, ex-post.

É uma excelente oportunidade para analisar com algum cuidado as diferenças e semelhanças. os conflitos e as articulações entre o ex-ante e o ex-post. Provavelmente esse problema terá de ser retomado noutras

momentos em que o estudante já tenha um conhecimento maior mas na base de alguns exemplos é possível introduzir aqui a problemática com bastante rigor.

### **2.1.2. NOÇÃO DE MERCADO**

DESCRIÇÃO DO FUNCIONAMENTO CONCRETO DE MERCADOS EM DIVERSOS ÂMBITOS ECONÓMICO-SOCIAIS.

A partir desse enunciado concreto será possível avançar para o abstracto.

A metodologia de passagem do concreto para o abstracto pode ser a que apresentamos no diálogo ou na sequência de slides constantes deste trabalho mas a sequência de resposta não pode ser exactamente a mesma, mais do que não seja porque este ponto da circulação tem uma sequência temática que exige uma certa compartimentação na abordagem do problema.

Nos pontos seguinte analisa-se alguns elementos constitutivos do mercado. Dá-se-lhes uma arrumação que reflecte indirectamente os padrões tradicionais de abordagem do problema. Contudo deve ter-se sempre em atenção que o conteúdo deve reflectir as preocupações novas que nos levaram a construir o livro

### **2.1.3. A OFERTA**

Tal como no diálogo ou nos slides a Oferta está afastada do centro das nossas preocupações, mais que não seja porque tal exigiria o estudo prévio da produção.

Por esta razão somos particularmente parcós nos comentários aos pontos que a constituem.

#### **2.1.3.1. NOÇÃO DE OFERTA**

Durante este ponto e os seguintes deve-se apresentar o conceito de oferta na sua formulação mais genérica e, por isso mesmo, considerá-la como função de um vasto conjunto de variáveis.

É seguir a metodologia utilizada no diálogo e nos slides. Primeiro construir um modelo geral. Depois assumir a dependência do preço, da



tecnologia, etc. como casos particulares, a que corresponde uma certa adaptação de algumas das hipóteses iniciais.

### **2.1.3.2. UM CONCEITO PARA UMA DIVERSIDADE DE SITUAÇÕES**

#### **2.1.3.2.1. BENS MATERIAIS E SERVIÇOS**

##### **2.1.3.2.1.1. CONSUMO FINAL**

##### **2.1.3.2.1.2. INVESTIMENTO**

##### **2.1.3.2.1.3. MERITÓRIOS**

#### **2.1.3.2.2. INFORMAÇÃO**

#### **2.1.3.2.3. TERRA**

DESCRIÇÃO CONCRETA DE OFERTA DE TERRA EM DIVERSOS ÂMBITOS ECONÓMICO-SOCIAIS ESTREITAMENTE ASSOCIADOS AO PAÍS.

#### **2.1.3.2.4. CAPITAL-DINHEIRO**

DESCRIÇÃO CONCRETA DE OFERTA DE CAPITAL-DINHEIRO EM DIVERSOS ÂMBITOS ECONÓMICO-SOCIAIS ESTREITAMENTE ASSOCIADOS AO PAÍS.

#### **2.1.3.2.5. FORÇA DE TRABALHO**

DESCRIÇÃO CONCRETA DE OFERTA DE FORÇA DE TRABALHO EM DIVERSOS ÂMBITOS ECONÓMICO-SOCIAIS ESTREITAMENTE ASSOCIADOS AO PAÍS.

#### **2.1.3.2.6. VALORES DIVERSOS**

Para fazer referência a outros aspectos não englobados anteriormente indo desde a 'oferta de favores' às teorias da família com base nos conceitos económicos

#### **2.1.3.2.7. PRINCÍPIO DA EXCLUSÃO**

Os princípios habitualmente apresentados baseiam-se no princípio da exclusão na utilização do bem. Aqui pretende-se analisar como é que a oferta deve ser encarada quando este princípio não se verifica.

#### **2.1.3.3. MOTIVAÇÕES**

DESCRIÇÃO CONCRETA DAS MOTIVAÇÕES DE OFERTA DOS «AGENTES ECONÓMICOS» EM DIVERSOS ÂMBITOS ECONÓMICO-SOCIAIS ESTREITAMENTE ASSOCIADOS AO PAÍS, TENDO A PREOCUPAÇÃO DE APRESENTAR A REFERÊNCIA A DIVERSAS SITUAÇÕES.

A existência de uma determinada racionalidade económica é, simultaneamente, o elemento organizador da actividade económica na possível aleatoriedade da divisão social do trabalho e da independência dependente de cada produtor e o substrato da interpretação científica dessa realidade.

Muito provavelmente existem diferentes racionalidades ou em simbiose (por exemplo uma mescla de «autoridade» e «mercado») ou justaposição (por exemplo, uma típica do sector informal e outra das sociedades anónimas)

#### **2.1.3.3.1. PRESSUPOSTOS DE RACIONALIDADE**

#### **2.1.3.3.2. ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA**

#### **2.1.3.3.3. TECNOCRACIAS EMPRESARIAIS**

#### **2.1.3.4. AGENTES E CIRCUITOS**

Identificar os agentes económicos envolvidos na oferta.

Mostrar a diversidade de agentes conforme as situações de oferta anteriormente referidas. Chamar a atenção para a diversidade de posições sociais e motivações.

Analisar os encadeamentos de mercados na oferta (e procura) de um mesmo bem. Desde o mercado mundial ao mercado local, desde o mercado por grosso ao mercado a retalho.

**DESCRIÇÃO CONCRETA DE AGENTES E CIRCUITOS EM DIVERSOS ÂMBITOS ECONÓMICO-SOCIAIS ESTREITAMENTE ASSOCIADOS AO PAÍS.**

#### **2.1.3.5. RELAÇÕES SOCIAIS E VARIÁVEIS**

A oferta (ex-ante) e a venda (ex-post) são relações inter-individuais, são relações sociais. É necessário explicitá-las.

Cada relação social tem contextos e condicionantes directos.

#### **2.1.3.6. LEI DA OFERTA**

##### **2.1.3.6.1. FUNÇÃO OFERTA-PREÇO**

De entre as diversas variáveis condicionadoras da oferta está o preço. Vantagens e desvantagens da redução da função oferta à variável explicativa preço, ceteris paribus.

Explicitação dos seus pressupostos lógicos nos diferentes casos de oferta.

Da oferta individual à oferta global

Apresentação matematizada.

##### **2.1.3.6.2. REPRESENTAÇÃO GEOMÉTRICA**

##### **2.1.3.6.3. OS AGENTES ECONÓMICOS E A FUNÇÃO OFERTA-PREÇO**

##### **2.1.3.6.4. LEI**

Síntese das considerações anteriores sobre a oferta.

...

Primeira reflexão sobre o seu significado.

#### **2.1.4. A PROCURA**

A metodologia de apresentação da procura consta detalhadamente das diversas partes do presente relatório. Tal facto dispensa-nos de especificar detalhadamente cada um dos pontos seguintes.

##### **2.1.4.1. DE BENS**

###### **2.1.4.1.1. NOÇÃO DE PROCURA**

Começar por confrontar as diversas possibilidades de noção de procura. Para aumentar a coerência do que se apresenta seguidamente deve-se «assentar» numa certa definição, o que não impede que aqui e além se levantem as diversas possibilidades.

Durante este ponto e os seguintes deve-se apresentar o conceito de procura na sua formulação mais genérica e, por isso mesmo, considerá-la como função de um vasto conjunto de variáveis.

Só na análise da lei da procura é que se deve reduzir a uma relação explicada pelo preço, explicando as razões dessa redução.

###### **2.1.4.1.2. UM CONCEITO PARA UMA DIVERSIDADE DE SITUAÇÕES**

A generalidade de análise que se pretende exige que não restrinjamos a análise aos bens de consumo final.

Apresenta-se uma listagem de procuras que podem exigir considerações particulares.

###### **2.1.4.1.2.0.1. BENS**

###### **2.1.4.1.2.0.1.1. DE CONSUMO FINAL**

###### **2.1.4.1.2.0.1.2. DE INVESTIMENTO**

###### **2.1.4.1.2.0.1.3. ARMAMENTO**

**2.1.4.1.2.0.2. INFORMAÇÃO**

**2.1.4.1.2.0.3. TERRA**

DESCRIÇÃO CONCRETA DA PROCURA DE TERRA EM DIVERSOS ÂMBITOS ECONÓMICO-SOCIAIS ESTREITAMENTE ASSOCIADOS AO PAÍS.

**2.1.4.1.2.0.4. CAPITAL-DINHEIRO**

DESCRIÇÃO CONCRETA DA PROCURA DE CAPITAL-DINHEIRO EM DIVERSOS ÂMBITOS ECONÓMICO-SOCIAIS ESTREITAMENTE ASSOCIADOS AO PAÍS.

**2.1.4.1.2.0.5. FORÇA DE TRABALHO**

DESCRIÇÃO CONCRETA DA PROCURA DE FORÇA DE TRABALHO EM DIVERSOS ÂMBITOS ECONÓMICO-SOCIAIS ESTREITAMENTE ASSOCIADOS AO PAÍS.

**2.1.4.1.2.0.6. VALORES DIVERSOS**

Para fazer referência a outros aspectos não englobados anteriormente indo desde a 'procura de favores' às teorias da família com base nos conceitos económicos.

**2.1.4.1.2.0.7. PRINCÍPIO DA EXCLUSÃO**

**2.1.4.2. DE CARACTERÍSTICAS**

Apresentação da 'nova teoria do consumidor'

**2.1.4.2.1. HETEROGENEIDADE DOS BENS**

Razões fundamentais da importância da nova teoria do consumidor.

Incidência da análise na heterogeneidade dos bens.

#### **2.1.4.2.2. PROCURA DE CARACTERÍSTICAS**

Noção de característica

Natureza e determinantes da procura de características.

#### **2.1.4.2.3. RUPTURAS E CONTINUIDADES COM MODELO ANTERIOR**

Comparação dos pressupostos da 'velha' e da 'nova' teoria do consumidor. Explicitação das semelhanças e diferenças.

'Passagem' da procura de bens a características e destas a aqueles.

#### **2.1.4.3. MOTIVAÇÕES**

DESCRIÇÃO CONCRETA DAS MOTIVAÇÕES DE PROCURA DOS «AGENTES ECONÓMICOS» EM DIVERSOS ÂMBITOS ECONÓMICO-SOCIAIS ESTREITAMENTE ASSOCIADOS AO PAÍS, TENDO A PREOCUPAÇÃO DE APRESENTAR A REFERÊNCIA A DIVERSAS SITUAÇÕES.

Recorde-se o que se disse anteriormente sobre a racionalidade.

##### **2.1.4.3.1. PRESSUPOSTOS DE RACIONALIDADE**

Apresentação das diversos entendimento do que é a racionalidade.

Apresentação das diversas hipóteses de racionalidade, concentrando inevitavelmente alguma atenção na «racionalidade olímpica» por ser ela a mais difundida nos modelos de mercado.

##### **2.1.4.3.2. UM QUOTIDIANO MAIS MODESTO**

DESCRIÇÃO CONCRETA DAS RACIONALIDADES EFECTIVAMENTE EXISTENTES EM DIVERSOS ÂMBITOS ECONÓMICO-SOCIAIS ESTREITAMENTE ASSOCIADOS AO PAÍS, TENDO A PREOCUPAÇÃO DE APRESENTAR A REFERÊNCIA A DIVERSAS SITUAÇÕES.

Impossibilidade da 'racionalidade olímpica'

Ensinamentos da Psicologia Económica

Contributos para um novo conceito de racionalidade

#### **2.1.4.3.3. ALGUMAS REFERÊNCIAS A OUTRAS LEITURAS: O MARKETING**

O marketing tem como uma das suas vertentes fundamentais o estudo do comportamento do potencial consumidor.

Diversos dos seus modelos apresentam importantes contributos para o estudo das motivações de quem procura, particularmente para certo tipo de bens.

#### **2.1.4.4. AGENTES E CIRCUITOS**

Identificar os agentes económicos envolvidos na procura.

Mostrar a diversidade de agentes conforme as situações de procura anteriormente referidas. Chamar a atenção para a diversidade de posições sociais e motivações.

Analisar os encadeamentos de mercados na procura (e oferta) de um mesmo bem. Desde o mercado mundial ao mercado local, desde o mercado por grosso ao mercado a retalho.

**DESCRIÇÃO CONCRETA DE AGENTES E CIRCUITOS EM DIVERSOS ÂMBITOS ECONÓMICO-SOCIAIS ESTREITAMENTE ASSOCIADOS AO PAÍS.**

#### **2.1.4.5. RELAÇÕES SOCIAIS E VARIÁVEIS**

A procura (ex-ante) e a compra (ex-post) são relações inter-individuais, são relações sociais. É necessário explicitá-las, não as esquecer através da exclusiva consideração do objecto.

Cada relação social tem contextos e condicionantes directos. São as variáveis da relação social.

#### **2.1.4.6. LEI DA PROCURA**

#### **2.1.4.6.1. FUNÇÃO PROCURA-PREÇO**

De entre as diversas variáveis condicionadoras da procura está o preço. Vantagens e desvantagens da redução da função procura à variável explicativa preço, ceteris paribus.

Explicitação dos seus pressupostos lógicos nos diferentes casos da procura.

Da procura individual à procura global

Apresentação matematizada.

#### **2.1.4.6.2. REPRESENTAÇÃO GEOMÉTRICA**

#### **2.1.4.6.3. OS AGENTES ECONÓMICOS E A FUNÇÃO PROCURA-PREÇO**

Os diferentes agentes económicos têm, como vimos, racionalidades específicas.

Os diferentes agentes face à função procura-preço anteriormente explicitada

#### **2.1.4.6.4. LEI**

Síntese das considerações anteriores sobre a procura.

Explicitação do essencial foi a forma de enunciação de uma lei.

### **2.1.5. ESTRUTURA DE MERCADO**

#### **2.1.5.1. VALOR, PREÇO, OFERTA E PROCURA**

Nos pontos anteriores analisou-se como a quantidade procurada (oferecida) é influenciada pelo preço e como a procura (oferta) altera a influencia do preço sobre essas variáveis.

Agora explicar-se-á como a conjugação das diversas forças influenciam o preço. Não se pode confundir 'influenciar' com 'determinar', nem ser 'única determinante' com o ser 'uma das determinantes'



O conceito de valor, síntese de múltiplas determinantes essenciais tem de ser referido (embora o seu desenvolvimento seja matéria de outro capítulo)

#### **2.1.5.1.1. ALGUNS APONTAMENTOS DA HISTÓRIA DA ECONOMIA POLÍTICA**

Breve síntese das preocupações dos economistas em explicar os preços e a emergência de conceitos de valor.

Relacionamentos entre valor e preços.

Reflexões sobre o significado do 'abandono' recente desse conceito.

#### **2.1.5.1.2. PREÇOS, REGULADOR DA ECONOMIA**

DESCRIÇÃO CONCRETA DOS TIPOS DE PREÇOS, DOS MECANISMOS DE FORMAÇÃO DE PREÇOS E DA IMPORTÂNCIA DESTES NAS DECISÕES DOS CIDADÃOS, TUDO ISTO EM DIVERSOS ÂMBITOS ECONÓMICO-SOCIAIS ESTREITAMENTE ASSOCIADOS AO PAÍS.

Racionalidade económica capitalista, motivações de actuação.

Os preços como indicador impulsionador de decisões e comportamentos dos agentes.

Os preços absolutos e relativos.

A importância do preços nas decisões de procura e oferta e o impacto destas sobre toda a actividade económica.

Racionalidade, preços, previsão: as expectativas.

Tipos de expectativas. Importância e perigos da sua inclusão nos modelos.

Nem sempre a realidade é como é postulado pelos modelos: ausência de uma racionalidade capitalista, ausência de uma 'racionalidade olímpica', existência de 'ruído' nos mercados, sobreposição de preços para a mesma realidade, etc.

#### **2.1.5.1.3. O ATRACTOR PREÇO DE EQUILÍBRIO**

Modelos completos da oferta e da procura, complexidade, não linearidade e atractores.

Hipóteses de análise conducentes à existência de um único atrator, de um ponto de convergência. O preço de equilíbrio.

Apresentação e crítica do «teorema da teia de aranha». Sua utilização para mostrar as hipóteses de atratores estranhos, determinismo caótico e irreversibilidade do tempo social.

#### **2.1.5.1.4. LEI DA OFERTA E DA PROCURA**

Reconsideração das variáveis influenciadoras da oferta e da procura

Enunciação da lei da oferta e da procura e explicitação das suas hipóteses.

Semelhanças e diferenças em relação à lei da oferta e a lei da procura.

#### **2.1.5.1.5. PARTE INTEGRANTE DE UM MODELO COMPLEXO**

Foi estudado que o preço é apenas uma das variáveis explicativas da oferta e da procura.

ceteris paribus condiciona a análise do problema; referências para a complexização do problema.

.

#### **2.1.5.2. CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO DOS MERCADOS**

Explicitação dos elementos integradores do mercado (também além da oferta e procura) e moldadores da sua estrutura.

Estas temáticas mereceram grande desenvolvimento nos textos anteriores

##### **2.1.5.2.1. OBJECTO DA OFERTA E DA PROCURA**

##### **2.1.5.2.2. ESPACIALIDADE**

##### **2.1.5.2.3. TEMPORALIDADE**

##### **2.1.5.2.4. HOMOGENEIDADE**

#### **2.1.5.2.5. BARREIRAS DE ENTRADA E SAÍDA**

DESCRIÇÃO CONCRETA DAS BARREIRAS DE ENTRADA E SAÍDA EM DIVERSOS ÂMBITOS ECONÓMICO-SOCIAIS ESTREITAMENTE ASSOCIADOS AO PAÍS.

#### **2.1.5.2.6. INFORMAÇÃO**

DESCRIÇÃO CONCRETA DA INFORMAÇÃO ECONÓMICA EXISTENTE EM DIVERSOS ÂMBITOS ECONÓMICO-SOCIAIS ESTREITAMENTE ASSOCIADOS AO PAÍS.

#### **2.1.5.2.7. INTERVENÇÃO INSTITUCIONAL**

A intervenção estatal, normalmente referenciada neste ponto, é apenas uma parte da intervenção institucional. Por outro lado é necessário distinguir entre sobredeterminação política e intervenção directa, entre gestão económica e política económica.

Fazer uma análise abrangente, envolvendo a diversidade de instituições, o que não se reduz à estrita caracterização de agente económico (nacionais, supranacionais e internacionais)

DESCRIÇÃO DE ALGUNS ASPECTOS DO ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL AO FUNCIONAMENTO DOS MERCADOS NO PAÍS OU COM ELE DIRECTAMENTE RELACIONADOS.

#### **2.1.5.2.8. QUANTIDADE DE INTERVENIENTES**

#### **2.1.5.2.9. ESTRATÉGIAS**

As características do mercado podem ser bastante diferentes, ceteris paribus, conforme os objectivos de cada agente económicos e o seu inter-relacionamento, conforme os elementos influenciadores das suas próprias actuações.

Breve referência a modelos de teoria dos jogos e de inteligência artificial.

#### **2.1.5.2.10. FORÇA NEGOCIAL**

#### **2.1.5.3. TIPOS DE MERCADO**

##### **2.1.5.3.1. CRUZAMENTO DOS CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO**

Análise da diversidade de situações resultantes do cruzamento das múltiplas variáveis anteriormente consideradas.

Apresentação das classificações típicas.

##### **2.1.5.3.2. AS FUNÇÕES OFERTA E PROCURA DO PONTO DE VISTA DE CADA UM DOS AGENTES**

Relação entre oferta e procura do mercado e oferta e procura consideradas por cada um dos agentes na gestão das suas decisões.

##### **2.1.5.4. CONCORRÊNCIA MONOPOLÍSTICA**

O mercado de concorrência perfeita é um modelo de referência útil e irrealista

Apresentação do mercado de concorrência perfeita

Apreciação das suas vantagens e desvantagens.

O realismo da concorrência monopolística.

Apresentação pormenorizada do mercado de concorrência monopolística.

##### **2.1.5.5. ALGUNS APONTAMENTOS HISTÓRICOS**

Referências históricas à evolução dos mercados

REFERÊNCIA HISTÓRICA À EVOLUÇÃO DOS MERCADO NO PAÍS E NO ENQUADRAMENTO INTERNACIONAL DO MESMO.

##### **2.1.5.6. GENERALIZAÇÕES DO CONCEITO DE MERCADO**

O conceito de mercado pode ser utilizado para analisar, total ou parcialmente, aspectos que não são estritamente, que não são essencialmente económicos: corrupção, família, etc.

**ANÁLISE CONCRETA DE ALGUMAS DESTAS SITUAÇÕES NO PAÍS.**

## **2.1.6. DO EQUILÍBRIO PARCIAL AO EQUILÍBRIO GERAL**

### **2.1.6.1. EQUILÍBRIO PARCIAL**

Síntese das referências anteriores em torno do conceito de equilíbrio de mercado

Significado do equilíbrio parcial

Relações entre mercados de produtos sucedâneos e complementares

Relações entre mercados impostas pela repartição do rendimento e recursos limitados

### **2.1.6.2. EQUILÍBRIO GERAL**

Generalização dos modelos de equilíbrio parcial.

Apresentação simples dos modelos de equilíbrio geral

Hipóteses de partida destes modelos. Suas vantagens e desvantagens.

### **2.1.6.3. A MOEDA INEXISTENTE OU NEUTRA**

Análise da forma como a moeda é, ou não, considerada.

Significado do conceito de moeda neutra.

## **2.1.7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS SOBRE OS MODELOS APRESENTADOS**

Síntese de algumas reflexões críticas sobre os modelos anteriormente apresentados, tomando como alvo dois aspectos: os conceitos de equilíbrio e moeda.

### **2.1.7.1. RECONSIDERAÇÃO DA ANÁLISE NA AUSÊNCIA DE NEUTRALIDADE DA MOEDA**

A moeda é uma realidade histórica (como analisaremos)

A moeda é desequilíbrio (rompe a simetria de informação no processo de troca, é entesourada/desentesourada, há contradições entre o cumprimento das diversas funções da moeda, a articulação recíproca entre tipos de moeda inclui processos de ruptura)

Início de resposta à pergunta: que aspectos da análise anterior perderiam significado se se eliminasse a hipótese de neutralidade da moeda?

### **2.1.7.2. DINÂMICA, IRREVERSIBILIDADE E EQUILÍBRIO**

Crítica ao conceito de equilíbrio ou à existência do conceito de equilíbrio.

## **2.2. A MOEDA COMO REALIDADE HISTÓRICA**

### **2.2.1. A MOEDA**

#### **2.2.1.1. APONTAMENTOS HISTÓRICOS**

APRESENTAÇÃO DE UMA HISTÓRIA DAS TROCAS, DOS EQUIVALENTES E DA MOEDA NO PAÍS.

##### **2.2.1.1.1. ATÉ AO EQUIVALENTE GERAL**

##### **2.2.1.1.2. DO EQUIVALENTE GERAL À ACTUALIDADE**

##### **2.2.1.2. NOÇÃO DA MOEDA**

Existem, conforme as diversas escolas do pensamento económico, diferentes concepções de moeda. Podendo fazer referência a elas, centraria a atenção na observação histórica.

Esta postura histórica leva a privilegiar a explicitação das relações sociais em que a moeda está envolvida, a articulação entre o económico e o político, as diferentes funções da moeda e as formas materiais que pode assumir (os tipos de moeda é remetido para ponto seguinte)

#### **2.2.1.2.1. RELAÇÃO SOCIAL E SOBREDETERMINAÇÃO POLÍTICA**

Relação entre divisão social de trabalho e moeda

Relações inter-individuais e sociais preenchidas pela moeda.

o «direito de senhoreagem» e influências políticas sobre a moeda.

#### **2.2.1.2.2. FUNÇÕES DA MOEDA**

DESCRIÇÃO DE ALGUNS ASPECTOS DAS FUNÇÕES DA MOEDA NO PAÍS E, QUANDO NECESSÁRIO, DOS SEUS ENQUADRAMENTOS INTERNACIONAIS. PODENDO HAVER UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DEVE CONCENTRAR-SE SOBRE AS REALIDADES MAIS RECENTES.

Enunciação das funções económico-sociais preenchidas pela moeda nas diversas formações sociais e no capitalismo em particular.

Articulação inevitável entre diversas funções da moeda

Conflitos entre o preenchimento das diversas funções da moeda.

#### **2.2.1.3. SISTEMAS MONETÁRIOS**

O conceito de moeda corresponde, na realidade histórica, à coexistência de diversos tipos de moeda.

A cada tipo de moeda corresponde dinâmicas específicas de emissão, criação e destruição, o que faz com que a sua articulação recíproca seja sempre conflitual.

DESCRIÇÃO DESSES DIFERENTES TIPOS DE MOEDA E DOS MECANISMOS DA SUA ARTICULAÇÃO E DESARTICULAÇÃO. DETECÇÃO DOS PONTOS DE RUPTURA.

#### **2.2.1.3.1. TIPOS DE MOEDA**

#### **2.2.1.3.2. EMISSÃO E CRIAÇÃO DE MOEDA**

#### **2.2.1.3.3. REGRAS DE ARTICULAÇÃO E FUNCIONAMENTO**

Diversas possibilidades de articulação e funcionamento

Breve referência histórica da passagem do padrão-ouro ao padrão-divisa

Explicitação das regras de articulação em cada um desses sistemas.

#### **2.2.1.4. ALGUMAS PROBLEMÁTICAS**

Uma abordagem introdutória da moeda, como a que consta deste capítulo, exige que não se refiram diversos aspectos e, sobretudo, que não se desenvolvam algumas vertentes que são particularmente complexas.

Aqui apenas se faz uma ligeira referência a três pontos controversos, para mostrar que existem diversas questões em aberto

#### **2.2.1.4.1. ENDOGENEIDADE VERSUS EXOGENEIDADE**

#### **2.2.1.4.2. REPRODUÇÃO DO EQUIVALENTE GERAL**

#### **2.2.1.4.3. VALOR DA MOEDA**

### **2.2.2. O CRÉDITO**

#### **2.2.2.1. APONTAMENTOS HISTÓRICOS**

APRESENTAÇÃO DE UMA HISTÓRIA DA USURA E DO CRÉDITO NO PAÍS, EXIGINDO EVENTUALMENTE REFERÊNCIAS AO ENQUADRAMENTO INTERNACIONAL.

#### **2.2.2.1.1. DA USURA AO CRÉDITO**

#### **2.2.2.1.2. O INÍCIO DO CRÉDITO ATÉ À ACTUALIDADE**



### **2.2.2.2. NOÇÃO DE CRÉDITO**

Existem, conforme as diferentes escolas do pensamento económico, diversas concepções de crédito -- a que também está associada uma determinada terminologia. Podendo fazer referência a elas, centraria a atenção na observação histórica.

Esta postura histórica leva a privilegiar a explicitação das relações sociais em que o crédito está envolvido, as diferentes funções do crédito e as formas que pode assumir.

#### **2.2.2.2.1. CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS**

Elementos caracterizadores do crédito

Referências particulares à circularidade e ao juro.

#### **2.2.2.2.2. RELAÇÃO SOCIAL**

Especialização entre capitalistas industriais e capitalistas financeiros

Formas assumidas pelos capitalistas financeiros

##### **2.2.2.2.2.1. SISTEMA BANCÁRIO**

Referência específica ao sistema bancário

Funções dos bancos

Tipos de bancos

Bancos, emissão e criação monetária.

##### **2.2.2.2.3. TIPOS DE CRÉDITO**

DESCRIÇÃO DOS TIPOS DE CRÉDITO EXISTENTES. AS REFERÊNCIAS HISTÓRICAS NÃO DEVEM FAZER SUBESTIMAR A DESCRIÇÃO ACTUAL DA SITUAÇÃO.

##### **2.2.2.3. SISTEMA FINANCEIRO**

A articulação entre as diferentes instituições do sistema de crédito, entre os diversos tipos de crédito, as suas formas de reprodução e ruptura, moldam os sistemas financeiros.

Os sistemas financeiros nacional e internacional formam um todo indissociável. Explicitando esta vertente, por razões pedagógicas faz-se a decomposição seguinte.

#### **2.2.2.3.1. NACIONAL**

DESCRIÇÃO DO SISTEMA FINANCEIRO NACIONAL EXISTENTE.

#### **2.2.2.3.2. INTERNACIONAL**

### **2.2.3. RELAÇÕES ENTRE MOEDA E CRÉDITO**

Esta é das matérias mais discutidas ainda hoje e sobre as quais se têm elaborados muitos modelos. Deve-se evitar essas controvérsias (embora possam ser referidas) e explicitar algumas das vertentes da relação.

#### **2.2.3.1. BASE MONETÁRIA DO CRÉDITO**

O crédito exige moeda

#### **2.2.3.2. ORIGEM CREDITÍCIA DA MOEDA**

Hoje quase toda a moeda é moeda-crédito

#### **2.2.3.3. INSTITUIÇÕES MONETÁRIAS E FINANCEIRAS**

Entrelaçamento entre instituições monetárias e de crédito.

Formas de funcionamento conjunto

DESCRIÇÃO CONCRETA DA SITUAÇÃO NO PAÍS.

#### **2.2.3.4. ALGUMAS PROBLEMÁTICAS**

Explicitação de alguns problemas que ficam por analisar

##### **2.2.3.4.1. VALIDAÇÃO E PSEUDO-VALIDAÇÃO**

Da validação social à validação privada

Da validação privada à ante-validação social

Da ante-validação social à pseudo-validação social

#### **2.2.4. MERCADO E MOEDA**

Reanálise do ponto sobre mercados à luz dos conhecimentos históricos e económicos adquiridos sobre a moeda.

*3. distribuição*

*4. por uma visão de conjunto do funcionamento do económico*

### **5. COMENTÁRIO CRÍTICO**

### **6. LISTA DOS CONCEITOS PRINCIPAIS**

### **7. ANEXO INSTRUMENTAL**

(Não me parece que este anexo instrumental exija uma explicitação do conteúdo de cada um dos pontos)

#### **7.1. ELASTICIDADE**

**7.1.1. NOÇÃO DE ELASTICIDADE**

**7.1.2. ELASTICIDADE ARCO, PARA VARIAÇÕES DISCRETAS DAS VARIÁVEIS**

**7.1.3. ELASTICIDADE PONTO**

**7.1.4. REPRESENTAÇÃO E ANÁLISES GRÁFICAS**

**7.1.5. EXEMPLIFICAÇÃO E CONCRETIZAÇÃO A PROPÓSITO DAS FORÇAS DE MERCADO**

NOS SUBPONTOS SEGUINTEs, SEMPRE QUE POSSÍVEL, INTRODUIZIR DESCRIÇÕES DA REALIDADE.

**7.1.5.1. FUNÇÕES PROCURA E OFERTA**

**7.1.5.2. ELASTICIDADE PREÇO DA PROCURA. CLASSIFICAÇÃO DOS BENS**

**7.1.5.3. ELASTICIDADE RENDIMENTO DA PROCURA. CLASSIFICAÇÃO DOS BENS**

**7.1.5.4. ELASTICIDADES CRUZADAS**

**7.1.5.4.1. ELASTICIDADES**

**7.1.5.4.2. RELAÇÕES ENTRE BENS**

**7.1.5.4.3. ARITMÉTICA DAS RELAÇÕES**

**7.1.5.5. ARTICULAÇÃO ENTRE A NOÇÃO DE ELASTICIDADE PREÇO E O COMPORTAMENTO DAS CORRESPONDENTES FUNÇÕES DESPESA (OU RENDIMENTO)**

**7.1.6. RELAÇÕES ENTRE FUNÇÕES PROCURA E OFERTA E RESPECTIVAS ELASTICIDADES**

**7.1.7. ELASTICIDADES E ATRACTORES**

**7.1.8. ARITMÉTICA DAS ELASTICIDADES**

**8. BIBLIOGRAFIA**

**Observação final**

A síntese que ao longo tentei realizar entre Ciência Económica, Epistemologia da Economia e Pedagogia da Economia, entre diferentes correntes do pensamento económico, entre as leituras cartesianas ou kantianas do espaço-tempo de realização do económico e as contribuições vindas da teoria da relatividade geral, da física quântica e da teoria do caos, entre a lógica aristotélica, a lógica matemática e a dialéctica têm-me trazido a alegria exuberante da descoberta, a angústia do desconhecido, a alegria da liberdade intelectual e o desconforto do desajustamento em relação a todos os colégios constituídos.

Existe uma continuidade nas minhas preocupações, mesmo quando exigências profissionais ou solicitações exteriores me conduzem para temáticas aparentemente distanciadas destas questões. Talvez porque o professor e o filósofo habitem em mim como exigência intelectual e amor do trabalho por razões que desconheço e que talvez algum psicanalista consiga descobrir. Em nenhum momento limitou-se à dimensão da sobrevivência ou da obrigatoriedade de se fazer o que resta nas malhas apertadas da liberdade humana.

Contudo esta continuidade de preocupações é marcada por bruscas mudanças de rumo, umas premeditadas e resultado de um esforço para ultrapassar dificuldades de interpretação do mundo outras quase acidentais ao sabor de uma leitura ou de uma apreciação nova de um problema.

Hoje o que diria sobre os mercados e a procura aos meus alunos está expresso, nos limites do tempo, espaço e objectivos, nas páginas anteriores. Provavelmente dentro em breve estranharei que tenha sido relevante abordar tais assuntos pois considero-os universalmente adquiridos. Mais tarde descobrirei quão infelizes ou primitivas foram certas análises e estarei disponível e preparado para fazer outras leituras da mesma realidade.

É o futuro que constrói o passado. No futuro saberei quão passado é este trabalho que agora tive o prazer de apresentar.